



# COTRIJORNAL

ANO 12

IJUÍ, OUTUBRO DE 1985

Nº 129

## PECUÁRIA

### O gado de corte na Regional Pioneira

*A falta de crédito e a descapitalização do produtor impediram avanços da pecuária*

Página 22



Entusiasmo com a atual safra não pode ameaçar a diversificação

### Cuidado com a euforia

Página 4

## ECOLOGIA

### Viveiros do MS usam a adubação orgânica

*Projeto incentiva a recuperação do solo e conta até com criação de minhocas*

Página 12

# MOINHOS



# OS PRIMOS POBRES

*No clube dos moageiros, as unidades coloniais ainda não têm vez. Página 16 à 19*

**COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.**



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111  
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telax: 0552199  
CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N° 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

**ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente:**  
Oswaldo Olmiro Meotti  
**Vice-presidente/Pioneira:**  
Celso Bolívar Sperotto  
**Superintendente/Pioneira:**  
Antoninho Boiarski Lopes  
**Vice-presidente/Dom Pedrito:**  
Tânio José Bandeira  
**Superintendente/Dom Pedrito:**  
Valter José Pötter

**Vice/MS:**  
Nedy Rodrigues Borges  
**Superintendente/MS:**  
Lotário Beckert

**Conselho de Administração (Efetivos):**  
Luiz Neri Berschoner, Oscar Otto Hoerle, Ercilides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijn Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Vagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademir Luiz Comin.

**Suplentes:**  
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Alvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradela, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Pötter e Cândido de Godói Dias.

**Conselho Fiscal (Efetivos):**  
Antenor Vione, Frederico Antônio Stefanello e Ruy Adelino Raguzzoni.

**Suplentes:**  
Valter Luiz Driemeyer, Darci Aléssio e Antônio Cândido da Silva Neto.

**Diretores contratados:**  
Rui Polidoro Pinto, Renato Borges de Meeiros, Romeu Orlando Etgaton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t

**COTRIJORNAL**

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



REDAÇÃO:

Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés Mendes

CORRESPONDENTES:

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé  
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos

Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

**AO LEITOR**

Os moinhos coloniais fizeram parte da paisagem do Rio Grande do Sul durante muitas décadas. Mas começaram a desaparecer, no final dos anos 60, quando se instituiu o monopólio da compra estatal. E receberam o golpe fatal em 1972, no momento em que o governo decidiu criar o tal subsídio ao trigo. Hoje, alguns ainda resistem, e a maioria deles se dedicam à moagem do milho. O setor moageiro empresarial, por sua vez, se transformou num cartel, em que grandes grupos monopolizam a fabricação da farinha de trigo e outros derivados do grão. São estas empresas as mais preocupadas com um projeto que tramita no Congresso, prevendo o fim do monopólio estatal, a extinção do subsídio e a livre industrialização. Se aprovado o projeto, a nova lei poderá vir em socorro dos moinhos coloniais e, principalmente, da livre iniciativa, numa área que assegura, como nenhuma outra, as regalias de um mercado cativo a poucos privilegiados. **Página 16.**

Também o Rio Grande do Sul, a exemplo do Paraná e de Santa Catarina, passa a contar com um acampamento permanente de trabalhadores sem-terra. Mais de 8 mil pessoas ocuparam a Fazenda Annoni, em Sarandi, como forma de pressão contra a lentidão com que o governo encaminha seu plano de reforma agrária. Até agora, não há nenhuma proposta concreta de assentamento das famílias, que passaram a morar em barracos. Na verdade, o governo ainda não deu nem mesmo os primeiros passos para a elaboração dos planos regionais, dos quais depende a implantação da reforma. Enquanto a questão vai sendo empurrada com a barriga, possivelmente até as eleições do próximo ano, cresce a insatisfação entre os que apostavam numa mudança profunda da estrutura fundiária brasileira. **Página 14.**

A falta de tradição. Este tem sido o entrave principal para a expansão da pecuária de corte na região. Num segundo momento aparecem as restrições de crédito, o custo do dinheiro e o consequente esvaziamento das Feiras da região. Mas é uma opção excelente para entrar no sistema integrado de lavoura/pecuária, basta apenas que o produtor aplique mais em pastagens. A situação da pecuária de corte na região nas páginas 22, 23 e 24.

A 3ª Feira Nacional do Trigo, realizada no vizinho município de Cruz Alta veio para levantar a questão da viabilidade da cultura do trigo para a região. Para fortalecer tudo o que se disse, o trigo, num dos seus melhores anos, apesar de ter encontrado pela frente condições climáticas adversas ao seu desenvolvimento, ganhou pontos a seu favor e recuperou um pouco a sua imagem de cultura inviável para a região. Mas em meio as discussões de que o país e a própria região podem produzir mais trigo e quem sabe, num curto espaço de tempo, até chegar a auto-suficiência, vem um alerta: o perigo da empolgação. Aumentar as lavouras de forma excessiva, segundo o diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, na Região Pioneira, Renato Borges de Meeiros, significa menos área para o plantio de outras culturas como a cevada, a aveia, o azevém e a colza, excelentes opções para o sistema de rotação de culturas. Se o trigo aumentou de rendimento é graças a adoção, por parte dos produtores, de algumas práticas conservacionistas. O risco da euforia, a questão da auto-suficiência do trigo, estão na página 4.

A Cotrijuí já recebeu nesta safra, que nem está toda colhida, 3.818.757 sacos de trigo. O Mato Grosso, que plantou pouco mais de 184 mil hectares de trigo, colheu 2.375.386 sacos e a Região Pioneira, com uma área de 81.700 hectares, já colheu 440.132 sacos, superando a estimativa inicial de colheita em 36 por cento. Um levantamento do recebimento de trigo, aveia, colza e cevada na região, nas páginas 5 e 6.

Desde o dia 11 de novembro, os agricultores gaúchos estão contando novamente com um direito que não vem sendo assegurado nos últimos anos: o atendimento médico-hospitalar. Os médicos, que estavam desde 1º de outubro, boicotando a assistência, fizeram uma trégua com o INAMPS. Eles reivindicam reajustes nos valores que recebem como pagamento pelos serviços prestados, e irão esperar até o final de novembro. Se o governo não apresentar uma proposta à categoria, toda a lengalenga em torno do assunto estará de volta. E o agricultor, imprensado no meio dessa história, enfrentará de novo as mordidas das tais diferenças, se não estiver disposto a reagir. Última página.

**Compromisso com os jovens**

Eliane Sueli Bazana Everling

Todos nós estamos cada vez mais preocupados em tomar conhecimento de todo o processo de mudanças da sociedade, e ao mesmo tempo tentando participar dessa evolução. Mas ficam sempre algumas perguntas, quando se fala de transformação. As crianças, que daqui a pouco terão as decisões em suas mãos, estão sendo estimuladas a se sentirem engajadas e responsáveis?

O que nós, pais e professores, estamos fazendo para que crianças e adolescentes se sintam diante da possibilidade real de virem a assumir tarefas e definirem rumos para o país? Será que estamos certos quando forçamos nossos alunos e filhos a estudarem textos que já vêm prontos e completamente desvinculados de nossa realidade, ou quando se exigem respostas na base do famoso "x" ou da cruzinha?

É claro que ninguém tem receitas prontas para que essa situação se modifique, mas é no debate que encontraremos as saídas. Temos que trabalhar com as crianças a luta pela valorização da agricultura, do trabalho na lavoura. Crianças e adolescentes também não podem ficar alheios a assuntos como estes:

— os movimentos por uma reforma

agrária justa, que somente será conquistada com muita união, pois temos muitos latifundiários a barrar as tentativas de avanço dos agricultores.

— a Assembleia Nacional Constituinte, que deve ser exclusiva, para que expresse de fato os anseios da população brasileira.

— o estudo da realidade da nossa agricultura, na sala de aula e na comunidade, sem que se dispensem as inovações tecnológicas que venham realmente beneficiar o produtor.

— o uso abusivo dos agrotóxicos, que envenenam o homem e comprometem o meio ambiente.

Precisamos também incentivar a volta das hortas e pomares domésticos às nossas casas e nas escolas. Estimular a produção diversificada; ter acesso às informações destinadas ao meio rural, quando produzidas por pessoas comprometidas verdadeiramente com o agricultor.

Para que tudo isso aconteça, é preciso, em primeiro lugar, que aconteça uma integração entre a escola, a família, a cooperativa e, enfim, a comunidade. O departamento de Comunicação e Educação das cooperativas pode e deve investir

mais na formação do jovem, desenvolvendo um trabalho em conjunto com as escolas do meio rural.

Programas integrados, com o fornecimento de material didático e também através de palestras e reuniões, permitirão uma melhor visão de nossa realidade. Ao mesmo tempo, professores e alunos estarão melhor informados sobre o uso correto da moderna tecnologia, que na maioria das vezes não vem a serviço do agricultor. Precisamos dar o exemplo de ação e participação.



Eliane Everling é professora das escolas Ana Neri e Riachuelo, de Formigueiro, em A. Pestana, e aluna do curso de Ciências Exatas e Naturais da Fidene-Unijuf

## Julgada a convenção

Foi julgada pelo Tribunal Regional do Trabalho, no dia 13 de novembro, e já está em vigor, a convenção coletiva dos trabalhadores rurais de Ijuí, com valor retroativo a 1º de maio. Este ano, trabalhadores e empregadores não chegaram a um acordo, em maio, e a convenção foi encaminhada a Porto Alegre, para julgamento no TRT. O Tribunal aceitou uma reivindicação dos empregados, que o sindicato da categoria considera importante. O piso salarial, que era de um salário mínimo, passa a ser de um mínimo mais 10 por cento. Também foi estendida a todas as faixas salariais uma produtividade de 4 por cento sobre o valor do vencimento. Mas o TRT rejeitou um item da convenção, que reivindicava incentivo à educação. De acordo com o pedido, os empregadores custeariam as despesas com material ou matrícula escolar dos empregados e dependentes, com valor equivalente a 20 por cento do salário mínimo, por ano, a cada um dos estudantes. Outros itens da convenção também foram julgados, e serão divulgados na próxima edição do Cotrijornal. A convenção coletiva de Ijuí, que foi a primeira do Estado, implantada a partir de 1982, já está inspirando empregados e empregadores de outros municípios, como aconteceu este ano em Bagé, onde as partes decidiram utilizar o mesmo sistema para disciplinar as relações trabalhistas.



Desde 14 de novembro as crianças têm aula no acampamento

## Falta o brinquedo

O acampamento dos sem-terra, na Fazenda Annoni, certamente teria bem mais que 2.600 crianças, se todas as 2.500 famílias ali instaladas decidissem levar seus filhos para Sarandi. Muitos ficaram na casa de parentes, mas mesmo assim o local está tomado de gente miúda, algumas delas ainda de colo. Pois esta criançada, que já enfrentou o frio das madrugadas, agora enfrenta o calor, a água sem tratamento, a diarreia. Para complicar, eles não têm nem mesmo como brincar. Na pressa do final da tarde do dia 29 de outubro, para que a

ocupação acontecesse na madrugada do dia 30, quem iria se lembrar dos brinquedos? Não há carrinho de lata e madeira, nem gado de osso. A maioria sai das barracas para "ir à aula" ali mesmo, quando centenas de crianças ficam acoradas na sombra do mato diante de um professor improvisado. Para elas, a paisagem é estranha, e os pais fazem questão de evitar correrias no acampamento, para que ninguém se machuque. A saída é ficar a maior parte do dia perto das barracas. Ao pessoal da cidade, que visita a Fazenda e estranha o fato de que as crianças não têm com o que brincar, os agricultores tiram a resposta da ponta da língua: "Daqui a pouco eles dão um jeito nisso". Segundo eles, os brinquedos irão aparecendo, feitos de sucatas do próprio acampamento.

## Venenos terão nova lei

A legislação brasileira sobre agrotóxicos será totalmente revisada até o dia 5 de janeiro, quando termina o prazo para a comissão especial apresentar um esboço da nova lei, que ainda deverá ser apreciado pelo presidente José Sarney e depois enviado ao Congresso Nacional para aprovação. Para o ministro Pedro Simon, da Agricultura, a reformulação da legislação sobre o uso e comércio de agrotóxicos deve acontecer "sem paixões ou radicalismos", dentro de um consenso entre os 27 membros da comissão, coordenada pelo secretário-geral adjunto do Ministério da Agricultura, Alberto da Costa Monteiro. A comissão pretende ouvir pesquisadores, cientistas e toda a comunidade ligada ao setor, além de analisar os projetos de lei já apresentados na Câmara Federal e, também, as legislações estaduais. Em busca de uma legislação abrangente, a comissão terá total liberdade para analisar tudo que se relaciona aos agrotóxicos, desde decretos até portarias, informou o ministro Pedro Simon. Mas, enquanto não for aprovada a nova legislação, continuará vigorando a portaria assinada recentemente pelo ministro que proíbe a venda de organoclorados.

## Dispensa militar

A Câmara Federal poderá atender a uma antiga reivindicação dos agricultores. Está pronto e pode ser votado logo um projeto de lei do deputado Ibsen Pinheiro (PMDB), que prevê a dispensa de incorporação no serviço militar obrigatório de filhos de agricultores e trabalhadores rurais. Há muito tempo que os jovens residentes no meio rural se vêm obrigados a prestar o serviço militar principalmente em municípios das regiões de fronteira, longe de suas localidades de origem. Eles são, quase sempre, filhos de pequenos agricultores das zonas de minifúndio, e representam uma força de trabalho decisiva para a pequena propriedade. O projeto prevê que os dispensados ficarão, de qualquer forma, à disposição do Exército, para serem chamados quando for preciso o preenchimento de vagas. Não se sabe ainda se a proposta terá o apoio da maioria dos parlamentares na Câmara Federal.

## Maus pagadores

São Paulo, que concentra o maior número de especuladores com terra do país, é também o recordista nacional em atraso no pagamento do ITR (Imposto Territorial Rural). Dos 62 bilhões em tributos, que o Incra deveria arrecadar em 84, os paulistas pagaram somente 33,5 por cento. Os dados são do setor de cadastro do Instituto, que a partir de 20 de novembro vai intensificar as cobranças de ITR atrasados. O Rio Grande do Sul está em boa posição. Da arrecadação prevista em 84, os gaúchos pagaram 74,6 por cento. O Incra revela ainda que 25 por cento dos maiores devedores de ITR moram em São Paulo.

## Prefeitos eleitos pelo voto

Tenente Portela e Dom Pedrito, dois municípios da área de ação da Cotrijornal têm, 17 anos depois de transformados em áreas de segurança nacional, prefeitos eleitos pelo voto popular. Nas duas cidades, os novos prefeitos foram eleitos pelo PMDB, sendo que em Dom Pedrito o partido teve o apoio do PDT e do Partido da Frente Liberal. As eleições, realizadas nas capitais brasileiras e outros municípios, no dia 15 de novembro, serviram para mais um avanço da democracia. Em Tenente Portela, o vereador Odilo Gabriel, prefeito, e seu vice Alceu Borges Santos obtiveram 6.108 votos. Os candidatos do PFL, Mário Benjamin Lorenzon (prefeito), e do PDT, João Gheller Filho (vice), que concorreram em coligação, tiveram 1.332 votos; e Francisco Neves e Gildo Martens (prefeito e vice), do PDS, ficaram com 4.470 votos. Em Dom Pedrito, o prefeito eleito é o médico Quintiliano Vieira (do PMDB), tendo como vice o advogado Nelson Machado (do PDT). Eles somaram 13.212 votos, contra 4.078 de Flávio Saldanha (prefeito) e Canroberto da Rosa Rodrigues (vice), candidatos do PDS; e 798 de Dionil Machado (prefeito) e Francisco Ferreira (vice), do Partido dos Trabalhadores. As eleições tiveram também, pela primeira vez, a participação de eleitores analfabetos, que votam novamente no próximo ano, quando da escolha dos integrantes da Assembleia Nacional Constituinte, dos governos dos Estados, das Assembleias Legislativas, Câmara Federal e Senado. Os novos prefeitos eleitos a 15 de novembro tomarão posse em janeiro do próximo ano.



A mucuna incorpora grande quantidade de nitrogênio ao solo

## Mucuna faz sucesso

Até de Campina Grande, na Paraíba, chegou carta para o engenheiro agrônomo Carlos Pittol, responsável pelo Setor de Pesquisa da Cotrijornal em Mato Grosso do Sul, depois que o Cotrijornal e a primeira edição da revista Globo Rural divulgaram matérias sobre a mucuna preta. Outras cartas chegaram dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e também do Distrito Federal, todas elas pedindo maiores informações sobre o cultivo e as vantagens desta leguminosa muito empregada como adubação verde. A mucuna tem a propriedade de incorporar grande quantidade de Nitrogênio ao solo, em volume superior a 300 quilos por hectare. Pittol diz haver muita gente interessada pela mucuna preta, mas a dificuldade em

se obter informações e, principalmente, sementes, dificulta sua utilização como adubação verde. Para isso, a Cotrijornal desenvolve junto aos associados um trabalho de multiplicação de semente, com o objetivo de difundir ainda mais a cultura no Estado. Os resultados desse trabalho estão sendo repassados pelo agrônomo aos interessados de outros Estados, ressaltando que ainda temos muito a aprender sobre a mucuna preta.

As reportagens do Cotrijornal e da revista Globo Rural apontam, além da fixação de Nitrogênio ao solo, duas outras vantagens do plantio da mucuna, em especial quando consorciada com o milho: a inexistência de mato e também de carunchos.

# O risco da euforia

Em meio a uma certa euforia, o trigo parece que volta a recuperar um pouco a sua imagem, um tanto desgastada pelas tantas frustrações e colheitas magras das últimas safras. E em meio a essa empolgação já se fala até em auto-suficiência do trigo a nível de país, num curto espaço de tempo. Dentro desta nova situação, o trigo foi festejado e discutido durante a 3ª Festa Nacional do Trigo, realizada em Cruz Alta, no período de 25 de outubro a 03 de novembro. Mas foi durante o Simpósio Nacional sobre Tecnologia e Política do Trigo, que saiu o "Manifesto do Trigo", uma espécie de "grito do trigo", defendendo e pregando a viabilidade da cultura no Estado e na região.

Mas enquanto as discussões se aprofundam e geram polêmicas, o Rio Grande do

Sul, que plantou neste inverno 950 mil hectares, contra os dois milhões plantados na safra de 79, por exemplo, continua a sua colheita, se preparando para uma safra de 900 mil toneladas e um rendimento médio entre 800 a 900 quilos por hectare. Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, a lavoura de trigo atingiu, neste ano, 81.700 hectares e embora nem toda a colheita esteja pronta, calcula-se que esta poderá se reverter numa das melhores safras dos últimos 10 anos.

## REDUÇÃO DE ÁREA

Para o Renato Borges de Medeiros, diretor de Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, os bons resultados alcançados com o trigo neste ano na região, devem ser creditados, fundamentalmente, a redução de área, possibilitando que as lavouras não ocupassem solos cultivados com o próprio trigo, cevada, aveia e azevém nos dois últimos anos. Também neste inverno, de uma maneira geral, as lavouras de trigo foram semeadas nas melhores áreas da propriedade.

O Renato Medeiros admite, que para o próximo ano, as lavouras de trigo apresentem algum crescimento, "mas jamais em ritmo de euforia". Com segurança, acredita que a área na região da Cotrijuí possa ficar ao redor dos 100 mil hectares. Alerta para o perigo de uma lavoura muito grande, pois corre-se o risco de repetir trigo sobre trigo, sem que o solo possa ficar dois anos sem ser cultivado com outras culturas de inverno, como a colza, e as pastagens. "Se isso realmente voltar a acontecer, como já ocorreu em anos anteriores, seria um grande retrocesso no estágio atual". O produtor terá de admitir, definitivamente, que o período de inverno, além de produzir grãos, é a melhor oportunidade para recuperar o solo com culturas conservadoras.

### Demonstrativo da área e produtividade do trigo na Região Pioneira, na Cotrijuí

Ano	Área (ha)	Produt. (kg/ha)
1980	177.501	469
1981	90.400	1.170
1982	166.600	434
1983	81.500	989
1984	70.180	566
1985	81.700	1.058 *

\* Previsão de safra  
Fonte: Informativos Semanais Safras - Ditec - Cotrijuí



O trigo se recupera e faz uma safra cheia

## A QUESTÃO DOS CUSTOS

Outro aspecto levantado pelo Renato Medeiros diz respeito a questão dos altos custos de produção do cereal no Brasil. "Isso é um aspecto que não pode ser desconsiderado quando se discute a questão do trigo", diz. Segundo ele, o trigo colocado em Buenos Aires, Argentina, está a 94 dólares a tonelada - Cr\$ 51.200 o saco -. Em Chicago, ele vale hoje 3,3 dólares o bushel (que corresponde a 83,80 dólares por tonelada e Cr\$ 45.600 o saco -. "Se compararmos esses valores com o preço que o governo brasileiro paga pelo produto, do ponto de vista do mercado internacional, temos o mais alto custo de produção". A partir da edição do subsídio à farinha, a situação fica ainda mais grave, elevando o preço total do trigo para 248 dólares a tonelada ou Cr\$ 135.000 pelo saco. Não é para menos que o Ministério da Agricultura está orçando, para o próximo ano, uma despesa com subsídio, de Cr\$ 30 trilhões.

Por essa razão ele acredita que está na hora de se discutir culturas alternativas para a produção de farinha, como o milho e mandioca. A mistura de farinha de milho à do trigo, aprovada por portaria da própria Sunab, segundo o Renato Medeiros, poderia proporcionar uma redução nos gastos do governo com a importação do cereal. Renato Zandonadi, Gerente Nacional de Trigo levanta essa mesma questão num artigo publicado no suplemento "Provarzeas e Profir". Ele diz que além da substituição direta do consumo de trigo e seus derivados pelo milho e também derivados, já é facultada a adição à farinha de trigo de outras farinhas panificáveis para o consumo humano, como a de milho, arroz, soja, sorgo e raspa de mandioca, até um percentual de 10 por cento.

É claro, segundo o Renato Medeiros, que não se pode deixar de plantar trigo, mas frisa que o Brasil não deve conti-



Renato Borges de Medeiros

nuar produzindo com uma defasagem de preço tão elevada em relação aos demais países, como a Argentina, por exemplo. Isso acontece na sua opinião porque o Brasil está inserido num mundo que inclui a totalidade das relações econômicas internacionais comandadas pelas relações de mercado. "Significa que o custo de produção de qualquer atividade agrícola que formos realizar no país ou na região, deve ser relacionada com os custos de produção dos demais países concorrentes". Os países que produzem mais barato, seja qual for o produto, estão pressionando e disputando, dentro do nosso mercado, a colocação de seus produtos, desde que competitivos. Por essa razão acredita que é preciso relacionar a questão da auto-suficiência com as relações de mercado internacional.

Concorda que sempre existe, nas políticas de auto-suficiência o aspecto de economia de divisas (dólares) para as importações. Entretanto, admite que se essa auto-suficiência for realizada em cima de insumos importados, também estará se gastando mais dólares e encarecendo a produção interna e conseqüentemente, gerando a perda da competitividade em relação aos preços internacionais.

# Ficou só no susto

As chuvas que caíram intensamente na região deram um grande susto nos produtores, que até já nem estavam mais acreditando num bom desempenho das lavouras. Nesse período, que se estendeu de meados do mês de agosto a 20 de setembro, a umidade relativa do ar chegou a ultrapassar 80 por cento, enquanto a precipitação pluviométrica atingiu, na região, 481 milímetros. A média de insolação registrada foi de três horas por dia. Comparando estes três componentes climáticos, fundamentais para o bom desempenho da lavoura, com o que ocorreu a partir desta data até o momento, com a umidade relativa registrando 65 por cento, a precipitação ao redor de 70 milímetros e a média de insolação em 10 horas/dia, nota-se que o trigo deu uma reviravolta e surpreendeu.

As mudanças ocorridas nas condições climáticas, o término das chuvas a partir do dia 20 de setembro, mais do que nunca, serviram para renovar as esperanças dos produtores, que já se preparavam para colher mais uma safra frustrada. As demais variedades como a BR-4, BR-5, CEP-11, CEP-14 e Minuano e a tardia CNT-8, segundo o Renato Borges de Medeiros, puderam de "forma quase milagrosa", se recuperar em tem-

po, chegando ao final da colheita com um rendimento médio que deverá ficar ao redor dos 1.100 quilos por hectare.

Algumas variedades mais precoces, como a Maringá, por exemplo, sofreram bastante com as chuvas e chegaram ao final da colheita com um rendimento médio de 600 quilos por hectare.

## A ROTAÇÃO

Na recuperação das lavouras, seriamente atingidas pelo excesso de chuvas, contou pontos o capricho do produtor no manejo do solo. Segundo o Renato Medeiros, nesse inverno ficou comprovado mais uma vez, que a rotação de culturas, "tão antiga quanto a própria agricultura", possibilitou que muitas lavouras atingissem rendimentos superiores a 30 sacos por hectare. Os produtores que se utilizaram de rotações mais longas, com a ocupação do solo por pastagens perenes, como a alfafa e os trevos misturados a gramíneas, atingiram rendimentos por hectare ainda mais elevados. Da mesma forma tiveram bons rendimentos aqueles produtores que procuraram ocupar o solo, por mais de dois anos, como a colza e a linhaça.

O mesmo se pode afirmar, segundo o diretor da Ditec, dos rendimentos obtidos com o trigo plantado em áreas,

onde por dois anos consecutivos, vinham sendo ocupadas pela colza ou a linhaça no inverno e o milho no verão. Além de alguns trabalhos realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí, os próprios produtores já tiveram a oportunidade de comprovar a eficiência desse sistema de rotação.

## A AÇÃO DOS FUNGICIDAS

Segundo o Renato Medeiros, não se pode negar que os fungicidas, em certos casos, também apresentam efeitos positivos no aumento do rendimento do trigo. Porém, ressalta, que esse efeito só deverá acontecer naquelas lavouras em que o produtor faz o manejo correto do solo, utiliza o sistema de rotação de culturas, a adubação correta e sementes de boa qualidade. "Entretanto, observa, é bom salientar que não se pode esperar milagres dos fungicidas e nem encará-los como uma técnica milagrosa, que vem para salvar o trigo. É apenas mais uma técnica complementar a ser empregada ao lado de outras, como a rotação de culturas, por exemplo. "Evidentemente que o associado que realizar todas as práticas recomendadas para o cultivo de uma lavoura e desejar usar fungicidas, terá o apoio da área técnica da Cotrijuí", finaliza Renato.

# Recebimento supera previsões

A região colheu neste ano uma de suas maiores safras de trigo dos últimos 10 anos. Na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, onde o trigo ocupou 81.700 hectares de lavoura, foram colhidos e entregues na Cooperativa 1.440.132 sacos do cereal, contra 661.251 sacos colhidos na safra 84 e plantados numa área de pouco mais de 70.000 hectares. A produção de trigo/semente da região ficou em 164.753 sacos. No Mato Grosso do Sul, também computando dados apenas da área de ação da Cotrijuí e onde a lavoura de trigo alcançou os 184.271 hectares, a produção total entregue na Cooperativa foi de 2.375.386 sacos (ver matéria de trigo no Mato Grosso do Sul na página 6). Computando os números das três regionais - Pioneira, Mato Grosso e Dom Pedrito - a Cotrijuí recebeu nesta safra um total de 3.818.757 sacos, podendo chegar, até o final das colheitas, aos 3.900.000 de sacos.

Segundo o Clóvis Rorato de Jesus, diretor de Operações e Comercialização da Cotrijuí na Pioneira, o recebimento de trigo da região, neste ano teve um crescimento de 123 por cento em relação a produção entregue na safra anterior e deverá ficar ao redor de 36 por cento acima da previsão inicial de recebimento feita logo após o término do plantio da lavoura. De acordo com a estimativa inicial, feita com base na média de recebimento dos últimos anos, a Cotrijuí estava se preparando para receber 1.100.000 sacos de tri-

go. "A estimativa inicial de recebimento foi superada, diz o Clóvis de Jesus, e esperamos chegar ao final da colheita com 1.500.000 sacos de trigo.

A Unidade de Ijuí (ver quadro abaixo), recebeu neste ano (até o dia 20 de novembro) 393.900 sacos de trigo. Na safra anterior havia recebido pouco mais de 200.323 sacos. Santo Augusto recebeu 255.950 sacos; Tenente Portela 253.800 sacos; Coronel Bicaco 121.133 sacos e Chiapetta 101.800.

## O CLIMA E A CONFIANÇA

Esse aumento no recebimento em mais de 330.000 sacos de trigo, de acordo com o diretor de Operações e Comercialização, tem muito a ver com o crescimento da área de lavoura na região e com as boas condições climáticas que ocorreram no final de formação e maturação do trigo. Mas também contou a confiança do produtor em relação a Cooperativa. Essa confiança pode ser medida pela volta de antigos associados, que já algum tempo não vinham mais operando com a Cotrijuí, mas que nesta safra entregaram a sua produção. "Isso significa, diz o diretor, que o associado está confiante no trabalho que a Cooperativa vem realizando".

Além do aumento da área, ele diz que também é preciso considerar que nesta safra, um maior número de produtores passou a utilizar práticas mais adequadas no cultivo de trigo. Essas práticas, como o bom manejo do solo, plantio de maior número de variedades, e a rotação de cul-

turas, têm contribuído para o aumento do rendimento da planta, transformando-o numa alternativa importante para a região.

Para o associado, castigado pelos preços da soja, essa safra de trigo veio em cheio para livrá-lo do sufoco. O produtor que ainda estava endividado, está tendo então a chance de se recuperar com o trigo e pagar pelo menos parte das dívidas. Para a Cooperativa, segundo o Clóvis de Jesus, essa safra vai representar, além de um aumento na receita, uma diminuição

nos custos.

Fora trigo, a região colheu bem apenas a cevada, 48.220 sacos, contra os 44.912 colhidos na safra passada. A aveia rendeu uma colheita de pouco mais de 9.500 sacos, sendo que em 84, ela alcançou 67.484 sacos. As chuvaradas que ocorreram até 20 de setembro foram responsáveis pelo fracasso da aveia. A linhaça rendeu 11.082 sacos e a colza pouco mais de 1.000. Estas duas culturas também foram atingidas pelo excesso de chuvas.

Recebimento de trigo pela Cotrijuí, Safras 1984 e 1985

Unidade	Quantidade/sacos	
	1984	1985
Ijuí	200.323	393.900
Santo Augusto	130.784	255.950
Tenente Portela	102.698	253.800
Jóia	41.631	77.833
Coronel Bicaco	37.064	121.133
Chiapetta	32.561	101.800
Ajuricaba	39.396	100.816
Augusto Pestana	57.370	88.000
Esquina Umbu	19.421	46.900
<b>Total R. Pioneira</b>	<b>661.251</b>	<b>1.440.132</b>
Dom Pedrito	9.516	3.239
Mato Grosso	661.113	2.375.386
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.331.880</b>	<b>3.818.757</b>

Fonte: Departamento de Controles Administrativos

## O segredo: a rotação de culturas

Este foi um ano de sorte para o seu Jacques Delaflora, proprietário de 15 hectares de terra na localidade de São Valério, no município de Santo Augusto. Depois da frustração que teve com o trigo na safra passada, ele colheu, numa área de 10 hectares, onde havia plantado a variedade BR-5, 32 sacos por hectare. Da variedade CNT-8, que apresentou menor rendimento, colheu 20 sacos por hectare.

Para seu Jacques todo o segredo de uma boa colheita está na adoção, por parte do agricultor, de algumas práticas conservacionistas de solo. Ele conta que foi melhor com a variedade BR-5, porque havia feito a lavoura em uma área de pouso. "A terra estava descansada do trigo e a variedade também se mostrou bastante resistente ao ataque de ferrugem", conta. Acredita que se tivessem aparecido uns dias de sol, na época da chuvarada, a colheita ainda seria maior, pois toda a floração da planta ocorreu nesse período.

A variedade CNT-8, de menor rendimento, foi plantada justamente numa área, onde na safra passada, tinha sido ocupada pela cultura. Mas ele diz que não é só isso. O produtor que quiser fazer uma boa colheita, tem que ser mais caprichoso com a terra. "O que se tira da terra, tem que se devolver e isso o produtor pode fazer com a rotação de culturas. Nessa área onde plantei o trigo nesse inverno, o ano que vem vou plantar aveia ou azevém".

De resto, seu Jacques conta que fez a lavoura dentro das recomendações técnicas, usando 250 quilos de adubo por hectare. "Sem adubo já está visto que nem adianta fazer a lavoura. Depois é só largar nas mãos de Deus e esperar que o tempo corra bem para a planta. Fiz a minha lavoura e não apliquei nada e produzi do mesmo, com um rendimento que há 14 anos eu não colhia". Também acha que a época de plantio conta pontos. Por experiência, prefere plantar o trigo nem muito cedo e nem muito no tarde, entre 10 de maio a, no máximo, 15 de junho. E uma olhadinha nas fases da lua, se-



Jacques Delaflora

Eva Thalheimer

João Hélio Tisott

gundo seu Jacques, também não faz mal. "Gosto de plantar o trigo entre a lua crescente e a cheia".

### POR CONTA

No ano passado o seu Jacques fez a lavoura de trigo por conta. Plantou cinco hectares e perdeu toda a planta com a geada. Esse ano fez 10 hectares financiados, mas mesmo assim, acha que o agricultor tem que se ver livre, o quanto antes, do dinheiro dos bancos. Dos 10 hectares de lavoura financiada, terá de pagar quase Cr\$ 20 milhões ao banco, "uma quantia bastante alta". "A minha sorte é que o trigo deu bem". Para o ano está planejando plantar por conta novamente. Como não tem onde guardar a semente, pegou o dinheiro de 25 sacos de trigo e colocou na poupança. "No ano que vem, na época do plantio, tiro o dinheiro e compro a semente. Foi a saída que encontrei".

Também o seu Ivo Thalheimer, de São Valério, plantou quase toda a lavoura de trigo por conta. E o rendimento, como conta a dona Eva, a sua esposa, foi dos melhores dos últimos anos. Plantaram 10 hectares com a variedade Minuano e conseguiram colher 400 sacos, num rendimento de 40 sacos por hectare. No restan-

te da área, plantaram as variedades Maringá e CNT-8. O rendimento ficou em torno de 20 sacos por hectare. Conta a dona Eva:

"Tenho a impressão de que a variedade Minuano é mais resistente que as demais, porque todas foram plantadas no mesmo dia e com a mesma quantia de adubo, 100 quilos por hectare. Talvez tenha ajudado um pouco o fato de termos plantado a variedade Minuano em cima de uma terra mais descansada. Essa foi a terceira lavoura, dessa área, depois de um ano de pouso".

### COMPARAÇÃO

O seu João Hélio Tisott, de Rosário em Augusto Pestana, plantou, neste inverno, 50 hectares de trigo, das variedades BR-5, CNT-8 e Minuano. Ainda não fez toda a colheita, mas acredita que poderá tirar uma média de 30 sacos por hectare.

Para fazer uma experiência o seu João Hélio fez uma aplicação de fungicida, para combater a ferrugem, em 15 hectares de lavoura, na área onde havia plantado a variedade CNT-8. Já colheu a metade da lavoura e está tirando uma média de 30 sacos por hectare. Em compensação, não fez nenhuma aplicação na lavoura

com a variedade Minuano e também está colhendo uma média de 30 sacos por hectare. Só não está colhendo bem o BR-5. Ele conta a razão:

"Essa variedade foi plantada mais no cedo e pegou toda a chuvarada bem na fase de granação. O rendimento vai ficar numa média de 20 sacos por hectare".

Como a experiência que fez com o fungicida não apresentou nenhum resultado, seu João Hélio anda meio em dúvida com relação aos efeitos do produto sobre a planta. E compara essa lavoura com a outra, plantada com a variedade Minuano, que não recebeu nenhum tratamento e apresentou o mesmo rendimento. "Talvez se tivesse corrido um tempo brabo, com muita chuva e temperatura baixa, o tratamento mostrasse algum resultado, mas por enquanto, só me encareceu a lavoura". Na aplicação do fungicida em 15 hectares, ele gastou Cr\$ 7.500.000.

De toda essa experiência, o seu João Hélio tirou uma conclusão: a planta só vai produzir se o produtor cuidar melhor da terra. Acha que o melhor fungicida para o trigo é ainda a rotação de culturas. "Tenho tido muito cuidado com a minha terra e entre as práticas que não dispensei, está a rotação de culturas, que venho fazendo religiosamente há cinco anos", diz ele. Foi justamente depois que começou a cuidar melhor do solo, que deixou de pegar Proagro. "Faz cinco anos que não sei o que é um fracasso no trigo. Mas também as minhas lavouras sempre recebem toda a adubação necessária, que sem adubo, planta nenhuma produz".

Nesse inverno plantou o trigo em cima da linhaça e da cevada. Outro tanto da lavoura, onde foi plantada a variedade Minuano, ele fez numa área que há três anos estava em pouso. "Está comprovado que o produtor pode produzir trigo sem aplicar tanto dinheiro. Basta apenas que ele cuide melhor do solo e faça uma boa adubação". Usa, em média, 200 quilos de adubo por hectare.

# Trocando de mãos

Sucesso do trigo entre os pequenos deve estimular os médios e grandes produtores do MS

A grande produção de trigo em Mato Grosso do Sul na safra deste ano mostra que o cereal encontrou no solo e clima do Estado as condições necessárias para um perfeito desenvolvimento, a ponto de se tornar a principal opção econômica para o período de inverno. Foram as pequenas propriedades que responderam pela maior parte dos 184.271 hectares cultivados com trigo, mas já se espera uma inversão para a próxima safra. A Diretoria Agrotécnica em Mato Grosso do Sul prevê que em 1986 as médias e grandes propriedades serão as responsáveis pelo aumento da área destinada a cultura, hoje estimado em pelo menos 100 por cento.

A inversão deve acontecer porque os médios e grandes produtores são os que apresentam melhor estrutura para as culturas anuais. Isto não quer dizer que o trigo desaparecerá das pequenas propriedades. A área de trigo nestas propriedades até pode permanecer inalterada, mas elas deverão se voltar também a outras atividades, como forma de garantir ainda mais a sobrevivência.

O trigo foi introduzido no Mato Grosso do Sul justamente pelos pequenos proprietários, que buscaram na Região Sul a tecnologia básica para o plantio. Deixavam assim de depender de apenas uma cultura anual, cujos resultados financeiros nem sempre foram suficientes para a manutenção da família o ano todo. Os principais resultados não foram muito animadores, a ponto da cultura não ter apresentado um desenvolvimento excepcional.

Só com o apoio dos órgãos de pesquisa, entre eles a própria Cotrijuí, é que o trigo assume importante papel na economia dos produtores. A introdução de variedades adaptadas às condições de clima e solo, entre outros melhoramentos técnicos, teve como resultado uma produtividade crescente, cujo ponto máximo foi alcançado na última safra.

A partir dos resultados dos trabalhos da pesquisa e da experiência dos pequenos produtores é que os médios e grandes irão formar suas lavouras, estimulados pela produtividade média de 1.800 quilos por hectare — em algumas lavouras chegando a 2.400 quilos — média que contrasta com a de alguns anos anteriores, quando estava em torno de 900 quilos por hectare.

## EXCEPCIONAL

“A excepcional safra tritícola em Mato Grosso do Sul está diretamente ligada ao tempo ocorrido no período”, afirma o engenheiro agrônomo Márcio Portocarrero, gerente Agrotécnico da Regional MS, acrescentando que o regime de chuvas e a temperatura foram fatores decisivos ao resultado alcançado. Uma orientação técnica mais eficiente também contribuiu para o bom desempenho do trigo. Foram informações sobre as melhores épocas de plantio, de espaçamento e densidade, entre outras que ajudaram os produtores a colher uma safra recorde.

Os dados fornecidos pela pesquisa sobre as melhores variedades, recomendadas para solos de mata ou de campo e de maior tolerância ao alumínio tóxico (solos de campo), também pesaram muito. Afinal, até dois ou três anos atrás se plantava trigo no Mato Grosso do Sul com a mesma tecnologia empregada no Rio



Cooperativa recebeu 60 por cento da produção de trigo no MS

Grande do Sul, por exemplo.

O trigo é viável em Mato Grosso, diz Márcio Portocarrero, lembrando porém que o sensacionalismo que se fez sobre o sucesso da cultura este ano pode ser perigoso aos produtores. Grande parte do sucesso, volta a lembrar, é decorrente do clima excelente, o que não pode ser confundido como uma regra geral, ou seja, não se pode esperar que estas condições favoráveis se repitam nas próximas safras. Plantar trigo em 86 só porque o rendimento este ano foi excepcional pode frustrar os produtores, pois não se sabe se choverá nos momentos oportunos. O produtor deve procurar junto aos técnicos orientações sobre o preparo ideal do solo, adubação adequada, sobre as variedades e, principalmente, sobre os pontos de sua propriedade mais favoráveis ao plantio do trigo. Só assim estará reduzindo os riscos de uma frustração acentuada.

Ainda assim, o gerente Agrotécnico da Regional MS estima que a área de trigo deverá dobrar no próximo ano, especialmente pela adesão dos médios e

grandes produtores a esta cultura. Boa parte deste crescimento poderá ser atribuída, entretanto, ao resultado da safra deste ano, quando muitos produtores se livraram da falência iminente em função da má comercialização da soja.

## COBERTURA

A área ocupada pelas culturas de inverno em Mato Grosso do Sul não chega a 10 por cento do solo ocupado no verão. Isto traz conseqüências sérias para a conservação do solo, cujas características são favoráveis a erosão. Para isso, a cooperativa tenta desenvolver junto aos associados a consciência de que é preciso cobrir o solo nos meses de inverno. Nesse trabalho, a aveia tem desempenhado importante papel, sendo hoje a segunda cultura em área nesse período do ano.

A pesquisa, em termos regionais, ainda é carente em alternativas para esta época do ano. O pouco que se tem feito nesta área já permite o aperfeiçoamento de um modelo agrícola adequado às condições de clima e solo, reduzindo a trans-

ferência de tecnologia que hoje ocorre.

Os resultados alcançados com a aveia no último ano, especialmente a aveia preta, permite uma previsão de que sua área de cultivo dobrará no próximo ano.

Afora a aveia, outras culturas também têm apresentado bom resultado em Mato Grosso do Sul, especialmente a nível de pequenas propriedades, é o caso da ervilhaca, do azevém, do centeio e do tremoço, geralmente usadas para a cobertura do solo.



COTRIEXPORT —  
CORRETORA DE  
SEGUROS LTDA.

INVESTIMENTO EM SEGURO,  
SEJA INCÊNDIO, VEÍCULOS,  
ROUBO, VIDA, ACIDENTES  
PESSOAS E OUTROS,  
REPRESENTA  
TRANQUILIDADE CONTRA  
AS INCERTEZAS DO  
DIA-A-DIA.

A COTRIJUI ATRAVÉS DE  
SUA CORRETORA DE  
SEGUROS, PRESTA TODAS  
AS INFORMAÇÕES E  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513  
fone 332-2400 ou 332-3765  
ramal 364.

Em Porto Alegre: Av. Júlio de  
Castilhos, 342 — 5º andar —  
fone 21.08.09

## Os números da safra

A área plantada com trigo cresceu 23,6 por cento em relação a safra anterior, passando de 149.039 para 184.271 hectares. Este dado praticamente é ignorado quando se cita o volume de produção alcançado no Estado: 243.282 toneladas, contra 108.775 do ano anterior. O crescimento foi, portanto, de 123,6 por cento, o que justifica plenamente a euforia dos produtores, ainda mais depois de uma fracassada comercialização da soja.

Do volume total produzido em Mato Grosso do Sul a Cotrijuí recebeu 142.506 toneladas, o que corresponde a praticamente 60 por cento da produção. A unidade que mais se destacou em recebimento de trigo foi a de Dourados, com 36.848 toneladas, vindo em segundo lugar o posto de Indápolis, com 15.949 toneladas, e em terceiro o posto de Caarapó, com 14.354 toneladas.

Outro motivo para a euforia dos produtores é a qualidade do produto colhido. O mapa de Controle Físico e Financeiro da Safra de Trigo mostra que o Ph médio do produto foi de 80,2, fator que contribuiu para uma melhoria no preço final do produto. O preço médio de compra até o dia 5 de novembro, quando cerca de 95 por cento da safra estava comercializada, era de Cr\$ 1.867 por quilo, com o que se obteve um valor bruto de venda superior a Cr\$ 263 bilhões.

O quadro social da cooperativa teve expressiva participação na entrega do produto, cujo recebimento cresceu 358 por cento em relação a safra passada, ou seja, 142.123 toneladas em 1985 contra 39.700 do ano anterior. Deste volume, cerca de 70 por cento foram provenientes de associados da Cotrijuí em Mato Grosso do Sul.

# PISCICULTURA

*Criada para dar suporte a atividade na região, a Estação de Piscicultura tem como meta distribuir, até o final do ano, em torno de 700 mil alevinos.*



Um açude de apenas um hectare pode produzir até quatro toneladas de peixe por ano

## A necessidade de uma programação

"A piscicultura é uma atividade tão simples como qualquer outra", diz o Altamir Antonini, responsável técnico pela Estação de Piscicultura do Centro de Treinamento. Justamente por essa sua característica, ela pode ser mantida de forma integrada com a suinocultura, com a avicultura, a pecuária e a lavoura, aproveitando todos os resíduos da propriedade, e produzindo carne de baixo custo.

Foi na intenção de dar suporte a expansão da atividade na região, que a Cotrijuí, por volta de 1982, em convênio com a Sudepe - Superintendência de Desenvolvimento da Pesca - instalou no Centro de Treinamento, em Augusto Pestana, uma estação de Piscicultura, responsável pela distribuição de alevinos a produtores da região e a terceiros. Desde que intensificou o trabalho de reprodução, a Estação já distribuiu por volta de 250 mil alevinos das mais diversas espécies.

### PROGRAMAÇÃO

Mas apesar do trabalho da Cotrijuí e do interesse de alguns associados, a maioria dos produtores da região continuam produzindo peixes apenas para ser consumido na Semana Santa, sem se preocupar com o resto do ano. "O produtor, diz o Altamir, é levado pela tradição que existe de só comer carne de peixe nesse período, mas é uma idéia que precisa mudar. E tem que começar pelo próprio produtor. Ele tem que criar o hábito, dentro da propriedade, de consumir carne de peixe, pelo menos uma vez por semana". Se o produtor se programar direitinho, ele poderá produzir peixe, não apenas para ser consumido na Semana Santa, mas durante todo o ano. Essa programação deverá ser feita num trabalho integrado entre Cotrijuí e produtor. "Se conseguirmos estabelecer um cronograma de produção para todo o ano, vamos facilitar a comercialização e todo o produto excedente poderá ser colocado nos próprios mercados da Cooperativa", explica.

Como quase toda a despesca dos açudes da região é feita no período que antecede a Páscoa, durante todo o resto do ano o abastecimento dos mercados da Cotrijuí é feito com peixes congelados, vindos dos rios Paraná e Miranda, no MS. Existe um potencial de produção muito grande na região - em torno de 2.500 açudes naturais -, que segundo o Altamir precisam ser melhor aproveitados. Um açude bem conduzido, com um manejo adequado e lotado com carpa espelho ou nilótica, pode alcançar uma produção de quatro a cinco toneladas por hectare/ano.

### ÉPOCA IDEAL

De acordo com o Altamir o ideal seria o produtor fazer o peixamento de seus açudes na primavera. "Essa é a época de maior produção de alevinos, explica ele. Por outro lado ele lembra que tecnicamente já está comprovado que o potencial de crescimento de um peixe é muito maior na sua primeira fase de vida. Se o peixamento for feito justamente na primavera ou um pouquinho antes, o alevino vai pegar praticamente oito meses com temperatura própria para o seu desenvol-

vimento, ao contrário do que ocorre quando ele faz a despesca na Semana Santa.

O produtor tem ainda uma outra vantagem ao fazer a despesca na primavera. Como é nesse período que ocorre a maior produção ele tem a oportunidade de pegar alevinos de boa qualidade, de poucos dias de vida e de acordo com a sua necessidade. Geralmente em março ou abril, a oferta de alevinos é muito pequena, pois grande parte já foi distribuída e nem sempre é possível atender a todos os pedidos.

### AS ESPÉCIES DO CTC

Entre as espécies mais procuradas, a carpa espelho vem ganhando seguramente a preferência dos produtores da região. É um peixe de características rústicas e de bons hábitos alimentares, aproveitando muito bem os resíduos da propriedade. Já a nilótica ou a tilápia do Rio Nilo, como também é conhecida é mais procurada pelos consumidores por apresentar carne de excelente sabor. Mas é um peixe bastante prolífero. Essa característica atrapalha um pouco o seu desenvolvimento em função da competição pelos alimentos. Devido a esse problema, têm-se procurado distribuir apenas alevinos machos aos produtores. Assim, o produtor sai ganhando duas vezes, pois além dos machos crescem em média 70 por cento a mais do que as fêmeas, ele estará eliminando o problema da superpopulação dentro do açude.

Uma maneira bem simples de controlar o excesso de população, recomendada pelos técnicos, é introduzir no açude, junto com a nilótica, um peixe carnívoro. Como se alimentam quase que exclusivamente de peixes, eles se responsabilizam pelo controle natural e ainda possibilitam que a própria nilótica apresente uma melhor produção.

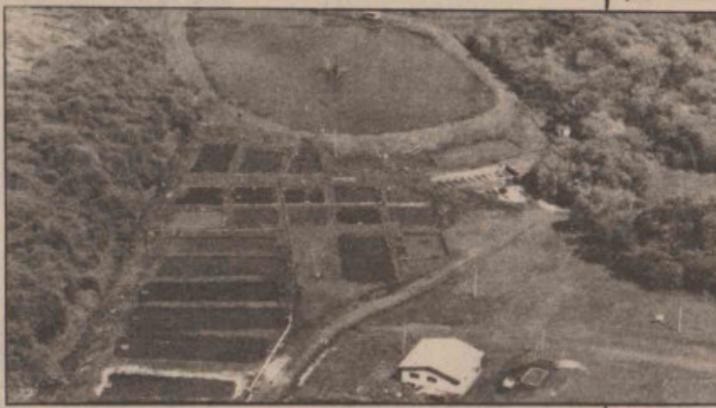
Das espécies nativas, a Cotrijuí, através do Centro de Treinamento, já produziu e distribuiu alevinos de jundiás, um peixe de rio, de couro e de carne de boa qualidade e que tem como característica não se reproduzir em águas paradas.

O CTC também começa a trabalhar e avaliar o desempenho de novas espécies de peixes, como a carpa prateada e a carpa capim, trazidas do Cerla - Centro Regional Latino Americano de Aquicultura -, de Pirassununga, em São Paulo. Qualquer uma destas carpas, segundo o Altamir pode produzir até três quilos em um ano. A carpa capim é essencialmente herbívora e a prateada é fitoplantófaga, ou seja, alimenta-se quase que exclusivamente de algas que se desenvolvem na superfície da água.

O próximo passo é trazer da Codevasf - Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco -, a carpa cabeça grande, que ao lado das demais espécies, servirá para incrementar a produção de peixes em policultivo - a produção de várias espécies num mesmo açude.

## Reforçando a diversificação

*A Estação de Piscicultura, instalada no Centro de Treinamento da Cotrijuí, a 17 quilômetros de Ijuí, tem sido responsável pela produção e distribuição de alevinos de diferentes espécies, atingindo não apenas o quadro social da Cooperativa, mas também produtores não associados. De meados do ano passado para cá, quando realmente foi intensificado o programa de produção de alevinos, já foram distribuídos perto de 250 mil filhotes*



A Estação de Piscicultura foi criada em 1982

de carpas, nilóticas e jundiás. A meta é chegar até o final deste ano com uma produção de 750 mil alevinos. Para 1986 a programação prevê uma produção de um milhão e 200 mil alevinos.

Nascida de um convênio entre a Cotrijuí e a Sudepe - Superintendência de Desenvolvimento da Pesca - a Estação de Piscicultura ocupa uma área de três hectares e foi criada para reforçar a idéia de diversificação na região. Integra a estação, além de um laboratório específico, 18 tanques medindo 10 metros de largura por 10 metros de comprimento, utilizados para o acasalamento dos reprodutores e outros 14 tanques de 25 metros de comprimento por 10 metros de largura, reservados para a estocagem e crescimento dos alevinos. O projeto inicial previa a simples utilização de tanques escavados, entretanto, alguns tanques receberam revestimentos laterais, em função do hábito da carpa de remover o solo.

Mas além da simples produção e distribuição de alevinos a seu quadro social,

a Cotrijuí vem, também, desenvolvendo na Estação trabalhos de pesquisa, no sentido de levar ao produtor espécies viáveis a nível de propriedade, sem depender de grandes investimentos. Um desses trabalhos, já em andamento, visa avaliar o desempenho da carpa espelho, criada em perfeito consórcio com a suinocultura. É um sistema de criação que o próprio produtor vem adotando algum tempo, mas que não tem tido um acompanhamento técnico adequado.

Um outro trabalho vem sendo feito com o jundiá, um peixe rústico, de couro e nativo de nossos rios. O que se quer com esse trabalho é acompanhar mais de perto o comportamento e as características alimentares do jundiá a nível de água de açudes. Também a nível de laboratório vem sendo feito a reprodução induzida - através de hormônios - de jundiás, pois se sabe que uma de suas características é não se reproduzir em águas paradas, como as de açudes.

# Trabalho com base na família

Reforçar a necessidade de organização da mulher, no sentido de levá-la a participar mais concretamente, ao lado de seus familiares, nas decisões sobre os rumos de sua Cooperativa. Esta é a proposta de trabalho para o próximo ano discutida pelas mulheres rurais ligadas às oito Unidades da Cotrijuí na Região Pioneira e que no dia 04 de novembro vieram até Ijuí para participar de um Encontro geral.

Além da discussão da proposta de trabalho, da definição das atividades para o ano, as mulheres presentes ao encontro optaram pela transferência do IV Encontro Integração, marcada desde o ano passado para o dia 11 de dezembro. A decisão foi tomada firmada no fato de considerarem a época, de muitas indefinições políticas, bastante imprópria para o encaminhamento de reivindicações. O Encontro Integração deverá acontecer, como estava previsto, em Tenente Portela, mas em data ainda a ser definida.

## CONTINUIDADE

A proposta de trabalho não é nova, como faz questão de frisar o Walter Frantz, assessor de Comunicação e Educação da Cotrijuí na Região Pioneira. É apenas a continuidade de um trabalho que já vinha sendo realizado em anos anteriores. Do mesmo vai acontecer com os trabalhos técnicos. Eles terão continuidade com o apoio da Cotrijuí, através dos funcionários da área de Comunicação e Educação. Mas deverão ser feitos de forma integrada, de modo a tornar a família a base social dos grupos, onde também serão dis-



Reunidas em grupos, as mulheres definiram as propostas de trabalho

cutidas e enfocadas questões sobre cooperativismo, agricultura e a sociedade.

Em resumo, o que se quer, segundo o Walter, é um trabalho conjunto, tendo como base a família do produtor. Mas recorda que a organização e participação só será concretizada pela conscientização, pela aquisição de conhecimentos a respeito de todas as questões e fatos sociais que envolvem a família rural no dia de hoje. "Não é suficiente conhecer apenas o funcionamento da Cooperativa, mas também o funcionamento de toda a sociedade.

Essa participação deverá acontecer através de reuniões em pequenos grupos, de cursos ou de encontros mais amplos. "O encontro de pessoas é fundamental para o conhecimento, a organização e a participação, no entanto, ele não deverá acontecer de forma esporádica ou espontânea. "Por essa razão, comple-

menta a Terezinha Weiller, educadora do departamento de Comunicação e Educação, entendemos que a realização de encontros planejados entre as famílias dos associados são de grande importância para a aproximação cooperativa e associado". E temos certeza, diz ainda o Walter, que as reuniões de núcleos de esposas e filhas de associados, os encontros das líderes desses nú-

cleos e os encontros de Integração serão responsáveis pelo nascimento de Encontros de Famílias dos associados".

## FORMAS DE ENCAMINHAMENTO DO TRABALHO

- Dar continuidade a parte técnica, porém com uma modificação: cada núcleo deverá ter um monitor responsável por esse trabalho. Esse monitor deverá receber um treinamento, para só então, repassar as informações ao restante do núcleo;

- Todos os trabalhos deverão ocorrer em função dos fatos que estiverem acontecendo no dia-a-dia;

- Realizar três reuniões por ano, envolvendo toda a família. Dessa forma, as reuniões mensais com núcleos específicos de esposas e filhas de associados não serão prejudicadas;

- Realização de encontros, reunindo toda a família. Esses Encontros deverão ocorrer a nível de unidades, durante os meses de julho e agosto, período em que ocorre uma certa pausa no trabalho da lavoura;

- Continuidade das reuniões com lideranças, com palestras sobre vários assuntos. Essas reuniões deverão envolver também o Representante;

- Continuidade dos encontros realizados a nível de Regional Pioneira, porém, procurar envolver não apenas a mulher, mas toda a família;

## AS ATIVIDADES DO ANO

- Palestras: tratando sobre educação, saúde, política agrícola, reforma agrária, assuntos da área técnica, capitalização, constituinte, comercialização, cooperativismo de crédito;

- Realização uma vez por ano, de um Encontro específico de mulheres. Os encontros de famílias deverão ocorrer entre núcleos vizinhos;

- Aprofundamento de estudos sobre as Centrais e Subsidiárias;

- Visitas ao Centro de Treinamento da Cotrijuí;

- Trabalhos conjuntos envolvendo também os Sindicatos, a igreja, e a Emater;

- Maior conhecimento do trabalho do Representante;

- Encaminhamento da legitimação da participação da mulher dentro da Cotrijuí, através do voto;

- Estudo de ervas medicinais

## O INTEGRAÇÃO

Para que possa haver um debate mais amplo e uma maior viabilização no encaminhamento das propostas, o Encontro Integração, a ser realizado no próximo dia 11 de dezembro, foi transferido para 1986, em data ainda a ser definida. Também nesse mesmo tempo, a intenção é de se fazer uma profunda reflexão nos objetivos do Integração.

## A participação da mulher

"Só mexendo na condição da mulher é que se pode transformar a sociedade", disse a escritora Rose Marie Muraro para as quase 300 mulheres rurais que no dia 04 de novembro foram até o auditório da Fidene/Unijuí, para ouvi-la falar sobre a condição da mulher no mundo de hoje. Mas essa transformação, segundo Rose Marie tem muito a ver com a participação da mulher. "Vocês têm que dar suporte a esse trabalho", desafiou.

Foi falando na condição de mulher brasileira que Rose Marie se deteve a maior parte do tempo da palestra. Falou sobre um trabalho de pesquisa realizado com as operárias de São Paulo e com as mulheres camponesas da Zona Agreste de Pernambuco. Esse trabalho resultou no livro Sexualidade da Mulher Brasileira: Corpo e Classe Social no Brasil.

### UMA BREVE HISTÓRIA

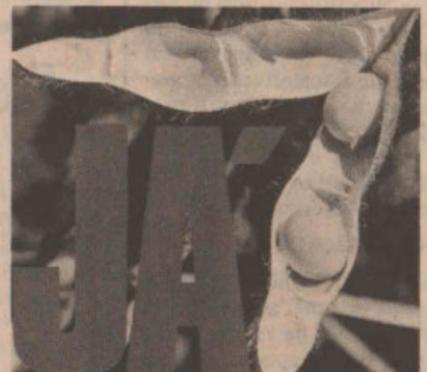
O movimento feminino nasceu no Brasil, segundo a palestrante, a partir de 1971, em plena repressão, depois da visita da feminista americana Betty Friedan. Muitas mulheres começaram a falar da condição da mulher e em 1975, quando para cada 500 mil homens universitários tam-



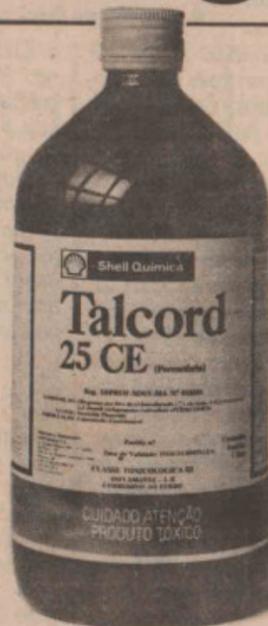
Rose Marie

bém existiam 500 mil mulheres, a transformação já era muito grande. "A transformação da condição da mulher foi a maior de todos os tempos", explicou. Os primeiros grupos feministas que nasceram, segundo Rose Marie, não vieram para jogar a mulher contra o homem, mas para ensiná-las a entrar no mundo.

A palestra encerrou com um debate entre Rose Marie e as mulheres, que sem entrar muito em questões de sexualidade, preferiram falar da luta por uma aposentadoria, do auxílio natalidade, da condição da mulher rural, do cooperativismo e da política agrícola.



## Lagartas não.



Quando a infestação de lagartas atingir níveis de dano econômico, aplique Talcord 25 CE.

Inseticida à base de permetrina, é o mais eficiente piretróide para o controle da lagarta-da-soja.



Shell Química

# Demonstração de força

No dia 17 de outubro o porto-alegrense assistiu a uma manifestação nunca vista antes pelas ruas da cidade. Também não era para menos tanta curiosidade: quase 10 mil mulheres, trabalhadoras rurais, de enxada no ombro, chapéu na cabeça e mãos calejadas da lida da lavoura, saíram às ruas da capital do Estado, não para passear, mas para fazer frente ao descaso das autoridades governamentais às suas reivindicações. A passeata, uma improvisação de última hora, teve quase um quilômetro de extensão e como ponto final o Palácio do Governo. No centro da cidade, elas leram um documento reivindicando atendimento médico, hospitalar e ambulatorial ao homem do campo. Para que suas reivindicações sejam levadas a sério, elas estão prometendo continuar mobilizadas, e até, se for preciso, negar seu voto nas próximas eleições.

Vontade de participar, demonstração de força e união, conscientização, não faltou a estas mulheres, que não pensaram duas vezes, soltaram os maridos, os filhos, as lidas da casa e da lavoura, e foram à luta lotando 220 ônibus para participar do I Encontro Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais.

Em meio as manifestações, aos cânticos, aos aplausos e as vaias, a certeza de que estavam de passos firmes nas suas propostas: lutar até o fim para ter seus direitos garantidos (Ver quadro abaixo).

## UNIÃO

Para a dona Lirdi Rhoden, 34 anos, casada e mãe de dois filhos, o Encontro de Mulheres realizado em Porto Alegre serviu para demonstrar uma das maiores forças: a união. "Não fomos até Porto Alegre apenas para marcar presença, mas principalmente para mostrar que temos força", diz.

Depois desse encontro a dona Lirdi, que também foi a Porto Alegre, garante que nenhuma autoridade pode dizer que desconhece os problemas da mulher rural e do homem do campo. Nesse sentido, vê a movimentação como um alerta aos seus problemas. "Tudo o que reivindicamos não tem nada de novo. São problemas que já vêm sendo levantados há vários anos, mas que as autoridades preferem continuar ignorando".

Acha que o Encontro significou um grande avanço da mulher, mas garante que não é por isso que de agora em diante ela vai se acomodar. É agora que a luta começa a ficar mais acirrada, pois se a mulher quiser ver seus direitos aprovados, tem ainda muita bandeira para carregar pela frente. "Fácil a gente sabe que não vai ser. Mas unidas, temos esperanças de chegar a algumas conquistas".

Líder sindical há vários anos na Linha São João, em Augusto Pestana, a dona Lirdi sempre está presente em qualquer reunião ou discussão, seja do Sindicato ou da Cooperativa. E é com toda essa vivência que garante que hoje a mulher rural não participa apenas por participar, como fazia antigamente. Hoje ela participa, analisa, critica e exige respostas porque está consciente da sua situação.

## MUITO O QUE FAZER

Outra líder sindical, da localidade de Paraíso, em Augusto Pestana e que também foi ao Encontro, a dona Jamile Lampert Peyrot, 39 anos, casada e dois filhos, também vê o movimento do dia 17 como mais uma manifestação de força e acredita que se as autoridades se sensibilizarem um pouco, ele até pode resultar em alguma coisa de positivo.

A dona Jamile considera a mulher um tanto responsável pela sua situação, pois ficou parada no tempo. "Se a mulher tivesse se mobilizado a mais tempo, tenho certeza que já teria alcançado alguns benefícios". Agora é a hora da mulher continuar a luta, procurando levar sempre o maior número possível de outras companheiras para as reuniões e movimentações. "Nós não podemos parar. Temos ainda muito o que fazer e, se for preciso, vamos até Brasília, buscar as soluções para os nossos problemas". E se nada demais acontecer a dona Jamile está prometendo, desde agora, anular o seu voto nas eleições.

A dona Eli Schweig Reckziegel foi outra das tantas mulheres, que no dia 17 estava no



Na passeata, a vontade de lutar pelos seus direitos

Estádio Beira-Rio participando do Encontro para reivindicar os seus direitos. O Encontro para a dona Eli serviu para mostrar que as mulheres estão se organizando. Não acredita muito em resultado num curto prazo de tempo.

Também líder sindical na localidade de São Luiz, em Santo Augusto, a dona Eli só lamenta que ainda hoje muitas mulhe-

res continuem de fora do Sindicato ou da Cooperativa, alheias a tudo o que vem acontecendo. "A participação da mulher trabalhadora rural na luta pelos seus direitos ainda é muito pequena, e os sindicatos levam um pouco de culpa nessa situação. Tem muitas mulheres de braços cruzados, esperando que aconteça alguma coisa e muito sindicato sem mobilizar a mulher".



Lirdi Rhoden



Jamile Peyrot



Eli Reckziegel

## As reivindicações

No final do Encontro, a Comissão Executiva Estadual apresentou as propostas que foram aprovadas pelas trabalhadoras rurais. Eis as reivindicações, sintetizadas num documento oficial e as formas de encaminhamento da luta da mulher trabalhadora rural.

- O reconhecimento da profissão de trabalhadora rural;
- Aposentadoria aos 50 anos de idade, por invalidez ou aos 30 anos por tempo de serviço;
- Auxílio acidente de trabalho; auxílio natalidade e salário maternidade;
- Assistência médica, hospitalar, ambulatorial e odontológica, sem taxas extras ou diferenças;
- Política agrícola definida, de acordo com os interesses dos trabalhadores;

Para alcançar estas propostas, as mulheres rurais estão propondo:

- Dar continuidade a organização das mulheres em todo o Estado;
- Promover a sindicalização da mulher trabalhadora rural;
- No próximo dia 08 de março, fazer uma avaliação do movimento;
- Pressionar os dirigentes sindicais que não desejam a organização das mulheres;
- Fazer o modelo 15 e participar da comercialização dos produtos;
- Fazer um abaixo-assinado pela reforma agrária, bem como realizar atos públicos;
- Em 1986, realizar novo Encontro Estadual e
- Anular o voto se não houver candidatos que apoiem as reivindicações da mulher rural.

# O trabalho reúne 25 espécies

O uso de plantas e ervas medicinais nunca esteve tão em moda como nestes últimos tempos, embora seja preciso admitir que chás, infusões ou compressas de folhas e raízes tem sido um costume que tem passado de geração para geração. E por mais que muitas pessoas ainda considerem seus efeitos cientificamente duvidosos, é difícil encontrar alguém que não tenha tomado um chazinho de folhas de laranjeiras para curar um resfriado ou até de quebra-pedras, para tratar uma dor renal.

O assunto anda tão em moda, que durante o XIV Congresso Brasileiro de Agronomia, realizado no Rio de Janeiro no final do mês de setembro e que reuniu agrônomos de todo o país, foi aprovada uma moção sugerindo que a pesquisa com plantas medicinais tenha sua importância reconhecida e incentivada pelo próprio governo. Esse incentivo, segundo os agrônomos poderia acontecer através de órgãos como a Embrapa, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — o CNPq —, as universidades federais e a Ceme — Central de Medicamentos.

Afora essa questão, eles também pediram que o governo passe a controlar mais rigorosamente o extrativismo irracional de algumas espécies que se encontram em extinção. "Não existe uma linha definida para a pesquisa nessa área, diz o Roberto Carbonera. Por essa razão,

estamos reivindicando maior apoio de parte do governo". O Roberto Carbonera é agrônomo e coordenador da área de extensão do Centro de Treinamento da Cotrijuí e um dos participantes do Congresso realizado no Rio de Janeiro.

## TRABALHO DE RESGATE

Existem no Brasil por volta de 12 mil plantas e ervas medicinais com características e propriedades terapêuticas. Mas mesmo com uma flora tão rica, o Brasil chegou a importar em 1983, de países como o Chile, a Argentina, México, Peru, Portugal, Espanha, Itália, entre outros, segundo o anuário estatístico da Cacex, grande quantidade de ervas com a finalidade de serem empregadas na fabricação de medicamentos. Para pagar a importação dessa matéria-prima farmacêutica, o Brasil tem gasto, anualmente, por volta de 350 milhões de dólares.

Pois foi justamente com a preocupação de resgatar espécies em extinção que levou o Carbonera a introduzir no Centro de Treinamento da Cotrijuí, no início deste ano, um trabalho com plantas e ervas medicinais. "É um trabalho modesto e que recém agora está tomando impulso, diz. Ele lembra por outro lado, que esse trabalho encontra barreiras no fato de não existir no Brasil, nenhum tipo de literatura que fale sobre o cultivo e o comportamento destas plantas. "Estamos começando praticamente do nada".

O trabalho que vem sendo coordena-



Roberto Carbonera: o trabalho está começando

nado pelo Carbonera já conta com 25 espécies de plantas e ervas medicinais conhecidas pelos produtores da região. São elas: o cidró, a infalvina, a catinga-de-mulata, o anis, o poejo, crista-de-galo, ipê-roxo, pariparoba, erva-de-iodo, baldrama, cana-de-bugre, artemijo, cordão-de-frade, gengibre, picão-do-reino, sete-sangrias, erva-da-vida, urtiga, quebra-pedra e erva-de-bicho. Algumas destas ervas foram recolhidas na propriedade de produtores e outras buscadas junto a instituições como a Universidade Federal de Santa Maria. Também é intenção do Carbonera fazer intercâmbio com a Secretaria da Agricultura do Estado, que mantém uma coleção de plantas medicinais no município de Viamão.

## INCENTIVAR

O Carbonera vem acompanhando de forma sistemática o desenvolvimento

de cada planta, época de floração, ponto de colheita, secagem e armazenagem. "As plantas apresentam diferentes concentrações e princípios ativos, e isso precisa ser melhor estudado". Segundo o agrônomo é preciso identificar, por exemplo, o ponto ideal de colheita de cada erva conforme a maior concentração do princípio ativo.

Admite que esse trabalho de reconhecimento das propriedades terapêuticas de certas plantas e ervas medicinais só irá adiante, quando houver uma maior integração entre as diferentes instituições e categorias profissionais de todo o país. "É preciso que médicos, enfermeiros, agrônomos, farmacêuticos e outros profissionais trabalhem de forma conjunta para que se esclareia todos esses aspectos que dizem respeito às características terapêuticas destas plantas".

# Muito cuidado no uso

Toda a questão do melhor aproveitamento da infinidade de ervas e plantas medicinais existentes no país, segundo a Terezinha Weiller, educadora do Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí na Região Pioneira, tem muito a ver com a política de saúde adotada. "Temos uma dependência muito grande em relação as altas tecnologias empregadas e enquanto isso, a cultura popular, o "saber do povo", não é reconhecido. Se age como se ele não existisse", lamenta a educadora.

A pesquisa que existe no país em cima da ação de ervas e plantas medicinais é ainda muito restrita, mas já teve tempos em que ela foi mais intensa. Por volta da década de 30, quando o capital estrangeiro ainda não tinha aportado no país, existiam no Brasil um número considerável de laboratórios que tinham a preocupação de pesquisar os efeitos das ervas medicinais. Com a entrada do capital estrangeiro, se voltou mais para a pesquisa de medicamentos químicos, visando a monopolização do mercado internacional. "Se hoje se fala tanto no uso de plantas medicinais, de forma preventiva, é porque a saúde também começa a ser encarada, até pelo próprio governo, de um outro ângulo, diz a Terezinha.

É justamente neste sentido que o governo começa a estudar a possibilidade de regulamentar o uso de plantas medicinais com fins terapêuticos e de eficiência já comprovada. De um lote de 23 plantas, é quase certo que sete delas — quebra-pedra, mentrasto, guaco, embaúba, alho, espinhadeira-santa e maracujá — estarão no mercado dentro de no máximo um ano, em substituição a matérias-primas para a produção de medicamentos comuns.

## IMPORTANCIA

Segundo a Terezinha, a importância



Terezinha Weiller: dependência

do uso de plantas medicinais, seja através de chás, sucos ou até saladas, deve-se em grande parte aos ácidos málicos — encontrados na maçã, por exemplo —, tartáricos, salicílico e sais minerais — sódio, cálcio, magnésio, ferro, fósforo, enxofre — contidos em determinadas espécies. Os sais minerais são indispensáveis à saúde. Os alcalinos, principalmente o sódio, tem importante ação na alcalinização do sangue. As ervas ricas em cálcio servem para dar resistência aos tecidos ósseos e também fortificar os vasos sanguíneos. O ferro contido em muitas plantas e que é facilmente absorvido pelo organismo, tem a função de evitar e combater a anemia. Muitas plantas amargas, como a losna, são importantes por estimularem e regularem as funções gástricas e favorecerem a digestão.

Como utilizar essa infinidade de plantas medicinais que vão desde o tradicional uso da folha da laranjeira no combate às gripes até a hortelã, maracujá, quebra-pedra e alho, entre tantos outros? Essas ervas e suas substâncias terapêuticas podem ser usadas através de chá — de suas folhas, raízes, caules e frutos —, de saladas, gargarejos, sucos, inalações, cataplas-

mas, xaropes e compressas. Mas a Terezinha, que também é enfermeira, alerta para um fato muito importante e que precisa ser observado por quem vai utilizar qualquer erva ou planta com finalidade terapêutica: jamais ingerir, seja sob a forma de chá, suco ou compressa, plantas desconhecidas. "O uso de qualquer planta medicinal requer um mínimo de conhecimento de suas características por quem vai empregá-las. É preciso conhecer seu valor medicinal, efeitos, dosagens corretas, preparo e aplicação".

## AS RECOMENDAÇÕES

Mas as recomendações não param por aí. É preciso considerar as experiências pessoais no uso de qualquer planta, pois existem muitas ervas cujos efeitos variam de pessoa para pessoa, de acordo com o seu organismo. Sempre que utilizar uma espécie de erva pela primeira vez, tomar o cuidado de ingerir doses fracas e aos poucos, observando a existência ou não de algum efeito colateral como a tontura ou os enjôos.

Afora todas essas precauções, a Terezinha diz que é preciso ter algum conhecimento sobre o cultivo e a época correta de coleta da planta que está sendo usada, assim como ter muito cuidado com ervas de uso externo, pois muitas delas, como o cinamomo e acácia produzem efeitos tóxicos. Aconselha ainda a usar plantas e ervas frescas, pois ao contrário do que muitos pensam, o valor medicinal nestes casos, é maior do que em ervas secas. Todos esses cuidados são essenciais, pois o uso de chás em excesso, em vez de saudável, pode até tornar-se prejudicial à saúde. E se os sintomas forem de doenças graves, sem apresentar qualquer melhora com o tratamento à base de ervas, a Terezinha recomenda procurar um médico e exigir um tratamento específico, "pois a ação das ervas e plantas medicinais é muito mais preventivo do que curativo".

# As plantas recomendadas

A natureza nos oferece uma quantidade muito grande de ervas e plantas com finalidades terapêuticas, basta apenas saber usá-las. Cada uma delas tem a sua especialidade e serve para combater um tipo de doença. A Terezinha Weiller selecionou algumas espécies e a sua utilidade.

● Carqueja — Preparada com o caule. É bastante amargo, ajuda o aparelho digestivo e urinário e o funcionamento do fígado.

● Chapéu-de-couro — Indicado para infecções dos rins, bexiga, depurativo e desintoxicante.

● Capim-limão — É digestivo, sedativo e indicado para o combate às gripes.

● Cipó-bravo — O chá é feito do caule. É estimulante e ainda indicado para combater distúrbios intestinais, como gases e prisão de ventre.

● Bolba-do-Chile — É um chá aromático de sabor picante. Estimulante hepático e digestivo. Tem ação diurética.

● Camomila — Recomendado para cólicas e diarreias de crianças.

● Unha-de-Vaca — O chá das folhas é indicado para diabetes. O caule e a casca são expectorantes. O chá feito com raízes é considerado vermífugo.

● Hortelã — Recomendado para o estômago, nervos, prisão de ventre, resfriado e reumatismo.

● Maracujá — Tanto podem ser usados para chás as folhas como os frutos. O efeito é de calmante-sedativo.

● Erva-cidreira — Calmante para os nervos.

● Quebra-pedra — É bom para cálculos renais, cistites, bexiga e diabetes.

● Funcho — Diurético, expectorante. É um chá refrescante.

● Babosa — É bom para o estômago, tuberculose pulmonar, bronquite e inflamações. Combate a queda do cabelo.

● Guaco — Suas folhas são usadas como broncodilatador.

● Embaúba — Suas folhas jovens são utilizadas para diminuir a pressão arterial.

● Mentrasto — Arbusto cujas folhas são usadas como anti-inflamatório em pacientes portadores de artrose.

● Alho — O bulbo ou os dentes, são usados como vermífagos.

● Espinhadeira-santa — Um arbusto cujas folhas são utilizadas no tratamento de úlceras.

# Uma visita ao comprador

Presidente da Cotrijuí foi à Europa para ver como está o mercado da soja

As perspectivas para o farelo de soja brasileiro no mercado europeu dificilmente farão com que se repita o bom momento da década de 70. Mas também não são tão ruins como possam parecer, pelo menos a curto prazo. Foi essa a impressão que o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, trouxe de sua viagem a três países — Itália, Suíça e França — nas duas primeiras semanas de novembro. Ele visitou órgãos e entidades ligadas ao setor de produção e ao comércio internacional, em companhia do diretor da Cotriexport, Walter Duarte, e do gerente do Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto, de Rio Grande, Bolívar de Souza Lima.

As observações feitas, especialmente em torno do futuro para o farelo de soja brasileiro na Europa, permitiram uma melhor análise da situação desse mercado. Isto porque Meotti, Walter e Bolívar puderam conversar com técnicos do setor e dirigentes de cooperativas, na França, que é o maior importador do produto brasileiro. "Até então, nós encarávamos com um excesso de pessimismo o futuro da soja gaúcha na Europa, que está procurando substituir as importações com investimentos no plantio de oleaginosas", disse o presidente da Cotrijuí, ao retornar da viagem.

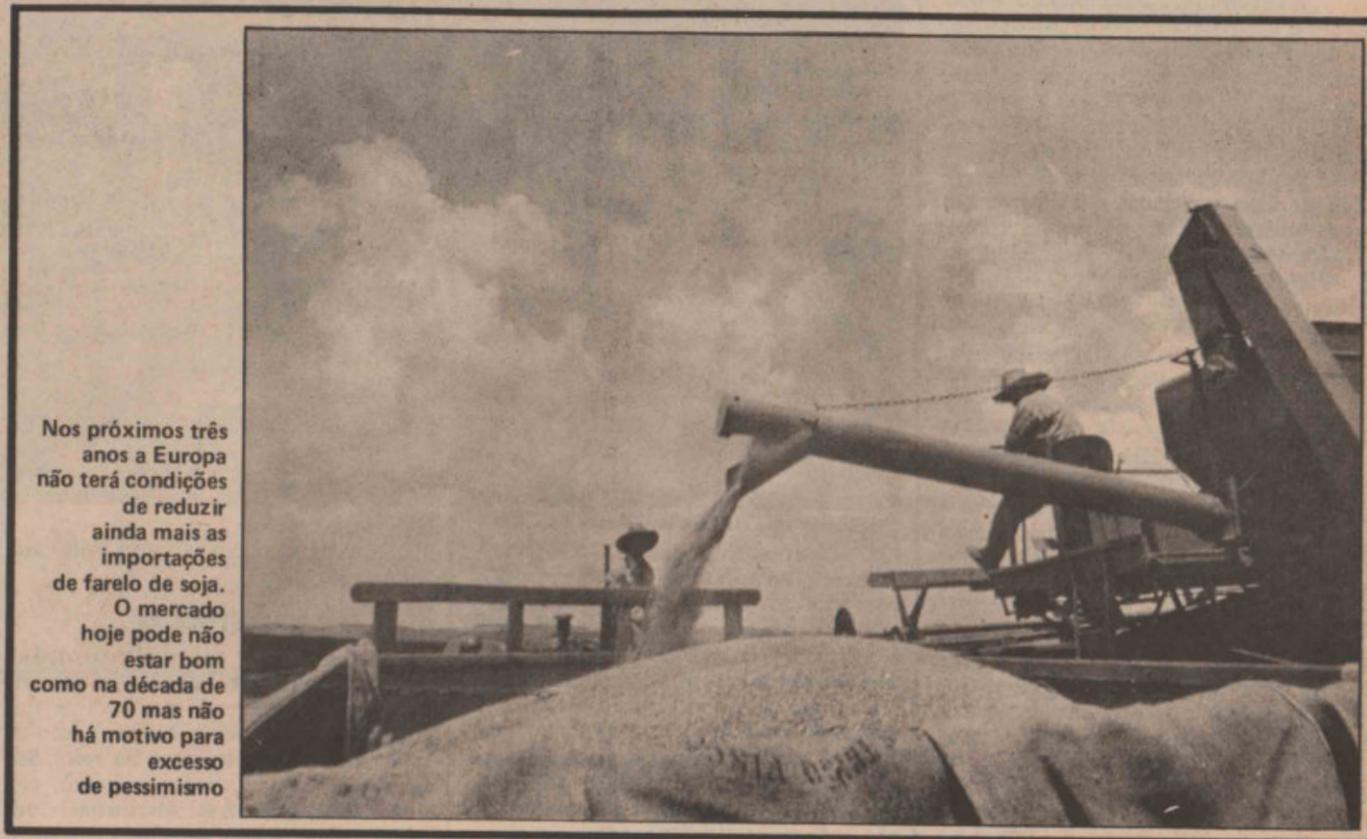
## COOPERATIVAS

Não há motivo para previsões alarmantes, o que não quer dizer que este mercado não venha de fato se retraindo a cada ano. Até 1988, pelo menos, os compradores europeus deverão manter um nível estável de negócios, já que a França não tem condições de reduzir ainda mais o consumo de farelo. Esta observação não deve, no entanto, levar a outras conclusões apressadas em torno de grandes melhorias para a soja a nível internacional nos próximos anos.

O que interessa, segundo Meotti, é que não há nada que indique uma redução repentina nas importações. Os dirigentes da Cotrijuí puderam constatar esta tendência ao se encontrarem com dirigentes de seis cooperativas francesas. Essas cooperativas, grandes produtoras de rações, importam um total de 220 mil toneladas de farelo ao ano. Os principais problemas que enfrentam se referem ao peso do produto que recebem e à qualidade desse farelo vendido por multinacionais.

## NEGÓCIOS DIRETOS

Meotti lembra que a conversa com os franceses girou não só em torno de relações comerciais, mas também sobre o próprio cooperativismo. O encontro serviu para que evoluísse ainda mais a possibilidade de entendimento, entre coopera-



Nos próximos três anos a Europa não terá condições de reduzir ainda mais as importações de farelo de soja. O mercado hoje pode não estar bom como na década de 70 mas não há motivo para excesso de pessimismo

tivas francesas e cooperativas brasileiras, para que se realizem negócios diretos com farelo de soja. Este assunto já vem sendo analisado com interesse tanto por compradores como por vendedores.

O pessoal da Cotrijuí pôde constatar que o relacionamento entre o associado e a instituição cooperativa, na França, é bem diferente da situação que se registra aqui. "Nesse aspecto estamos bastante na frente", disse Meotti, ao comentar o fato de que a relação entre o produtor francês e a sua entidade é quase que puramente comercial.

Eles também conversaram com técnicos da Central de Oleaginosas da França, que igualmente contribuíram para uma melhor análise das perspectivas de mercado. A central é um órgão que tem o controle estatístico de produção, comercialização e consumo nessa área, atuando mais ou menos como o Instisoja brasileiro (Instituto Privado de Fomento à Soja), não só na França mas em todo o Mercado Comum Europeu. Atualmente, a soja é a terceira oleaginosa de maior consumo na Europa, ficando atrás da colza, em primeiro, e do girassol, em segundo lugar.

## TERMINAIS

Foram visitadas ainda instalações portuárias localizadas a 700 quilômetros de Paris, onde há terminais para escoamento de cereais, carvão, petróleo e outras mercadorias. Essa visita foi importante para a troca de informações comerciais e técnicas, já que a Cotrijuí mantém o Terminal Luiz Fogliatto em Rio Grande.

Na Suíça e na Itália foram realizados encontros com clientes da Cotriexport. Na Itália, os dirigentes da Cooperativa trataram especificamente de um acordo com um comprador, para o qual a Cotrijuí vendeu produto entregue com garantia de peso e qualidade no porto do destinatário. Esse negócio, que exigiu a presença do vendedor, no caso a Cotrijuí, foi o primeiro realizado dessa forma. Geralmente, o exportador entrega a mercadoria a bordo, no porto de origem, e o produto segue ao destinatário por conta e risco de quem compra. O convite para a viagem à Itália foi feito pelo cliente, para acerto do negócio.

## FINANÇAS

No seu retorno da Europa, onde contou com a colaboração de Argemiro

Luís Brum, o ijuiense que atualmente realiza estudos na França, Meotti fez ainda uma rápida análise de questões internas da Cotrijuí, entre as quais as relacionadas com o saneamento financeiro da Cooperativa. Segundo ele, as gestões junto a área federal, para solução de questões financeiras, estão evoluindo. Os últimos contatos com as autoridades de Brasília, ligadas aos ministérios da área econômica, foram feitos em outubro, na companhia dos vice-presidentes das três regionais, Tânio Bandeira (Dom Pedrito), Nedy Borges (Mato Grosso do Sul) e Celso Sperotto (Pioneira).

Estas negociações não tiveram ainda um desfecho, mas há alternativas em estudos que deverão levar a um entendimento, especialmente com a CFP (Companhia de Financiamento da Produção). No dia 19 de novembro, Meotti viajou a Altamira, no Pará, para tratar de outro assunto de interesse da Cotrijuí: a área de 400 mil hectares que a Cooperativa mantém naquele município. Ele foi acompanhado de Sperotto e do superintendente da regional do Mato Grosso do Sul, Lothário Beckert.

## COTRIJUI: HÁ 28 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijuí para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.



# Adubo orgânico nos viveiros

Até as minhocas ajudam na produção de mudas

A expansão de certa forma desordenada da fronteira agrícola em Mato Grosso do Sul teve como uma das consequências o desmatamento generalizado, como ocorreu no Rio Grande do Sul a partir da introdução da monocultura da soja. Para viabilizar a recuperação da vegetação em áreas degradadas, às margens de mananciais de água e estradas e, inclusive, em áreas urbanas, a Cotrijuf firmou convênio com o Instituto de Preservação e Controle Ambiental (Inamb), órgão vinculado a Secretaria Especial de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul, visando a instalação de viveiros de mudas florestais nativas, exóticas e frutíferas junto as unidades de Dourados, Maracaju, Sidrolândia e Rio Brillante.

A produção desses viveiros, que irão atender as necessidades dos produtores associados e comunidade em geral, é de cerca de 200 mil mudas por ano, que serão comercializadas a um preço bastante acessível, apenas para garantir recursos para a produção de novas mudas.

Nos quatro viveiros mantidos pela Cotrijuf estão sendo produzidas mudas de eucalipto, grevilha, ipê, uva-do-japão, aroeira, jacarandá, cedro, manga, abacate, tamarino, jatobá, genipapo, romã, flambouyant, sibipiruna, unha-de-vaca, espátódio, araucária, cipreste e goiaba, entre outras espécies.

Aspecto importante do convênio firmado entre a Cotrijuf e o Inamb é a realização de cursos destinados aos técnicos que estão atuando nos viveiros, de forma a que conheçam bem as espécies em produção e assim possam melhor orientar os agricultores e comunidade quanto ao plantio, adubação e outros cuidados.

## PRODUÇÃO

A produção de mudas é uma atividade quase artesanal. Exige grande dedicação das pessoas envolvidas, desde a fase de plantio da semente até a hora da venda da muda. O trabalho começa já na preparação do solo onde será colocada a semente, que deve ser rico em matéria orgânica.

O adubo orgânico que será misturado ao solo é obtido através da transformação de esterco de animais, resíduos de soja e outras culturas, serragem e outros materiais que tenham condições de decomposição. Todo esse material será colocado numa composteira, que é o local onde o adubo orgânico será formado.

O Inamb produziu folhetos que explicam como se constrói uma composteira, quais os materiais que podem ser usados na produção do adubo orgânico, os cuidados em sua preparação e como se processa o uso do material resultante da decomposição dos materiais utilizados.

A engenheira agrônoma Heloisa Gianotti, do Inamb, diz que a produção do adubo orgânico em composteiras é economicamente viável e tecnicamente comprovada, podendo, se aplicado conforme as instruções de um técnico que conhece o assunto, aumentar a produtividade e, conseqüentemente, proporcionar maior rentabilidade ao produtor. O importante, frisa a agrônoma, é que o composto pode ser usado em qualquer época do ano para qualquer cultura, sem exceção.

Saber escolher o material que será colocado na composteira é um passo importante. Heloisa diz que se deve tentar obter um equilíbrio entre os materiais de alto e baixo teor de carbono e nitrogênio (ver tabela). Por isso, antes de colocar qualquer material na composteira o produtor interessado deve ouvir a opinião de um técnico.



Produção será de 200 mil mudas ao ano

Outro aspecto importante é conduzir bem o composto. É preciso dar condições para que o processo sofra as fermentações adequadas. O ponto ideal, segundo a agrônoma, é quando o material está bem úmido, mas sem verter água quando é apertado com a mão. A água é um elemento importante em todo processo, pois além de fornecer a umidade necessária para a decomposição dos resíduos utilizados vai controlar a temperatura da massa, que não pode ser muito alta.

A massa fica pronta em 90 dias, mas de 30 em 30 dias deve ser removida para outro estágio da composteira, que é formada de três compartimentos. Essa troca tem por objetivo arejar a massa,

além de dar ao composto uma maior uniformidade.

## CONSTRUÇÃO

A produção do composto depende, entretanto, da construção de uma composteira, que pode ser feita de forma bastante simples e barata, com material que o produtor tiver na mão. São necessários tijolos, pedra, cimento, caibros, tábuas (podem ser costaneiras) e um pedaço de manilhão, que ficará enterrado na parte mais baixa da composteira.

O local escolhido deverá ser permanente para a compostagem, com fácil acesso de veículo, devendo o terreno ser um pouco inclinado e na sombra parcial de algumas árvores. A construção consta

de uma margem de tijolos (cerca de 5 centímetros de altura), um piso de pedra e cimento, três paredes de madeira, normalmente caibro e costaneiras e um local para a coleta do chorume, um líquido de coloração escura que pode ser utilizado para a adubação e, também, como defensivo agrícola.

Pronta a composteira, o material escolhido deve ser colocado em camadas alternadas no primeiro compartimento até no máximo 1,5 metro de altura. A irrigação deve ser diária e se deve observar a temperatura da massa em fermentação, que deve ficar em torno de 70 graus. Para se saber se não está muito alta basta colocar a mão; caso não se resista ao calor é sinal que a temperatura está alta e deve ser baixada com a colocação de água, mas com o cuidado de não encharcar a mistura.

Apesar de fácil, é bom que o produtor conte com acompanhamento técnico, de forma a não prejudicar uma atividade que lhe pode ser rentável e, acima de tudo, saudável, já que não envolve produto químico.

## Importância das minhocas



Minhocas dão maior qualidade ao adubo

A produção de adubo orgânico para os viveiros de mudas nas unidades da Cotrijuf em Mato Grosso do Sul conta com um importante aliado: as minhocas. Elas são introduzidas nas composteiras quando a massa for transferida para o segundo compartimento, ou seja, após os primeiros 30 dias. A colocação das minhocas tem por objetivo acelerar o processo fermentativo e para enriquecer ainda mais o adubo que será formado.

O material resultante da composteira vai com minhoca e tudo para os saquinhos plásticos onde se desenvolverão as mudas das mais variadas espécies florestais. Ao andar no solo, as minhocas deixam atrás de si pequenas galerias que facilitam a entrada de água e do ar. Isso faz com que o solo se torne mais fértil ainda, especialmente porque a minhoca se alimenta da matéria orgânica e seu esterco é rico neste material e também em cálcio.

A criação de minhocas é feita em tanques, cujas dimensões variam de acordo com a necessidade. Geralmente medem 10 metros de comprimento, 1 metro de largura e 30 centímetros de altura. As matrizes, é bom ter uma orientação técnica para a escolha das matrizes, são colocadas nesse tanque que já contém um solo rico em matéria orgânica. Em cerca de 60 dias o número de minhocas dobra e parte delas já pode ser colocada no segundo compartimento da composteira, onde irão aumentar a decomposição do material ali depositado.

MATERIAL	Matéria Orgânica	Carbono Nitrogenado	Nitrogênio	Anidrido fosfórico	Oxido de potássio
Amoreira (folhas)	86,08	13/1	3,77	1,07	—
Bagaco de cana	58,50	22/1	1,49	0,28	0,99
Bagaco de laranja	22,51	18/1	0,71	0,18	0,41
Borra de café (solúvel)	86,79	25/1	1,91	0,17	0,02
Campim-colônião	91,03	27/1	1,87	0,53	—
Capim-gordura-catingueiro	92,38	81/1	0,63	0,17	—
Capim-guiné	88,75	33/1	1,49	0,34	—
Capim-jaraguá	99,51	64/1	0,79	0,27	—
Capim-limão (cidreira)	91,52	62/1	0,82	0,27	—
Capim-limão roxo	91,60	36/1	1,40	0,32	—
Capim mimoso	93,69	79/1	0,66	0,26	—
Capim-pé-de-galinha	86,99	41/1	1,17	0,51	—
Capim-de-rhodes gigante	89,48	37/1	1,36	0,63	—
Cápsulas de mamona	94,33	44/1	1,18	0,29	1,81
Casca de semente de algodão	95,98	78/1	0,68	0,06	1,21
Casca de arroz	54,55	39/1	0,78	0,58	0,49
Couro em pó	92,03	5/1	8,74	0,22	0,44
Crisálida bicho-da-seda	91,12	5/1	9,49	1,41	0,76
Crotalaria juncea	91,42	26/1	1,95	0,40	1,81
Dejeções de bicho-da-seda	82,16	17/1	2,76	0,69	3,65
Esterco de carneiro	56,49	15/1	2,13	1,28	3,67
Esterco de cocheira	45,88	18/1	1,40	0,52	1,74
Esterco de gado	62,11	18/1	1,92	1,01	1,62
Esterco de galinha	54,00	10/1	3,04	4,70	1,89
Esterco de porco	46,28	10/1	2,54	4,93	2,35
Feijão guandu	95,90	29/1	1,81	0,59	1,14
Feijão-de-porco	88,54	19/1	2,55	0,50	2,41
Gramma batatais	90,80	36/1	1,39	0,36	2,41
Gramma seda	90,55	31/1	1,62	0,62	—
Mandioca (folhas)	91,64	12/1	4,35	0,72	—
Mandioca (ramas)	95,26	40/1	1,31	0,35	—
Mucuna preta	90,68	22/1	2,24	0,58	2,97
Palha de café	93,99	31/1	1,65	0,18	1,89
Palha de feijão	94,68	32/1	1,63	0,29	1,94
Palha de milho	96,75	112/1	0,48	0,38	1,64
Polpa de sisal	67,37	27/1	1,38	0,47	0,88
Samambaia	95,90	102/1	0,49	0,04	0,19
Sangue seco	84,96	4/1	11,80	1,20	0,70
Serragem de madeira	93,45	865/1	0,06	0,01	0,01
Torta de babaco	95,35	14/1	3,70	1,95	1,09
Torta de cacau	64,90	11/1	3,28	2,43	1,46
Torta de coco	94,59	12/1	4,37	1,88	3,14
Torta de linhaça	94,85	9/1	5,66	1,72	1,38
Torta de mamona	92,20	10/1	5,44	1,91	1,54
Torta de usina de açúcar	78,78	20/1	2,19	2,32	1,23
Turfa	39,89	57/1	0,39	0,01	0,32

# Peixes, outra opção

Outra atividade que a Cotrijuí desenvolve junto com o Inamb em Mato Grosso do Sul é o programa de produção de alevinos de Curimatá e Pacu, peixes nativos do Estado. Os alevinos serão distribuídos futuramente aos associados interessados em desenvolver a piscicultura em suas propriedades como uma econômica forma de complementar a alimentação familiar e diversificar a produção.

O convênio, firmado recentemente, visa despertar entre os produtores o interesse pela atividade de piscicultura, demonstrando sua viabilidade técnica, econômica e social. Atende, além disso, dois importantes segmentos do trabalho desenvolvido pela cooperativa no Estado: a diversificação de atividades no meio rural e a preservação do meio ambiente, já que a existência de peixes em açudes levará os produtores a um cuidado maior na hora de aplicar agrotóxicos.

A distribuição dos primeiros alevinos deve acontecer nos meses de março e abril do próximo ano, mas para que o produtor possa receber os peixes é preciso providenciar desde já em sua inscrição junto as unidades da cooperativa.

## RECENTE

A produção de alevinos de Curim-

batá e Pacu em tanques de terra na estação de piscicultura que o Inamb mantém em Aquidauana é bastante recente, estando ainda em fase experimental. Este é justamente um dos fatores limitantes do programa de distribuição que será desenvolvido. A produção de alevinos ainda é pequena e, portanto, insuficiente para atender toda a demanda. Para isso, é importante providenciar na inscrição junto as unidades da cooperativa.

Para a inscrição é preciso que o interessado preencha os seguintes pré-requisitos: ter água em quantidade e qualidade satisfatórias na propriedade e manifeste o interesse de promover a criação de peixes como uma atividade econômica em sua propriedade, e não como uma opção de lazer. Afinal, a piscicultura é uma atividade que exige muita atenção do produtor, que deve cuidar da alimentação adequada aos peixes, da adubação freqüente do açude, entre outras práticas igualmente importantes.

Através do programa, a Cotrijuí e o Inamb pretendem povoar grande parte dos açudes existentes no Estado, além de incentivar a construção de novos. Uma vez em desenvolvimento, pretendem os



Distribuição dos alevinos inicia em 86

coordenadores organizar dias-de-campo para a troca de experiência entre os produtores envolvidos e buscar a adesão de outros. Os primeiros açudes povoados com Curimatás e Pacus serão transformados em verdadeiros centros de demonstração, de forma a permitir um grande impulso na piscicultura do Estado.

## REPRODUÇÃO

A utilização de Curimatás e Pacus apresenta ainda outro fator limitante. É que são peixes que não se reproduzem quando criados em açudes, apesar de terem grande adaptação a criação confinada. Estas espécies precisam de água corrente para se reproduzirem, pois ao subirem os rios quando da piracema estimulam a glândula chamada hipófise, que

exerce influência sobre a ovulação.

Por não se reproduzirem em águas paradas como as dos açudes, estes peixes geram a dependência dos produtores pelas estações de piscicultura para repovoar os açudes. A questão está, entretanto, solucionada pelas estações, que anualmente, quando da piracema, coletam alguns exemplares que estão subindo os rios, dos quais extraem esta glândula para formar uma pasta que será colocada nos tanques, estimulando assim a ovulação das matrizes.

Por ser uma atividade ainda em fase experimental, é provável que possa apresentar resultados inesperados, mas os técnicos envolvidos na atividade acreditam que ela tem tudo para dar certo.



# SÓ COBRA MATA SOZINHO AS PRINCIPAIS INVASORAS DE FOLHAS LARGAS DA SOJA. E FAZ VOCÊ GANHAR EM CHEIO.

Cobra é o novo pós-emergente seletivo para a cultura de soja. Moderno na formulação, e inédito em propriedades. Resultado da mais avançada pesquisa tecnológica em herbicidas nos EUA, Cobra foi descoberto e desenvolvido pela PPG Industries Inc. que, junto com a Hoechst, o aperfeiçoou no Brasil. Cobra tem um espectro de ação superior ao de qualquer outro herbicida. E veio resolver o que você queria: o controle simultâneo de diversas folhas largas com o custo de um só produto;

sem misturas. E tem mais: aplicado até uma hora antes da chuva, não perde o efeito. Mude para Cobra. A soja e o lucro aparecem bem mais depressa.



O mais avançado pós-emergente da agricultura moderna.



Com a segurança

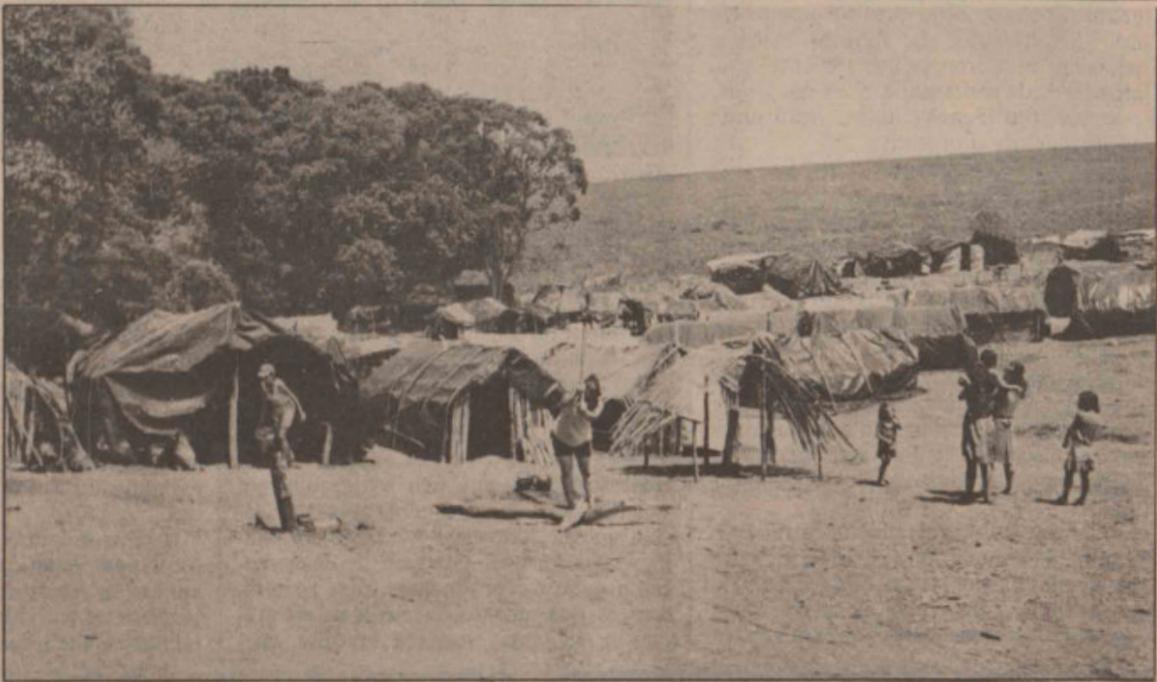
**Hoechst**



# Ameaça cumprida

Mais de 8 mil pessoas estão acampadas na Fazenda Annoni

No início de setembro, os sem-terra prometeram que iriam invadir terras no Estado, se o plano de reforma agrária não andasse. No dia 30 de outubro a promessa foi cumprida



O alerta feito pelos agricultores sem-terra do Rio Grande do Sul, durante o acampamento do final de agosto e início de setembro, em Palmeiras das Missões, não ficou só na ameaça. Eles prometeram iniciar invasões de áreas ociosas no Estado, caso o governo federal não fizesse avançar o seu plano de reforma agrária, e isso de fato aconteceu, na madrugada do dia 30 de outubro. Mais de 6 mil pessoas ocuparam a Fazenda Annoni, no município de Sarandi, e dificilmente sairão dali sem uma proposta concreta de assentamento por parte do Incra.

Hoje, são mais de 8 mil os acampados, a maioria instalados em barracos com lonas de plástico, que ocupam cerca de 25 hectares delimitados pelos próprios sem-terra. Eles são posseiros, parceiros, arrendatários e trabalhadores rurais de 36 municípios, especialmente do Planalto Médio, Alto Uruguai e Missões. Dispostos a permanecer no meio do mato por um bom tempo, os acampados improvisaram uma "cidade", administrada por comissões, onde tudo é decidido em conjunto. Ali, até a água é escassa, mas sobra organização e vontade de lutar por uma reforma agrária que aconteça de fato no Estado.

A invasão foi iniciada na madrugada do dia 30, pouco depois da meia-noite, quando os primeiros caminhões de cidades próximas chegaram à Fazenda, levando dezenas de famílias amontoadas em suas carrocerias. Por volta das 3 horas e 30 minutos, soldados da Brigada Militar de Passo Fundo tentaram impedir que outros sem-terra, que continuavam chegando, invadissem a área, mas não conseguiram. Quando o dia amanheceu, a propriedade de quase 10 mil hectares e muita lavoura ociosa estava ocupada. Até mesmo os retardatários, que chegaram atrasados, conseguiram entrar, andando a pé pela estrada até a Annoni. Poucos tiveram que retornar aos seus municípios.

## ALIMENTAÇÃO

"Estou de plano de não correr daqui", afirmava no dia 14 de novembro o agricultor Joaquim Machado Correa, de Pinhal, Ajuricaba, que acampou com a mulher, Maria de Lourdes, e 3 dos 8 filhos. Joaquim chegou à Fazenda num caminhão que levou gente de Jôia, Ajuricaba, Augusto Pestana e Ijuí (veja matéria na página ao lado). Assim como este sem-terra, todos os outros pensam do mesmo jeito. Para eles, é preciso suportar a escassez de alimentos, água ruim, os mosqui-

tos e o choro das crianças, para que o governo reconheça a força do movimento.

Os problemas no acampamento não são poucos. A falta de comida, que começava a acontecer no início de novembro, foi contornada pela remessa de 10 toneladas de feijão, arroz, leite em pó e farinha de milho, enviada pela Secretaria de Saúde do Estado. Mas no dia 14 o estoque já era pequeno, e a maioria continuava se alimentando de doações da vizinhança de suas localidades de origem. O "fogão" desses colonos é um buraco no chão cheio de brasa, com uma chapa de

ferro trazida de casa.

## CRIANÇAS

A maior preocupação é com as crianças e as mulheres grávidas. Há 2.600 crianças na Annoni, e cerca de 200 gestantes, sendo que umas 50 delas terão filhos dentro de 30 dias. O médico Antonio Barreto, do Incra, que atendeu o pessoal no acampamento, dentro de um ônibus com ambulatório, do Funrural, durante duas semanas, notou que a diarreia é uma ameaça séria. Das 140 pessoas atendidas, a maioria eram crianças, e 30 a 40 por cento estavam com desidratação. Tam-

## De olho nos espiões

O acampamento da Fazenda Annoni tem 12 comissões (saúde, higiene, barracos, água, alimentação, jovens e outras), que disciplinam a vida na "cidade". Uma dessas comissões, a de Segurança, é integrada por colonos que estão cada vez mais com os olhos bem abertos. Acontece que cresce entre os sem-terra a desconfiança de que existem "espiões" transitando entre os barracos. E muitos desses espiões estariam até mesmo acampados, com "pilcha" de agricultor. O objetivo dessa gente seria o de criar confusão na cabeça do pessoal e esvaziar o acampamento.

Juvino Rodrigues, da executiva estadual do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra e coordenador do acampamento, lembra que há motivos para a suspeita. "Nós vamos começar a cuidar mais de perto esses espiões, para saber se eles existem mesmo", afirma ele. Há quem diga que os infiltrados são acobertados inclusive por agricultores acampados, e que estão ali não para reivindicar terra mas para "fazer o jogo do outro lado". Houve, por exemplo, o caso de um acampado que saiu da Fazenda para visitar a mãe doente, mas se soube depois que havia mentido.

## BARREIRAS

Esse acampado foi visto na cidade conversando com policiais da Brigada Militar, em Sarandi e todos os seus passos são agora acompanhados. Juvino observa que se não fizerem assim, o acampamento pode fracassar. Logo que invadiram a Fazenda, apareceu por ali alguém que se

disse colono e que pretendia levar outros agricultores para a Annoni. Os acampados desconfiaram da proposta e não aceitaram. Este mesmo indivíduo terminou depois liderando a invasão fracassada de uma área em Nonoi. "Ele queria tumultuar, para criar confusão e provocar uma reação das autoridades", disse um dos integrantes da comissão de coordenação na Fazenda.

A Comissão de Segurança cuida de quem sai e de quem entra na área. O controle é rígido, e somente podem deixar o acampamento duas pessoas por núcleo de cada vez. Sem esse controle a bagunça seria grande no local. Afinal, a própria Brigada Militar também faz isso, com barreiras na estrada, entre Ronda Alta e Passo Fundo. Quem vai visitar os acampamentos é obrigado a se identificar e deixar o nome com os policiais. Os colonos estranham isso tudo, pois a maioria deles sabe que o direito de ir e vir é assegurado pela Constituição. Além dessas barreiras, a Brigada mantém outro posto, à beira da estrada, a uns 50 metros da entrada para a Fazenda, de onde fica apenas observando o movimento na área.



Juvino Rodrigues



Olívia espera o quarto filho

bém os adultos apresentam diarreia, e muitos estão com a pressão alta.

A água é conseguida numa sanga de perto ou levada por um caminhão-pipa da Prefeitura de Ronda Alta. "No verão as coisas vão piorar", afirmava o médico que no dia 14 deixou o acampamento sem saber se poderia voltar. Foi ele quem orientou a construção de um "hospital" no meio do mato, com seis leitos feitos com taquaras. Ali, ficam as crianças que estão recebendo soro hidratante injetado nas veias. Há também uma farmácia, com medicamentos doados pelas Prefeituras, e o atendimento é feito por mulheres dos acampados, que conhecem um pouco da lida com enfermagem.

## GESTANTES

As 200 mulheres grávidas enfrentam os mesmos riscos das crianças. No dia 8 de novembro, elas ficaram ainda mais assustadas, com a morte de Tereza Prestes dos Santos, de 25 anos, de Palmeiras das Missões. Tereza foi levada a Passo Fundo, a 70 quilômetros dali, e morreu depois de ter duas meninas. Ela foi submetida a uma cesariana e faleceu em consequência de complicações renais e infecção, provocadas por uma profunda desnutrição.

Além de não serem bem alimentadas, as mulheres acampadas, em sua maioria, não fizeram nenhum exame para acompanhar a evolução da gravidez. É este o caso de Olívia Marques de Ávila, de Frederico Westphalen, que está num barraco com o marido, Argemiro, e três filhos, 7,4 e 3 anos de idade. Olívia, grávida de seis meses, nunca foi examinada por um médico "porque não temos assistência e não há dinheiro para pagar um exame". Seus três filhos nasceram através de cesarianas, e ela sabe que também agora, como das outras vezes, deve estar com anemia. "Mas não estou tomando remédio", diz ela, explicando: "Mesmo que tivesse, eu não poderia tomar, pois acabo vomitando tudo".

## AULAS

Olívia está, na verdade, muito fraca. A esperança, para ela e as outras gestantes, é a promessa de que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ronda Alta vai enviar um médico à Fazenda, em substituição ao que ficou apenas duas semanas. Mesmo com os entendidos em chás caseiros e benzeduras, não há como ficar sem assistência de um especialista. Em outras áreas, como no ensino, a improvisação ainda é possível, como aconteceu a partir do dia 14, quando os acampados decidiram que as crianças deveriam ter aulas.

Muita gente se apresentou como "professor" e as crianças foram divididas em turmas, desde o pré-escolar até a 3a. série, para que não fiquem sem estudar. Por enquanto, as aulas são dadas ao ar livre, com as crianças sentadas no chão, mas a Prefeitura de Sarandi prometeu construir um barracão que funcionará como escola.

# A turma que chegou cedo

"Preparem as coisas que vai ser hoje". Foi este o aviso que os coordenadores municipais do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra passaram a dar, de casa em casa, na tarde do dia 29 de outubro. Estava tudo pronto para a invasão, e a última providência era esta: avisar o pessoal que há tempo vinha se mostrando disposto a ocupar terras ociosas no Estado. Em Ajuricaba, um dos encarregados desta tarefa foi José Lauer, um morador do Pinhal e vice-coordenador municipal do Movimento. Em pouco tempo ele reuniu sete famílias que encararam o desafio.

O caminhão que levou o pessoal de Ajuricaba saiu de Jóia, passou por Augusto Pestana e Ijuí e fez sua última parada no Pinhal. Dali, 41 pessoas dos quatro municípios saíram por volta da meia-noite do dia 29, amontoadas na carroceria coberta por uma lona. Eram 19 crianças e 22 adultos, que levavam apenas o essencial: comida, roupas e utensílios de cozinha. Esta foi a quarta turma a chegar à Fazenda, por volta das 3 horas da madrugada.

## FRIO E REPRESSÃO

"Se a gente não tivesse parado, para socorrer outro caminhão que tinha furado o pneu, o nosso grupo seria o primeiro a acampar", conta José Lauer, de 39 anos, que levou a mulher, Rita, os dois filhos e o irmão Antônio Francisco, que é solteiro. Assim que desembarcaram, as famílias ficaram diante de um dilema. Não sabiam se armavam as barracas, para

proteger as crianças do frio, ou se ajudavam outros agricultores que continuavam chegando e já enfrentavam uma barreira da Brigada Militar.

"Os brigadianos tentaram impedir a entrada do pessoal, mas aí chegaram três ônibus e eles não conseguiram segurar mais ninguém", lembra José. "No início, eram uns 50 soldados, mas de manhã tinha mais de 100. Eles fizeram um cordão, com um brigadiano ao lado do outro, e se vieram em direção ao local onde a gente estava. Estavam ameaçando entrar na Fazenda, mas também não conseguiram. Nós mandamos as mulheres e as crianças para perto da cerca, e os soldados recuaram".

Os acampados de Ajuricaba até que não passaram ainda muito trabalho, pois vêm contando com a ajuda da vizinhança. Quando comentam a solidariedade de agricultores das localidades de Pinhal e Planchada, eles se emocionam. "Os vizinhos aparecem por aqui e nos trazem comida", diz Arlindo Zazhow, conhecido entre o pessoal como o "Sarney". Os moradores das duas localidades levam arroz, feijão, charque e muito apoio. "Se não fosse esta ajuda, a situação estaria difícil", afirma José.

## UM PRAZO

A rotina dessas famílias e da maioria dos acampados é bem diferente do seu dia-a-dia na lavoura. Quase todos eles fazem parte de alguma comissão e se man-



Os agricultores de Ajuricaba estão sendo apoiados pela vizinhança

têm ocupados, mas falta o que mais interessa: mexer com a terra. É por isso que os agricultores se empolgam com uma idéia que anda sendo espalhada na Fazenda. De acordo com o pensamento de muitos colonos, o governo deve receber um prazo para fazer uma proposta concreta de assentamento. Depois disso, a terra seria lavrada, de preferência a partir do dia 30 de novembro, quando a invasão irá completar um mês.

Por enquanto, os acampados ocupam uma área de uns 25 hectares, da qual não podem sair. Mas se o plano de trabalhar a terra for levado adiante, depois de aprovado em assembléia, toda a Fazenda será ocupada. A área, de quase 10 mil hectares, está enredada na Justiça há 12 anos, e é reivindicada principalmente pelos afogados do Passo Real, que já invadiram a propriedade anos atrás. Para lavrar a terra, os acampados esperam contar com o apoio de posseiros. Esses posseiros — segundo José Lauer — teriam 80 trações para emprestar aos sem-terra.

## Demora nos planos regionais



Claro Freitas

A delegacia do Incra no Rio Grande do Sul está tentando identificar áreas para o assentamento dos acampados da Fazenda Annoni, mas até agora não há nada certo para uma proposta aos colonos. Segundo o agrônomo Claro Freitas, da área de planejamento do Instituto, equipes do órgão vêm se dedicando a este levantamento, e já existem "áreas possíveis". Ele não antecipa, no entanto, onde estão essas terras.

A verdade é que para os agricultores sem-terra do Estado o Incra não deve resolver apenas a situação das 8 mil pessoas que ocuparam a Fazenda. Os próprios acampados exigem a implantação efetiva da reforma agrária no Rio Grande do Sul, e não somente a solução de casos de emergência que envolvam conflitos, como acontece em Sarandi. E isso depende, antes de mais nada, da elaboração dos planos regionais, que ainda vão dar muito o que falar.

No dia 18 de novembro, Claro Freitas informou que no dia 20 do mesmo mês os delegados estaduais do Incra estariam reunidos em Brasília, para tratar desses planos. Mas ninguém deve se entusiasmar muito com esta reunião. Afinal, conforme o agrônomo, nesse encontro com o ministro Nelson Ribeiro, da Reforma e Desenvolvimento Agrário, estará recém sendo iniciada a orientação das equipes estaduais quanto à elaboração dos projetos.

"Nós vamos a Brasília receber instruções", disse ele, lembrando que o plano nacional prevê o assentamento de 38 mil famílias do Rio Grande do Sul até o final de 1989. Claro Freitas disse não saber quando os planos ficarão prontos, e afirmou: "É provável que em Brasília sejamos informados dos prazos para conclusão dos levantamentos".

Os agricultores sem-terra do Estado e de outras regiões do país temem que os anunciados planos regionais venham apenas repetir o que já aconteceu nos últimos governos, e em especial no período do presidente João Figueiredo. Para eles, é possível que o Incra se limite a regularizar a situação de posseiros, anunciando isso como se estivessem fazendo uma reforma agrária. O temor tem explicação: o plano nacional prevê que as desapropriações serão evitadas. De que forma, então, 140 mil famílias de gaúchos sem-terra poderão ser assentadas, se exatamente aqui no Estado se registra a maior resistência às desapropriações?

## Só discurso não resolve

"Esse negócio de conversar sozinho vira papo entre amigos, e isso nós não queremos". É assim que Darci Maschio, membro da coordenação estadual do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, explica por que a partir de agora os acampados irão tratar de propostas de assentamento com o Incra através de uma comissão. Os agricultores pretendem falar com o delegado do Instituto no Estado, Egidio Schlabit, somente quando estiverem em grupos, porque as audiências fechadas servem muito mais para enrolação, segundo Darci.

Logo depois da ocupação da Fazenda Annoni, os acampados chegaram a conversar com o delegado, mas nada ficou decidido. Para Darci Maschio, Schlabit poderá, com a definição de um plano regional de reforma agrária, previsto no programa nacional, apressar uma solução. "Se o governo não andar com pressa, elaborando logo esses planos regionais, os homens vão ficar apenas contornando conflitos", afirma ele.

Darci diz mais: "A fome do povo não espera, e se a demora for muito grande deverão surgir novos acampamentos no Rio Grande do Sul". Ele lembra que há 3 acampamentos em Santa Catarina, e mais de 10 no Paraná. Aqui mesmo, no Estado, já foi formado outro, em Coronel Bicaco, na primeira quinzena de novembro. São estes — afirma Darci — "os agricultores que demonstraram, na prática, que querem de fato a reforma agrária".

## APOIO

Para o líder dos acampados, este também é o momento das entidades e pessoas realmente comprometidas com o



Os acampados ocupam uma área de 25 hectares da fazenda

movimento deixarem de "somente fazer discurso na praça. É preciso ajudar concretamente os sem-terra, para que nossa luta possa avançar". Essa solidariedade pode ser manifestada, por exemplo, através de campanhas para a coleta de alimentos, pois não havia, até o dia 14 de novembro, sinais de que o governo federal iria garantir o fornecimento de comida aos colonos.

Apesar da organização dos sem-terra e do apoio articulado, especialmente de políticos engajados à causa dos agricultores, Darci Maschio não leva muita fé nas decisões que dependem de Brasília. "O que fez o governo recuar com seu plano de reforma agrária não foi apenas a pressão dos latifundiários. Nós sabemos, desde que nascemos, que eles são mesmo organizados. Mas a verdade é que a Nova República estava, antes dessa pressão, muito mais disposta a confundir. Se realmente tivessem a intenção de fazer alguma coisa, já teriam feito há muito tempo".

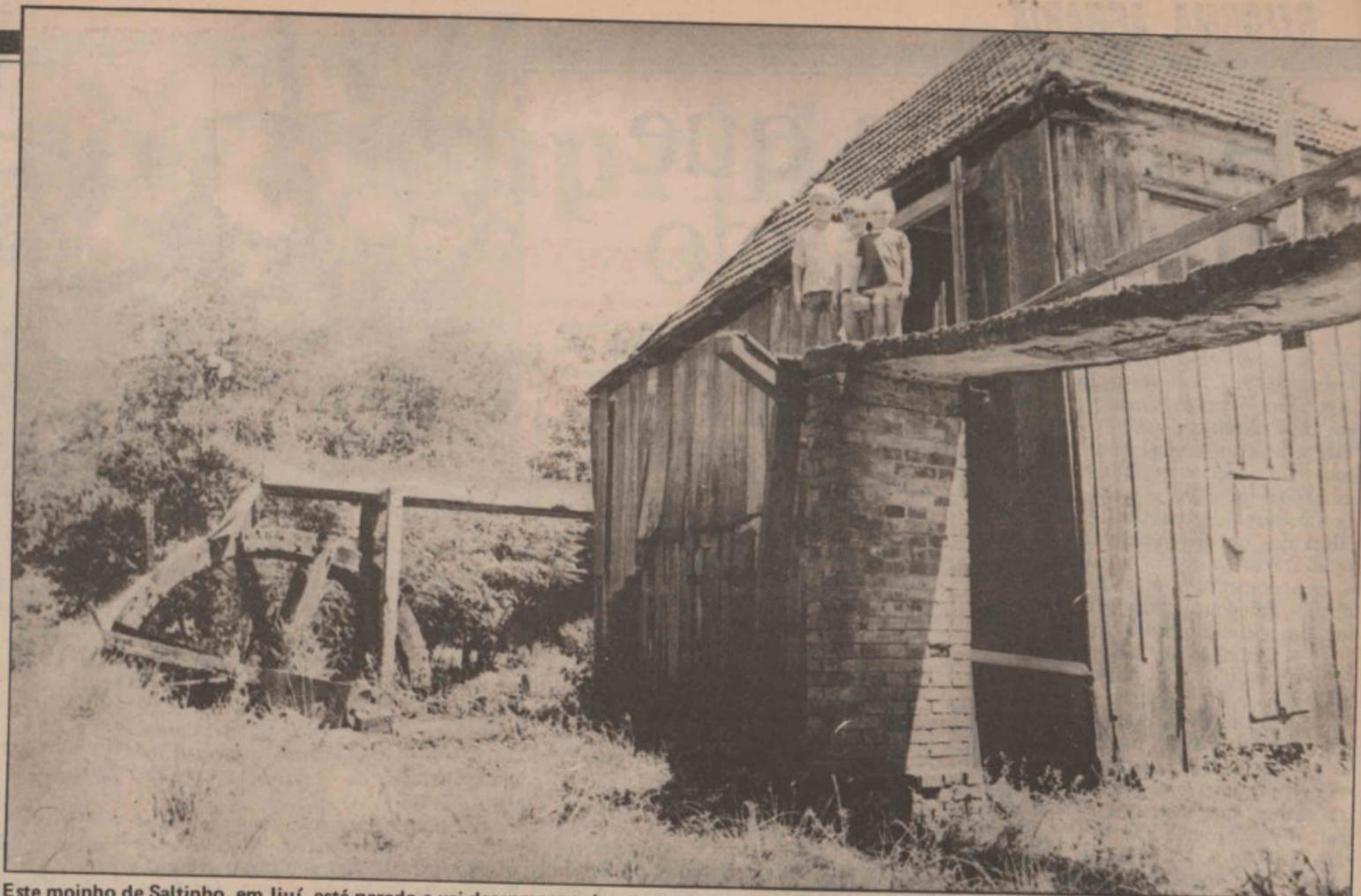


Darci: nada de conversa de amigo

Para ele, o que interessa agora é buscar uma unidade nacional, e isto acontecerá a partir de novembro, com um encontro de lideranças dos sem-terra em São Paulo. Os acampados da Fazenda Annoni enviaram representantes a este encontro, que tinha início marcado para o dia 18 de novembro. "A luta deve ser levada em conjunto, a nível de país, para que se reduza o risco de enrolação", explica Darci.



*O sistema de cotas, o subsídio ao trigo e muitas outras barreiras sepultaram os moinhos coloniais. Mas alguns ainda resistem e sonham com o fim do fechado clube que beneficia grandes grupos do país*



Este moinho de Saltinho, em Ijuí, está parado e vai desaparecer, depois de ter funcionado durante cinco décadas

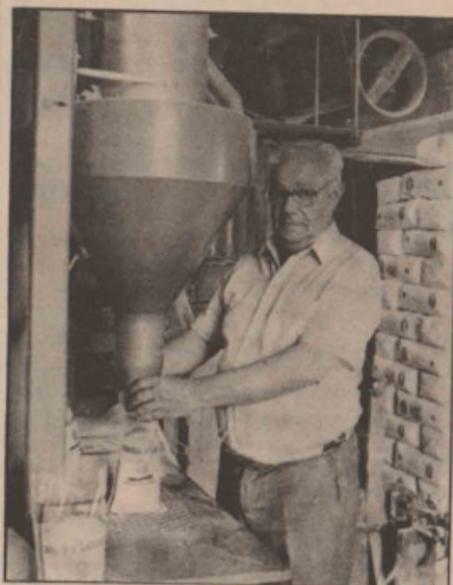
# Os primos pobres do clube dos moageiros

O moinho Rosa Lopes, de Tenente Portela, esmagava 10 mil sacas de trigo por safra, na década de 60, e vendia farinha em toda a região noroeste do Estado. No final da década, seu proprietário, Estevão Rosa Lopes, se viu obrigado a sair do mercado. Com um rígido sistema de cotas, instituído — segundo o argumento da época — para moralizar o setor, o ramo moageiro expulsou este e tantos outros pequenos moinhos gaúchos e de outros Estados. Isso aconteceu a partir de 1967, com o início do monopólio estatal, mas teve o golpe fatal em 1972, quando se instituiu o famigerado subsídio ao trigo.

O monopólio da compra do trigo pelo governo atingiu de imediato as pequenas indústrias, numa época em que se falava muito em fraudes no setor. O sistema de cotas fixas, adotado a partir de então, terminou privilegiando grandes grupos, alguns deles com capital estrangeiro, e transformou o setor numa área privilegiada, onde hoje ninguém consegue entrar e de onde ninguém quer sair. Em 1972, com a criação do subsídio, para baratear o preço do pão e outros produtos, foi a vez dos moinhos coloniais desaparecerem da paisagem de muitas regiões, pois o esmagamento do grão, como prestação de serviço, se tornou inviável.

## CONTRABANDO

O moinho Rosa Lopes prestava serviços e comercializava, ou seja, recebia trigo para esmagar e devolver ao produtor, e também vendia farinha. Seu Estevão lembra que a farinha ali produzida tinha a marca "Neiva", que é o nome de uma sobrinha. "Eu me via obrigado a vender o produto com preços abaixo dos da Samrig, mas não consegui competir", conta ele. Apesar da grande preocupação do governo em moralizar o setor, o moinho Rosa Lopes não resistiu principalmente a concorrência da farinha contrabandada da Argentina, que entrava facilmente na região.



Estevão vendeu a cota para outro Estado

Seu Estevão vendeu então sua cota, que permitia o esmagamento de 600 sacas por semana, a um moinho do Espírito Santo. Ele garante que não ganhou dinheiro com esta venda, e relembra: "Me disseram na época que o sistema de cotas iria durar somente uns cinco anos, mas faz agora 10 anos que eu ouço falar no fim do atual sistema". Se tivesse que comprar de volta as cotas, vendidas por um preço que ele não lembra mais, seu Estevão pagaria 400 mil cruzeiros para cada tonelada registrada, e desembolsaria alguns milhões de cruzeiros.

## NÃO LEVA FÉ

O Moinho Rosa Lopes vem lidando, desde o final da década de 60, com o esmagamento do milho, e se transformou num prestador de serviços aos agricultores da região, produzindo em média por dia 50 sacas de farinha. "Por aqui, quase todos consomem no interior a farinha de milho, para

pão ou polenta", conta seu Estevão, que cobra 6 mil cruzeiros por saca.

Seu moinho usa cilindros, emprega três pessoas e, se fosse possível, conseguiria esmagar hoje até 100 sacas de trigo por dia. Ele vem acompanhando o debate em torno do projeto do deputado Odilon Salmóia, que muda a política de comercialização e industrialização do trigo (veja na página 16) mas não leva muita fé nessa história. Seu Estevão quer voltar a ser prestador de serviço, como moinho colonial, mas tem pela frente a barreira do subsídio, cuja extinção é prevista no projeto do deputado.

Afinal, hoje em dia não vale a pena ao produtor mandar esmagar o trigo para ter farinha em casa. Ele pode vender a saca do grão a 126 mil cruzeiros ao governo (preço de novembro, PH 78), e comprar 60 quilos de farinha especial nos supermercados por 82 mil cruzeiros. Tudo isso por causa do subsídio, que anda hoje ao redor de 60 por cento e beneficia muito mais a indústria moageira do que a população.

## LUCRO NO FARELO

Foi também este o motivo que atingiu o moinho colonial mantido por 36 anos, na Linha 22 Norte, em Ajuricaba, pelo seu Antenor Cerezer, e que hoje lida apenas com farinha de milho e um descascador de arroz. "O moineiro que agüenta 20 anos na atividade vai para o céu. Eu agüentei 36", conta ele, que entregou o serviço ao filho, Antonio Vicente, depois de se aposentar.

O moinho do seu Antenor tem história: foi a primeira indústria de Ajuricaba, quando o município ainda era um distrito de Ijuí. Até hoje, ele guarda ao lado da casa uma pedra para a moagem de trigo, "que veio da França". Seu moinho prestava serviços para cerca de 400 famílias, transformando uma saca de trigo em 40 quilos de farinha. Seu Antenor, que está com 63 anos e possui 35 hectares de terra, lembra que seu lucro estava mesmo no farelo resul-

tante da moagem. "Eu engordava porcos, e cheguei a vender 90 animais por ano". E foi, afinal, com essa lida, apesar de toda a trabalhadeira, que ele conseguiu boa parte do que tem hoje.

Antes de comprar o moinho de Ajuricaba, ele havia trabalhado no mesmo ramo com o seu pai, Humberto Cerezer, em Barreiro, Ijuí, há mais de 40 anos. "Nós vendíamos farinha do tipo integral, que era pouco peneirada. Só ficava fora a casquinha do trigo", conta ele, observando que "hoje o povo quer a coisa bonita, bem branquinha, mas sem muito valor como alimento".

## MUITO INVESTIMENTO

Seu Antenor relembra que Ajuricaba tinha uns 12 moinhos coloniais, que foram aos poucos desaparecendo. Hoje ele conta nos dedos e descobre apenas seis que ainda funcionam. O filho, Antônio Vicente, de 30 anos, vem cuidando da moagem e do descascador de arroz, mas não se empolga muito com o serviço, pois o movimento é pouco e não deixa muito dinheiro. Ele cobra 6 mil cruzeiros para moer uma saca de milho, e 6 mil para descascar uma saca de arroz, ficando com o farelo.

"O moinho está quase parado, e se eu for cuidar disso aqui eu acabo não cuidando da lavoura", diz Antônio. Ele ouviu falar da possível extinção do subsídio e da volta da moagem colonial, mas também não se entusiasma, mesmo porque não tem equipamento para isso. "Só valeria a pena com investimento, e se desse para moer umas duas mil sacas de trigo por ano", afirma Antônio Vicente.



Antenor Cerezer

# Uma raridade na região



A pedra que veio da França está abandonada. Antonio é quem cuida hoje do moinho



## O azar de Luís José

Há seis anos, quando funcionou pela última vez, um moinho da localidade de Saltinho, Ijuí, esmagou cerca de 2 mil quilos de farinha de milho e deixou uma pessoa desencantada com o trabalho. Luís José Bonfada, hoje com 38 anos, estava engraxando as engrenagens, quando se desceu e perdeu os dois principais dedos da mão direita — o polegar e o indicador. Luís não quer saber mais de ouvir falar em moinho, pois encontra dificuldades para trabalhar na lavoura, de sete hectares, utilizando apenas o braço esquerdo.

Se não fosse o acidente, ele até que poderia ter tocado o moinho, construído há mais de 60 anos pelo seu sogro, Julio Hartmann. Seu Julio, que faleceu há seis anos, era o único moinheiro nas proximidades. Ele lidou durante uns 10 anos com trigo, mas há mais de 20 vinha apenas esmagando milho para a vizinhança, pelos mesmos motivos que determinaram o desaparecimento de outras unidades moageiras da colônia. Também havia no local um descascador de arroz e um soque de erva.

Luís lembra que a pedra de moer trigo foi parar em Panambi, e que a utilizada para esmagar milho foi vendida no ano passado por 200 mil cruzeiros a um moinho de Doutor Bozano, em Ijuí. Uma parte do antigo moinho foi desmanchada, ficando somente um pedaço do galpão, longe da roda d'água, que não gira mais. A terra e a vegetação foram tomando conta do equipamento. Luís pretende derrubar o que resta do galpão, utilizando muito mais como depósito, e desmontar também a roda d'água, para aproveitar a madeira.

Muita gente que vai a Saltinho pela primeira vez utiliza o moinho como referência para se achar no caminho. Mas, se depender de Luís José, os visitantes de primeira viagem terão que encontrar outro ponto para não se perder na estrada. "Depois do acidente, tentei me aposentar, mas não consegui", conta o agricultor. Os papéis da aposentadoria foram parar na pericia da Previdência Social, em Porto Alegre, mas o pedido foi rejeitado.



Luís José vai desmontar o moinho

Santo Augusto guarda uma raridade nas regiões do Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai: um moinho colonial que há 12 anos esmaga trigo sem parar. O moinho fica na periferia da cidade e é de propriedade do agricultor Arlindo Pasqualotti, dono de 37,5 hectares de terra. A farinha de trigo moída pelos cilindros movidos a energia elétrica é meia amarelada e bem diferente do produto que se encontra nos supermercados. Pois esta farinha, que pode ser mais feia que a vendida pelas indústrias, é o que existe de mais puro, segundo o agricultor.

Na metade do mês de novembro, o moinho do seu Arlindo estava com um canto abarrotado com umas 1.200 sacas de trigo para moer. O produto é deixado ali geralmente por pequenos agricultores, que se dispõem a pagar mais para ter uma farinha de boa qualidade. Para obter de 36 a 38 quilos de farinha com uma saca de trigo, eles pagam 12 mil cruzeiros por saca esmagada ao moinheiro. A moagem está agora a todo vapor, e seu Arlindo acredita que deverá lidar com 2 mil sacas desta safra.

### SEM RECLAMAÇÕES

"O moinho tem fregueses de Ajuricaba, São Martinho, Campo Novo, Coronel Bicaco e outros municípios de perto", conta ele, que na verdade cuida pouco do negócio. Quem se envolve mesmo com o serviço é o filho, Cláudio Pasqualotti, de 31 anos, que somente vai para a lavoura na época da colheita. "Caprichando bem, entregando uma farinha de qualidade, a gente não ouve reclamações", afirma Cláudio, lembrando que há hoje em torno de 100 fregueses entregando trigo todo o ano para moagem.

Seu Arlindo decidiu comprar o moinho, que esmagava milho em pedra, há 12 anos. "Eu tinha pouca terra, e precisaria de muito dinheiro para aumentar a lavoura, e então comprei o moinho", conta o agricultor. Ele mandou fabricar o equipamento que hoje é utilizado, e trocou o prédio de madeira por um de alvenaria. Com o dinheiro da moagem, que ele não considera



Cláudio e Arlindo têm cerca de 100 clientes que entregam trigo para moagem

muito, seu Arlindo custeia a maior parte da lavoura. Este ano, por exemplo, 110 sacas de trigo foram plantadas por conta, e apenas uma área onde semeou 20 sacas foi financiada. Ele também usa terra arrendada, e agora irá formar 37 hectares de soja somente com recursos próprios. Se não fosse o moinho, seu Arlindo certamente teria que recorrer ao banco para tocar a lavoura.

### PÃO MACIO

A família Pasqualotti não conhece farinha comprada, e não poderia mesmo ser diferente, pois tem prova de que não há nada melhor do que o produto saído de um moinho colonial. Dona Norma, mulher de seu Arlindo, é quem prova isso. Ela fez pão caseiro no dia 8 de novembro, uma sexta-feira, e no dia 11, uma terça, ele ainda estava macio. Um pão com farinha pura — asseguram os Pasqualotti — não fica quebradiço tão cedo, e se mantém macio até cinco dias depois de sair do forno.

Seu Arlindo anda ouvindo falar na tal queda do subsídio, tão anunciada mas sem-



Dona Norma: provando que o pão é macio

pre adiada, e acredita que aí sim poderia trabalhar de dia e de noite, se for preciso. O moinho tem capacidade para esmagar de 30 a 35 sacos de trigo por dia, segundo Cláudio, que cuida de todo o serviço, com apenas mais um funcionário. Entre o moinho e a lavoura, Cláudio fica com os dois. "Aqui o trabalho é mais arrojado, e não dá pra sair de perto, mas a gente se acostuma".

## Risco para a pequena indústria

O Brasil possui hoje 186 moinhos credenciados para esmagamento de trigo. Mas um pequeno grupo, com participação de capital estrangeiro, controla quase a metade da capacidade de moagem do País (veja na página 17). A outra metade fica pulverizada entre moinhos de pequeno e médio porte. De que forma estas pequenas indústrias ainda em atividade poderão competir com o cartel moageiro, no momento em que a comercialização for liberada? Quem garante que estes moinhos menores continuarão esmagando volumes iguais aos das cotas garantidas atualmente?

Este temor, que atinge a indústria nacional, tem um exemplo em Ijuí e é manifestado por Loide Walter, proprietária do Moinho Ijuí. A ameaça é baseada no fato de que o fim das cotas — segundo ela — iria sepultar essas indústrias. O Moinho Ijuí conta atualmente com uma cota semanal de 78 toneladas. Com a livre comercialização, a empresa ficaria — afirma Loide — sem condições de competir com as indústrias de maior porte, que podem formar grandes estoques e têm estrutura para realizar compras diretas do exterior.

As compras diretas — previstas no projeto do deputado Odilon Salmória — seriam apenas fiscalizadas pelo governo. As estatísticas mostram que o trigo importado tem, invariavelmente, qualidade superior ao do nacional. Assim, os grandes grupos, com melhores condições para estocar, seriam beneficiados também por um produto me-



Loide: pequenos dependem das cotas

lhor. Para complicar ainda mais, os pequenos moinhos se veriam obrigados, para competir, a adquirir trigo para todo o ano. Mas não dispõem de capital de giro capaz de assegurar essas compras.

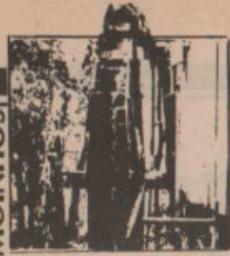
### HÁ 50 ANOS

A livre comercialização iria acirrar a concorrência em função, principalmente, da ociosidade dos grandes moinhos, que comprariam volumes ainda maiores que os assegurados hoje pelas suas cotas. Loide Walter ressalta que a ameaça para os pequenos moinhos está na hipótese da queda das cotas, e não na retirada do subsídio. Ela admite que o fim do subsídio teria, a longo prazo, efeitos benéficos para a economia. Mas lembra que a sua extinção traria, de

imediate, reflexos na inflação que o governo tenta controlar a todo custo.

O Moinho Ijuí foi construído há cerca de 50 anos, por Stephan Walter, avô do marido de Loide, Egon Walter, comercializa a farinha de trigo Lorigui em municípios do noroeste do Estado e mantém 10 funcionários. Loide lembra que Stephan, já falecido, era proprietário de um moinho colonial em Panambi, onde existe hoje um restaurante que preservou parte das instalações e a roda d'água. Ela está certa de que a indústria da família irá desaparecer, se a extinção das cotas não for acompanhada por uma medida capaz de proteger os pequenos moinhos nacionais.





Projeto que ameaça regalias não anda

# Trancos e barrancos

O fim do subsídio ao trigo, a extinção do monopólio estatal na compra do produto e a livre industrialização beneficiariam os moinhos coloniais, permitiriam uma concorrência mais leal no mercado e certamente garantiriam melhor preço ao grão. Tudo isso está previsto no projeto de lei número 2.128, do deputado Odilon Salmória, do PMDB de Santa Catarina, em tramitação desde 1983 na Câmara Federal. Contra esse projeto se movem, bem organizados, os industriais do setor. Do outro lado, estão as cooperativas, entidades ligadas ao setor primário e muitos economistas, além do próprio Ministério da Agricultura da Nova República.

O projeto de Salmória enfrenta trancos e barrancos. A matéria já foi apreciada pelas comissões de Constituição e Justiça e de Agricultura da Câmara, e está agora na Comissão de Economia, onde foi submetida a três debates. Depois dos estudos nessa comissão, o projeto vai a plenário, para votação, em data ainda imprevisível. Mas outras previsões indicam que não será nada fácil a aprovação da proposta pelos deputados que integram a Comissão de Economia.

O diretor técnico da Fecotri, Carmine Rosito, que acompanha o assunto de perto, afirmou agora, no início de novembro, que as chances de aprovação não são muitas. "Se o projeto não passar pela comissão dificilmente ele será aprovado em plenário", disse Rosito. Acontece que os políticos, dos mais variados partidos, têm na ponta da língua o discurso dos industriais e determinadas alas do governo, em favor da manutenção do monopólio da compra estatal e do sistema de distribuição do trigo por cotas aos grandes grupos

## PRAZO

Estão em jogo vários trilhões de cruzeiros do subsídio, que — com o reforço do sistema de cotas — transformaram a comercialização e industrialização do produto numa teta que ninguém quer largar. Por muitos anos, os moinhos credenciados receberam o trigo subsidiado do governo, com prazo de mais de 40 dias para pagamento. É daí, principalmente, que as indústrias tiram seu lucro financeiro. Com a livre comercialização, através da venda direta ou em leilões, essa moleza deixaria de existir. Isso não quer dizer que o governo deixará de dar garantia de preço mínimo ao produto, ou que comprará o trigo sempre que o preço de mercado estiver abaixo do valor da garantia. O projeto de Salmória prevê que o governo deixaria de ser o único comprador, e que o trigo seria comercializado como qualquer outro produto, de acordo com as pressões da oferta e da procura.

## MOVIMENTO

As cooperativas vêm se mobilizando nos últimos anos, em favor do fim do subsídio, da extinção do monopólio estatal e da livre comercialização, lideradas pela Fecotri. Também a Farsul e a Fetag aderiram a este movimento, que andou meio esquecido desde o ano passado. Para Carmine Rosito, esta campanha deve ser retomada, se as cooperativas desejam de fato que o projeto de Salmória seja aprovado.

Mas não há, de imediato, uma ameaça aos fortes grupos que dominam o setor. Afinal, as cooperativas — que são apontadas como futuras concorrentes na moagem — não estão hoje em condições de investir nessa área. Além disso, é preciso lembrar que o setor enfrenta de fato uma ociosidade, muitas vezes ressaltada

pelos industriais. Para Rosito, o que interessa no momento é conseguir o fim do subsídio e a livre comercialização, não para concorrer com as indústrias, mas para se chegar a outros benefícios.



Odilon Salmória

## DIVERSIFICAÇÃO

Ele lembra que o fim do subsídio, que pode ser determinado pelo governo sem interferência do Congresso, beneficiaria automaticamente os moinhos coloniais. E a livre comercialização — aliada à extinção do subsídio — poderia garantir maior poder de barganha ao trigo na hora da venda. Com livre mercado, o produto poderia conseguir preços acima dos valores mínimos de garantia. Além disso, cresceria a possibilidade de investimentos em culturas alternativas, com vantagens para o produtor que ainda enfrenta a monocultura do trigo.

A verdade é que, nessa história toda, os industriais estão bem mais organizados do que as entidades que representam o produtor. Os grupos são liderados, entre outros, pelo presidente da Fiesp — Federação da Indústria de São Paulo, Luís Eulálio Vidigal. E contam com aliados que surpreendem, como o respeitado comentarista econômico Joelmir Beting, para quem o atual sistema de comercialização e industrialização é perfeito.

## VIGILÂNCIA

O temor desses grupos é facilmente



Muitos moinhos poderão voltar a funcionar, se o projeto for aprovado

localizado. Eles sentem de perto a ameaça de novos concorrentes, diante da possibilidade de extinção das cotas. Os jornais chegaram a anunciar, no ano passado, que "uma grande cooperativa gaúcha" teria encomendado um orçamento de equipamentos de moagem a uma indústria, para esmagamento de um volume de trigo capaz de abastecer o mercado gaúcho. Essa cooperativa não foi identificada, mas sabe-se que a insinuação foi dirigida à Centralsul.

Enquanto o projeto de Salmória continua em banho-maria, os industriais não afastam a vigilância em torno da Câmara dos Deputados. Estão ali, afinal, os políticos que irão definir o futuro de um cartel que há várias décadas tira proveito de toda a estrutura montada pelas cooperativas para a produção do trigo nacional. As mesmas cooperativas que garantem assistência técnica, contribuem com armazenagem e comercialização, repassam crédito ao produtor e apenas assistem, na outra ponta, a facilidade com que grupos estrangeiros engordam seus lucros moendo trigo com cilindros lubrificadas com cotas e subsídios.

## Mutirões no Paraná

No Paraná, a Secretaria da Agricultura está coordenando um projeto de reativação de moinhos coloniais, e tem inclusive uma meta: contar com 50 unidades em funcionamento até o início de 1987.

O apoio financeiro, para que isso aconteça, é assegurado pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), com financiamentos a baixos custos. Os agricultores, que reconstruem os moinhos em mutirão, pagam juros de 3 por cento ao ano, mais 50 por cento de correção monetária, com dois anos de carência e até seis anos de prazo.

A Secretaria identificou, no interior do Estado, 166 moinhos coloniais em condições de serem reativados ou melhorados. Alguns deles, como aconteceu no Rio Grande do Sul, continuam em atividade, mas esmagando apenas o milho. Os mutirões envolvem centenas de produtores, que se dedicam à recuperação das rodas de água, de moendas de pedra e instalações.

Na localidade de Novas Tebas, município de Pitanga, por exemplo, os produtores gastaram 8 milhões e meio para recuperar um moinho, arrecadados em quermesse, bailes e sorteios. A comunidade recebeu inclusive uma doação da Câmara dos Deputados da Bélgica, solicitada por um missionário católico. Foi essa experiência de Novas Tebas, no início deste ano, que motivou a Secretaria da Agricultura do Estado a buscar a recuperação de outros moinhos.

## SÓ MILHO

O certo é que, por enquanto, não é nada interessante para este pessoal mandar esmagar seu próprio trigo, para transformar em farinha. Afinal, como já se sabe, não seria compensador trocar o esmagamento pela venda do grão ao governo. E tudo por causa do subsídio, que ainda inviabiliza o funcionamento dos moinhos e favorece apenas os grandes grupos detentores de quota, que recebem barato do governo.

Mas os agricultores do Paraná estão investindo no futuro, ao apostarem na queda do subsídio. Quando esta ajuda oficial deixar de existir, será então interessante a moagem do trigo, especialmente aquele plantado com recursos próprios.

No Rio Grande do Sul, de acordo com a Fecotri, existem 60 moinhos coloniais registrados atualmente, e também estes se dedicam ao esmagamento do milho. Com cotas de moagem de trigo, são 80 os moinhos gaúchos, sendo que 13 pertencem a cooperativas. Juntos, eles esmagam apenas 3,46 por cento do total da farinha produzida no país.

## Na defesa

### SUBSÍDIO

● Os industriais já começam a admitir a possibilidade de extinção do subsídio. Isso passou a acontecer depois da forte mobilização contra esta ajuda do governo. Mas eles não vêem com bons olhos a hipótese de, com o fim do subsídio, ser estimulada a volta dos moinhos coloniais. Para os industriais, a moagem deve avançar em termos de tecnologia, e não retroceder ao tempo dos moinhos com pedra. Aqui, fica claro que temem até a concorrência dos moinhos coloniais.

### COTAS

● Os moinhos brasileiros têm capacidade de esmagamento para 9 milhões de toneladas ao ano, enquanto o consumo é de 6 milhões. O setor está ocioso, dizem os industriais. Segundo eles, com as cotas o fornecimento de trigo nunca sofreu problemas no Brasil. Para esses grupos, a extinção do sistema levaria à desordem, com a volta inclusive dos moinhos clandestinos e do trigo-papel. Com o fim das cotas, haveria mais concorrentes e maior ociosidade.

### COMERCIALIZAÇÃO

● O abastecimento de trigo no Brasil é considerado caso de segurança nacional. Por que, ninguém sabe. Afinal, o milho, o feijão e o arroz não mereceriam o mesmo tratamento? Há quem diga que o pessoal que lida com compra e venda de trigo, em Brasília, integra uma das mais competentes equipes do ramo no mundo. Com o fim do monopólio, haveria bagunça no setor. A livre comercialização estimularia as fraudes e os moinhos fantasmas, e elevaria os preços do trigo.

## No ataque

### SUBSÍDIO

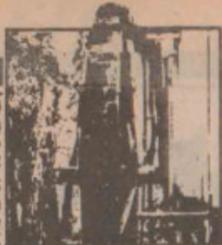
● O fim do subsídio é reivindicado não só pelas cooperativas, mas por muitas entidades de vários setores. O subsídio, hoje ao redor de 60 por cento, não beneficia quem consome derivados do trigo como se propala. Ele é inflacionário, prejudica a diversificação, muda hábitos alimentares e beneficia o produto importado. Por causa dessa "ajuda", a conta do trigo contribui hoje com 14 por cento da dívida externa brasileira, ou seja, 14 bilhões de dólares.

### COTAS

● O cartel que domina o setor moageiro se beneficia hoje do subsídio, mas tem sua sustentação mesmo no sistema de cotas. Cinco grandes grupos controlam a industrialização no país. São donos de um mercado em que ninguém mais pode entrar. As cooperativas contestam esse privilégio, que não existe em qualquer outra área. O fim das cotas beneficiaria os moinhos coloniais e permitiria a possível entrada de outras empresas na industrialização.

### COMERCIALIZAÇÃO

● O governo federal, que instituiu o sistema de cotas junto com a compra estatal, em 1967, é o único comprador de trigo. Todos os negócios são concentrados na área federal, desde as compras internas e externas até as vendas. As cooperativas entendem que a comercialização deve voltar a ser livre, para que também o trigo seja regulado pelas leis do mercado. O produto seria vendido em leilões, o que não quer dizer que se defenda o fim da garantia do preço mínimo.



# Mercado cativo dos grandes

Quem está dentro não sai e quem está fora não entra



Ruben: contra o cartel

O subsídio ao trigo vai abocanhar este ano cerca de 6 trilhões de cruzeiros, e em 1986 estará custando aos cofres federais uns 30 trilhões. Estas estimativas são do secretário geral do Ministério da Agricultura, Ruben Ilgenfritz da Silva e dão uma idéia dos custos de um benefício apenas aparente. A verdade é que o subsídio pode até reduzir os preços da farinha de trigo e seus derivados, mas termina sendo pago por toda a população. Pior do que isso, esse dinheiro todo beneficia, na verdade, grandes grupos que monopolizam a moagem no país.

O subsídio foi instituído em 1972, com a intenção de baratear o preço do pão, do macarrão e outros produtos. Hoje, o governo compra o trigo nacional por 2 milhões e 114 mil cruzeiros a tonelada, e repassa aos moinhos por cerca de 800 mil cruzeiros. Para garantir essa diferença, o governo banca o tal subsídio, geralmente emitindo dinheiro e, com isso, contribuindo para o aumento da inflação. Vale lembrar que também o trigo importado é subsidiado, o que quer dizer que a produção estrangeira termina sendo estimulada por uma política do tempo do chamado "milagre brasileiro".

## CONCORRÊNCIA

Mas os moinhos coloniais deixaram de existir bem antes da criação do subsídio. Eles foram desaparecendo aos poucos com o decreto 210, de 1967, que instituiu o monopólio da compra estatal. O governo passou a comprar o trigo e a repassar o produto, por cotas, às indústrias. Cada indústria deveria comprovar sua real capacidade de moagem, e a partir daí receber volumes mensais. É claro que somente os grandes grupos poderiam suportar a concorrência e a política das cotas estabelecidas pelo governo.

O Rio Grande do Sul e Santa Catarina concentravam,

em 1967, o maior número de moinhos, com 374 unidades registradas. Hoje, esses dois Estados possuem apenas 116 unidades. Mas é preciso lembrar que também existiam moinhos coloniais não cadastrados oficialmente, e por isso há quem garanta, como o deputado Antonio Carlos Borges, que o Estado possuía na verdade, mais de 800 moinhos no total. Borges é o presidente de uma comissão especial da Assembléia Legislativa gaúcha que estuda a situação dos moinhos coloniais.

## CINCO GRANDES

No Brasil, em 1967 existiam 467 moinhos, que ficaram reduzidos hoje a 186. Numa palestra sobre o futuro da triticultura nacional, dia 25 de outubro em Cruz Alta, Ruben Ilgenfritz da Silva afirmou que um cartel, um pequeno grupo bem organizado, controla a moagem do produto no país. Os números provam isso. Dados levantados pela Assembléia Legislativa de Santa Catarina revelam que cinco grandes empresas, algumas com participação de capital estrangeiro, detêm atualmente 47 por cento da capacidade de moagem do trigo no Brasil.

Estes grupos são os Moinhos Fluminense/Santista/Recife, J. Macedo, Anaconda, São Jorge e Cruzeiro. Análises de balanço das indústrias mostram que seus lucros financeiros são garantidos pelo subsídio, apesar de muita gente dizer que a ajuda do governo pouco representa para as indústrias, pois os benefícios seriam dirigidos a quem consome. Os grupos se localizam nos grandes centros, nunca figuram nas listas de empresas em dificuldades, e acabam abastecendo, na verdade, as populações da classe média.

O diretor técnico da Fecotrig, Carmine Rosito, assegura que são essas empresas que controlam a moagem as grandes beneficiadas com o subsídio e o

monopólio estatal. Ele observa que a farinha participa com apenas 17 por cento do custo final de um pão, por exemplo. Já o professor Fernando Homem de Mello, da Universidade de São Paulo, chegou à conclusão de que os pobres estão longe de serem os verdadeiros beneficiados pelo subsídio. "O pobre — diz ele — ganharia muito mais com o subsídio ao arroz e ao feijão".

## INFLAÇÃO

Em fevereiro deste ano, o Ministério da Agricultura realizou estudos, segundos os quais a retirada do subsídio aumentaria em 18 por cento, em média, os preços dos derivados da farinha. O pão francês ficaria 18 por cento mais caro; o macarrão, 26 por cento; o pão de forma, 19 por cento; e os biscoitos, 9 por cento. Mas os gastos da população de baixa renda aumentariam em apenas 1 por cento, em função do encarecimento desses produtos.

Com um por cento a menos em sua renda, é certo que as populações de baixo poder aquisitivo não ficarão tão mais pobres do que já são. Afinal, não será com subsídios de benefícios duvidosos que os assalariados terão recompensas para o achatamento de seus ganhos, cada vez mais minguados ao longo dos anos da República velha. O subsídio, enfim, é pago indiretamente pela população — e mais ainda pela de menor renda — na forma de impostos, de inflação, de taxas, como diz Fernando Homem de Mello.

Para se ter uma idéia da contribuição do subsídio num fator decisivo para o aumento da inflação, vale a pena citar estes dados. Há quatro anos, a conta do trigo contribuía com 13 por cento na expansão da base monetária, ou seja, na emissão de dinheiro pelo governo. Este ano, a participação do subsídio ao produto passou para 37 por cen-

to. Isso quer dizer que de cada 100 cruzeiros emitidos pelo governo, 37 foram para tapar a conta do trigo. E sempre que se

aumenta o dinheiro em circulação, sem crescimento da economia, está sendo alimentada a inflação.

PARA O MILHO NÃO PIPOCAR,  
USE A RECEITA CERTA.

Milho de fazer pipocas, em panela com gordura quente, salta logo, que não é bobo. Milho plantado sem o adubo correto fica fraquinho, sem forças, esgota a terra e dá prejuízo.

Por isso, cuide bem do preparo da sua terra, antes de plantar.

Depois não adianta lamentar. Milho, para dar aquelas espigas douradas, com grãos bem graúdos e saudáveis, precisa se alimentar com Adubos Ipiranga.

Isso porque Adubos Ipiranga tem a fórmula correta para ele ficar um verdadeiro Milho-nário.

Quando o adubo é colocado na terra, leva os nutrientes certos, na dosagem exata.

E tudo isso foi testado antes, em seus laboratórios, onde foram analisadas fórmulas e os diversos tipos de terra.

Depois disso, o resultado só pode ser um.

Um milharal altamente produtivo, com uma rentabilidade que vai encher o seu bolso e satisfazer sua validade de produtor rural.

Lembre-se, a receita certa para a cultura do milho tem um nome: Adubos Ipiranga.



**ADUBOS  
IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

## Uma barreira a menos

As atividades dos moinhos coloniais foram disciplinadas pela lei 6.387, de 9 de dezembro de 1976, que transformou as antigas indústrias caseiras em simples prestadoras de serviço. De acordo com esta lei os moinhos coloniais são os que esmagam, no máximo, 730 toneladas de trigo por ano, sem direito a comercializar a farinha a terceiros. Isso quer dizer que os moinhos apenas transformam o grão em farinha e devolvem o produto a quem solicitou a moagem, cobrando pelo serviço.

Há pelo menos três pontos bastante citados, que impedem a transformação dos moinhos coloniais numa verdadeira indústria, com liberdade para comercializar. Em primeiro lugar, está o fato de que, com o subsídio, não é interessante ao agricultor encaminhar o trigo ao moinho, pois ele pagaria pelo serviço e teria ainda um produto bem mais caro que o encontrado nas prateleiras dos supermercados. Em se-

gundo lugar, aparece a própria proibição à comercialização. A farinha moída na colônia seria, de acordo com a lei do governo, destinada exclusivamente ao consumo da família, e não teria assim valor comercial. O terceiro ponto está no limite de esmagamento de apenas 730 toneladas ao ano.

## UMA BRECHA

Mas o economista Lauro Salvador, ex-vice-presidente da Federação das Indústrias de Santa Catarina, garante que a comercialização é possível. Ele descobriu uma brecha na legislação, que permitiria aos moinhos vender excedentes. Segundo ele, isso é possível, a partir do momento em que os moinhos coloniais forem registrados como microempresas, com base na lei 7.256, de 27 de novembro de 84, a lei complementar 048, de 10 de dezembro do mesmo ano, e mais o decreto 90.880, de 30 de janeiro de 1985.

A microempresa registrada

na Junta Comercial fica livre de uma série de impostos e de uma enorme burocracia. Para o economista, também o moinho pode se beneficiar desses privilégios, mesmo que a lei de 1976, que disciplina suas atividades, fale na proibição para comercialização de farinha. Ele está certo de que a lei de microempresa revoga este obstáculo, permitindo que os moinhos continuem como prestadores de serviço e, ao mesmo, comercializem a farinha.

Lauro Salvador explica que geralmente os moinhos recebem como pagamento uma porcentagem do próprio produto encaminhado à moagem. Tanto a farinha e o farelo recebidos então pela prestação do serviço poderiam ser vendidos, e com isenção de impostos. O economista é um dos mais combativos defensores da volta dos moinhos coloniais, e até acredita na aprovação do projeto do deputado Odilon Salmória, em tramitação na Câmara Federal.

# Gado em terras dobradas

Produção leiteira ajuda na diversificação em Tenente Portela e Miraguaí

A grande maioria dos produtores de leite de Tenente Portela e Miraguaí possui área de terra ao redor de uns 10 hectares. Seus rebanhos são de duas ou três vacas, geralmente de raças indefinidas. E a produção diária de cada uma das propriedades é, em média, de pouco mais de 12 litros na época de safra. Essa realidade da região de terras dobradas vai aos poucos sendo mudada, e para melhor, com a decisão da Cotrijuí de estimular uma atividade que até março deste ano não contava com muito apoio nos dois municípios. A produção leiteira vai assim se firmando, sem muita pressa, como ponto importante no conjunto da proposta da diversificação.

Tanto em Tenente Portela como em Miraguaí somente agora é que o setor leiteiro passa a ser encarado, na prática, como capaz de assegurar renda complementar a centenas de famílias. Isso acontece desde 25 de março deste ano, quando a Cotrijuí pôs em funcionamento um posto de recebimento e resfriamento de leite, com capacidade para 20 mil litros diários. Ao mesmo tempo, a unidade da Cooperativa em Tenente Portela — onde o posto foi construído — dá atenção à assistência técnica, para que o produtor possa investir na melhoria do rebanho, das pastagens e do manejo dos animais.

## BALANÇO

Um balanço dos sete meses de funcionamento dessa estrutura para recebimento de leite mostra alguns resultados significativos, mesmo que o trabalho recém esteja dando seus primeiros passos. O encarregado do posto, o técnico agrícola Edmar Vidal de Siqueira, lembra que no final de março, quando se inaugurou o serviço, 103 produtores estavam inscritos. O relatório de outubro revela que existem hoje cerca de 260 associados entregando o produto, que é depois transportado à indústria da CCGL — Cooperativa Central Gaúcha de Leite, em Ijuí.

Há outros números que mostram a evolução da entrega e a adesão dos associados de Portela e Miraguaí. Em abril, o posto recebeu 34.417 litros de leite, e o volume foi crescendo mensalmente até chegar a 110.089 litros em outubro (veja o quadro ao lado). O aumento nesse período foi de 319 por cento, mas não quer dizer que houve um crescimento de produtividade. Na verdade, como explica Edmar, isso se deve principalmente ao aumento do número de produtores que decidiram entregar leite à Cooperativa. Um segundo fator é o natural crescimento da



Nilson e Nilza têm duas vacas e pretendem comprar mais dois animais

MOVIMENTO DO POSTO	
(litros recebidos)	
Abril . . . . .	34.417
Mai . . . . .	47.370
Junho . . . . .	52.878
Julho . . . . .	70.749
Agosto . . . . .	81.451
Setembro . . . . .	93.442
Outubro . . . . .	110.089
MÉDIA POR DIA	
Abril . . . . .	1.030
Outubro . . . . .	3.550



Dona Geanetta: é preciso tomar menos refrigerante

produção, que se inicia na primavera.

O certo é que o primeiro fator, relacionado com a ampliação do número de associados, de 103 no início para 260 em outubro, pesa muito mais. Tanto que a média diária por produtor, que era de 10 litros em abril, subiu muito pouco, para 12,8 litros até o final de setembro. Mas no geral, com as adesões registradas mês a mês, o volume recebido diariamente pelo posto cresceu bastante: saltou dos 1.030 litros de abril para 3.550 litros em outubro, de acordo com as médias diárias desses dois meses.

## DESCAPITALIZADO

Edmar observa que a situação poderia estar bem melhor, se o produtor não tivesse enfrentado problemas com a comercialização da última safra de soja. "O pessoal ficou ainda mais descapitalizado, e não pôde adquirir animais", afirma ele, lembrando que a previsão inicial era de que o volume de leite, nessa época, seria maior do que o registrado. Mesmo assim, já podem ser notadas mudanças na própria paisagem de Tenente Portela, como sinal de que a atividade leiteira vai ganhando importância. "Até pouco tempo — diz Edmar — não se via o gado em pas-

tagens no município". Hoje, existem propriedades que investem em forrageiras.

Quatro freteiros mantêm quatro linhas, nos dois municípios, percorrendo cerca de 320 quilômetros por dia. Esse serviço de coleta poderá abranger novas linhas, de acordo com a adesão dos produtores, mesmo que muita gente ainda prefira vender leite in natura diretamente nas duas cidades. O importante é que com a estrutura criada pela Cotrijuí muitos produtores que não tinham condições de transportar o leite até Portela ou Miraguaí, para a venda de porta em porta, conseguiram viabilizar a atividade e complementar a renda familiar.

## PASTAGEM

Na Linha Glória, por exemplo, onde reside o casal Nilson e Nilza Calgaro, o pessoal se mobilizou assim que a Cotrijuí decidiu entrar nessa área. Nilson foi quem liderou o movimento na vizinhança, mesmo que seja dona Nilza quem cuide da lida com os animais. Eles se dedicam à produção leiteira desde março do ano passado, e inicialmente entregavam o excedente à Cotricampo, que mantinha uma linha na localidade.

O casal, que possui 12,5 hectares de terra, começou com apenas uma vaca, e hoje tem dois animais de cruzamento indefinidos. Entregam atualmente 15 litros, em média, a cada dois dias, e pretendem investir mais nessa área. "Eu cheguei a pensar em comprar mais duas vacas, mas faltou dinheiro", conta Nilson. Com 3 ou 4 vacas, eles estão certos de que cobririam as despesas da casa referentes à alimentação comprada na cidade e outros artigos do dia-a-dia.

Nilson formou uma pequena área com aveia para o gado, e pôde notar o aumento na produção, que dobrou em função da pastagem. Dona Nilza, que está com sete meses de gravidez, esperando o quarto filho, anda meia desligada da lida, mas isso não prejudica o andamento do trabalho. "Ela me ajuda na roça, e agora eu ajudo ela em casa", conta o marido. É dona Nilza quem diz: "O pequeno deve se dedicar à produção de leite. A renda é pouca, mas se hoje a gente estivesse sem ela, sentiríamos falta do dinheiro que entra".

É mais ou menos isso o que diz também dona Geaneta Dallabrida, da localidade de Pinhalzinho: "Com o ganho do leite eu posso abastecer a casa com o que é preciso comprar fora". Também no seu caso, o marido, Josué Dallabrida, proprietário de 33 hectares, pouco se envolve com os animais. Dona Geaneta cuida dessa área com a filha, Márcia, de 15 anos.

## MENOS REFRIGERANTES

Ela relembra que começou tirando leite de 2 vacas, há quatro anos, e hoje tem 6 animais, que produzem em média, por dia, um total de 30 litros atualmente. São vacas rústicas, de cruzamentos que a família não sabe definir, mas que recebem uma boa alimentação, pois também os Dallabrida decidiram investir em pastagem, com um poteiro com aveia. O gado consome ainda, antes do crescimento do pasto, mandioca e farelo comprado fora ou feito com milho da propriedade.

Dona Geaneta acha que a atividade estaria melhor para o produtor se os moradores da cidade fossem estimulados a tomar mais leite e menos refrigerantes. Ela também se queixa do preço pago ao produtor, ressaltando que o litro deveria custar ao redor de Cr\$ 1.500, contra os atuais Cr\$ 1.040. Mesmo assim, não pensa em reduzir o plantel, e muito menos em deixar a atividade. Agora, afinal, é que o setor está se estruturando, e dona Geaneta acredita que um dia o produtor ainda será melhor remunerado.

## Ninguém é especialista

Assim como o plantio do milho híbrido é um desperdício em terras dobradas, também a criação de gado holandês, para a produção de leite, nessa região de morros e pedras, não teria sentido. Dessa forma é que o gado Jersey e seus cruzamentos estão para a pecuária leiteira como o milho crioulo está para a lavoura. Os dois são rústicos e próprios para as condições de municípios como Tenente Portela e Miraguaí, onde ninguém pretende se especializar na produção de leite, como ressalta Edmar Vidal de Siqueira.

A atividade é adequada à realidade da região, e se firma como mais uma opção na diversificação. Isso não quer dizer que não exista uma preocupação da Cotrijuí em melhorar a qualidade do rebanho, mas sem exageros. A Cooperativa recomenda, por exemplo, que os produtores

evitem a compra de gado de fora, como o holandês. Uma vaca holandesa é exigente em alimentação, e não encontraria nessas condições necessárias para suas potencialidades.

"É possível até que uma vaca holandesa, nessas condições, produza menos do que uma vaca Jersey", diz o veterinário Daniel Heuser, da unidade de Portela. A Cotrijuí tem estimulado a inseminação, como forma mais barata de se conseguir a melhoria zootécnica do rebanho, com sêmens de holandês, jersey, zebu, Fleckwie e suíço. Os cruzamentos mantêm a rusticidade, ao mesmo tempo em que se investe também na alimentação, com a formação de pastagens.

Um aspecto importante nisso tudo é a conciliação entre a reprodução de animais para leite e para o trabalho, como enfatiza Daniel. Afinal, nos dois municí-



O posto pode receber até 20 mil litros por dia, segundo Edmar. A tração animal tem papel importante na lavoura, onde em muitas delas fica impossível o uso de tratores.

# O extra-cota só em dezembro

Numa decisão que vem recebendo a simpatia da maioria dos produtores de leite, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite — CCGL —, abriu mão da aplicação do leite excedente nos meses de setembro, outubro e novembro. Mas a alegria não vai durar muito. A partir do dia primeiro de dezembro, a medida vai entrar em vigor, se estendendo por janeiro e fevereiro do próximo ano.

A decisão de adiar a aplicação do leite excedente para o mês de dezembro, segundo o Alaor José Daltrozo, responsável pelo setor de leite da Cotrijui na região, tem muito a ver com a pressão que algumas cooperativas filiadas vinham fazendo sobre a Central, pedindo que o leite excedente não fosse aplicado nesse ano. O assunto foi tema para muita reunião entre a Central e as suas filiadas, mas a decisão final só foi tomada a partir de um encontro realizado em Tapera, no final do mês passado. "Algumas Cooperativas filiadas, explica o Alaor, defendiam a idéia de que a Central precisava levar em conta que o produtor de leite recém agora vinha querendo se recuperar de dois anos difíceis, quando a produção leiteira chegou a níveis baixíssimos". Outras Cooperativas se mostravam a favor da medida, porque a viam como única forma de disciplinar a produção, principalmente nos meses de inverno.

Na verdade, os produtores mais atingidos com a medida serão aqueles que não venderam quase nada durante os meses de formação de cota — abril, maio, junho e julho — ou que recém agora estão ingressando na atividade. Esses produtores, a partir de dezembro, estarão recebendo apenas Cr\$ 929 pelo litro de leite.

## SÓ LEITE CONSUMO

Outra decisão da Central diz respeito a comercialização da produção. Nos meses de abril, maio e junho do próximo ano, todo o produto entregue, independente da decisão da Portaria da Sunab e das demais indústrias, deverá ser comercializado como leite consumo. Essa decisão da Central, segundo o Alaor, tem a intenção de incentivar a produção nos piores meses do ano.

## PROGRAMAÇÃO

Mas um outro assunto, também bastante polêmico, andou agitando os produtores de leite: os reajustes de preços para o produto. Depois de muito disque-disque, o preço foi reajustado em 35 por cento, mas levou mais quatro dias, além da data pré-estabelecida que era 16 de outubro, para sair. E também não agradou aos produtores, que estão recebendo, desde o dia 20 de outubro, Cr\$ 1.355 pelo litro de leite cota consumo; Cr\$ 1.289 pelo leite cota indústria;

Cr\$ 284 pelo leite ácido e Cr\$ 929 pelo litro de leite excedente.

De agora em diante, os reajustes para o leite deverão ser trimestrais e para garantir essa decisão, o governo chegou a elaborar uma programação a ser se-

guida durante o próximo ano. Assim, já está definido um próximo reajuste para o dia 16 de dezembro e os demais, no ano que vem, no dia 16 de março; 16 de junho; 16 de setembro e 16 de dezembro. "É claro, diz o Alaor,

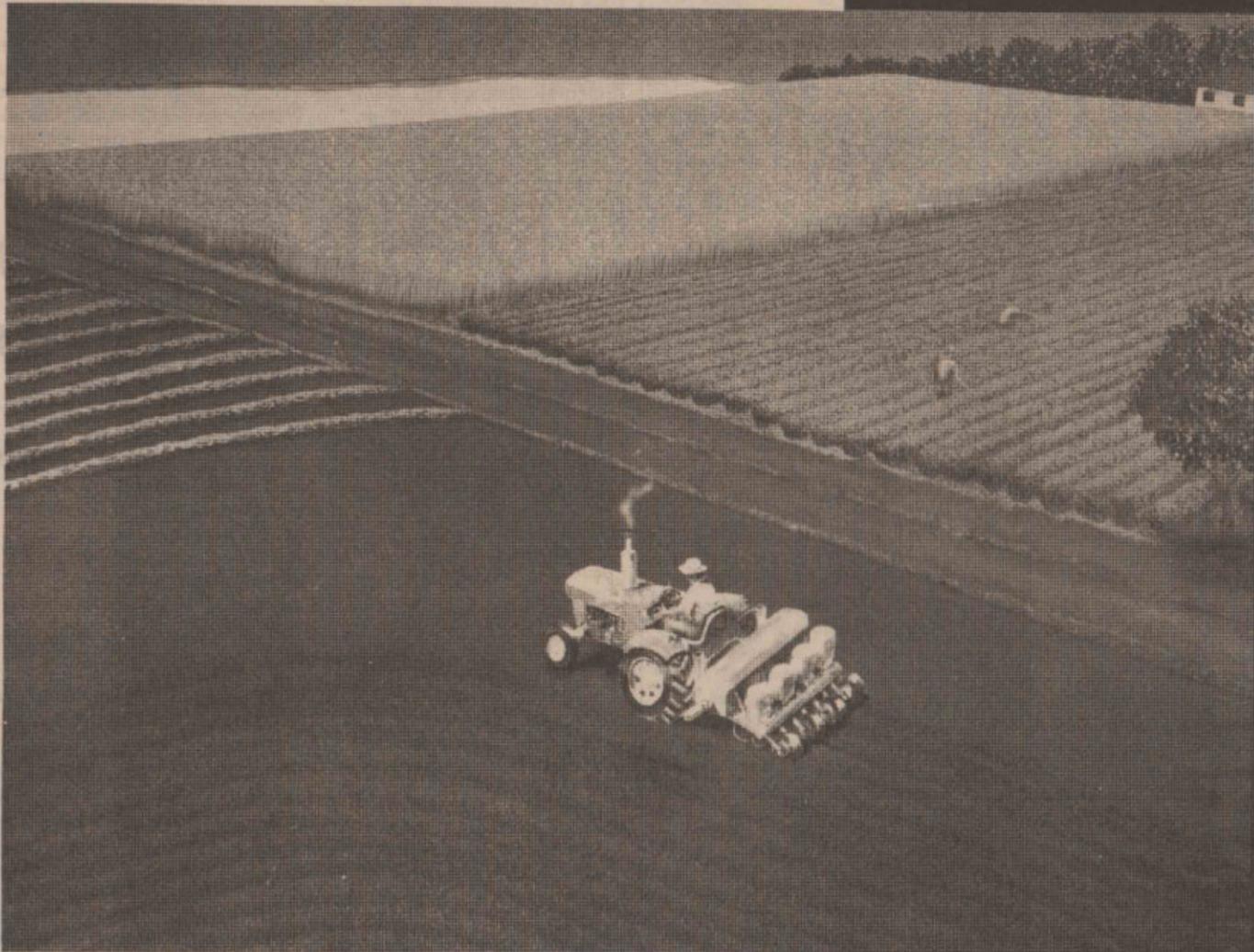
que o produtor não deve esperar demais destes reajustes, porque eles não deverão ultrapassar os índices inflacionários, mas mesmo assim, a medida deve ser encarada até como uma conquista".



Alaor Daltrozo: conquistas

# Planta Brasil.

Está na época de plantar um novo país. De ter união entre o agricultor e o Governo. De dar melhores condições de vida para as populações carentes. Está na época de ter confiança. A mesma confiança que fez o Governo, apesar das dificuldades, comprar toneladas e toneladas de grãos para proteger o agricultor e o consumidor. Além de financiar trilhões de cruzeiros para o custeio. Está na época de produzir mais. Quem planta com confiança, colhe com garantia. Planta, Brasil.



# Esta é a época certa.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA

 BANCO DO BRASIL S.A.

 **cfp** companhia de financiamento da produção

# Falta tradição

A pecuária de corte já teve melhores dias na região, embora nunca tenha sido considerada, exceção feita apenas ao município de Jóia, uma atividade tradicional. A própria estrutura fundiária da região, caracterizada por minifúndios não permitiu que a pecuária de corte deslançasse como deveria. Mas num determinado período, ela chegou a ensaiar um certo crescimento, medido não apenas pelo número de animais, mas também pela qualidade do rebanho.

Esse crescimento da pecuária deu-se a partir de 1973, numa época em que o crédito era barato e de fácil acesso. As Feiras de Terneiros, realizadas na região, principalmente em Ijuí, atraíram expositores de todo o Estado e produtores de todos os lados, envolvendo grandes negócios. Bastou o dinheiro encarecer para que a pecuária de corte sofresse as suas primeiras baixas. "Na hora em que faltou dinheiro, conta o Waldir Groff, médico veterinário da Secretaria da Agricultura à disposição da Cotrijuí, muitos produtores saltaram fora da atividade".

## ESVAZIAMENTO

Com a escassez de recursos e o frete cada vez mais caro, as Feiras, que eram as atrações da região, começaram a esvaziar. O número de expositores de outras regiões começou a diminuir, pois ninguém tinha tanto dinheiro para gastar com frete e muito menos garantia de que realizaria bons negócios. Os produtores também se desinteressaram pela atividade, passando a dar um pouco mais de atenção, mas apenas por um determinado tempo, para a pecuária de leite. Essa regressão, segundo o Waldir também tem um outro agravante, que é a falta de tradição dos produtores de lidarem com animais de corte. "O produtor só investiu enquanto havia facilidades", diz.

O esvaziamento das Feiras acabou, inclusive, com o Concurso de Novilhos Precoces, realizado anualmente pela Cotrijuí, em colaboração com a Secretaria de Agricultura. As restrições do crédito à pecuária segundo o veterinário, impediram que os pequenos produtores também se beneficiassem com o programa de Novilhos Precoces e ele teve a sua última edição em 1980. Nesse ano, ainda contou com a participação de 10 criadores e recebeu 148 animais.

## POUCOS PRODUTORES

O rebanho de corte da re-



Waldir Groff: o esvaziamento das Feiras é reflexo da situação da pecuária na região



gião — contando aqui o número de animais de Ijuí, Tenente Portela, Coronel Bicaco, Santo Augusto, Chiapetta, Ajuricaba, Augusto Pestana e Jóia — anda por volta de 70 mil cabeças de animais das mais diversas cruzas e envolvendo pouco mais de 600 produtores. O desprestígio do rebanho na região fica claro pelos números. De um total de pouco mais de 65 mil animais, 45 mil estão no município de Jóia, numa atividade bastante forte e que envolve nada mais nada menos do que 538 criadores (ver quadro abaixo). Nos demais municípios que integram a área de ação da Cotrijuí, o rebanho é bastante reduzido, formado quase que exclusivamente pelos terneiros produzidos pelas vacas de leite. Em Ijuí, por exemplo, apenas 10 produtores ainda se envolvem com a pecuária de corte.

Diante dessa situação e tirando fora apenas o município de Jóia que tem tradição na pecuária de corte, os demais penam pela falta de gado de cria, ficando sempre na dependência da realização de Feiras ou da venda de animais de outras regiões. Mas dentro da idéia de integração lavoura/pecuária, o gado de corte, segundo o veterinário, cabe perfeitamente na região. Muitas áreas com declives e inçadas, impróprias para as lavouras, podem muito bem ser melhor aproveitadas com pastagens para os animais", diz.

## INCERTEZAS

Mas o Waldir Groff acredi-

ta que diante dos baixos preços da soja no mercado internacional e das incertezas da lavoura de trigo, os produtores que têm potencial para o desenvolvimento da pecuária de corte, passarão a dispensar um pouco mais de atenção a atividade. "Como o consumo de carne da região é

muito grande, seria vantajoso para o produtor fechar o ciclo de abate dos animais dentro da sua Cooperativa.

Embora de um modo geral os produtores dispensem pouca atenção ao gado de corte, já existem alguns que estão plantando a soja no verão e pastagens no in-

verno, inclusive em áreas cercadas. E aí estão as aveias e o aveim, que de uns anos para cá vem apresentando um crescimento de área bastante significativo. Já está comprovado de que o trigo, num programa de rotação com forrageiras, apresenta um rendimento bem superior, explica o veterinário. Numa atividade bem integrada, deixando um pedaço de área para o trigo e outra para pastagem, o produtor tem condições de desenvolver a pecuária com sucesso.

A própria Cotrijuí está elaborando um plano de assistência aos produtores que quiserem fazer engorda de animais, usando a silagem, o feno e resíduos de lavoura — triguilho, farelo de arroz, de soja — num sistema específico de produção. Mas o produtor terá que transformar o máximo a nível de propriedade. Os dejetos — urina, esterco — ficarão dentro da propriedade e utilizados na recuperação do solo. Para um programa desse nível, o Waldir aconselha animais cruzados, das mais diversas raças, pois considera esses animais de maior vigor híbrido. "Mas isso, deixa bem claro, apenas porque os produtores da região são essencialmente terminadores, e animais cruzados, geralmente apresentam melhor desempenho".

## Melhor explorado

Com características fundiárias diferentes das demais regiões da área de ação da Cotrijuí na Pioneira — exceção feita apenas à região de Jóia — Santo Augusto apresenta excelentes condições para o desenvolvimento do sistema integrado lavoura/pecuária. O próprio clima, aliado as condições do solo, permite produzir, durante todo o ano, forrageiras de boa qualidade para a alimentação dos rebanhos. Mas nem todo esse potencial produtivo tem sido explorado, como fica bem claro pelo número de produtores da região, 37, envolvidos na atividade de corte. O rebanho bovino também não é dos mais expressivos, ficando por volta das 4.500 cabeças.

É claro que alguns problemas têm contribuído para o entrave da pecuária de corte. As oscilações de preços para o boi têm atrapalhado, de certa forma, a lucratividade da atividade. Frente a essa insegurança, muitos produtores, principalmente aqueles que não se envolvem apenas com a terminação dos animais, mas também com a produção de terneiros e recria, procuram não investir demais na atividade.

## EVOLUÇÃO

Para o coordenador do Departamento Técnico da Unidade de Santo Augusto, o veterinário João Alves Teixeira, os produtores da região só poderão atingir um estágio mais seguro e lucra-



João Teixeira: evolução

tivo com a pecuária de corte se promoverem uma evolução das condições produtivas da atividade. Ele coloca como pontos fundamentais para o desenvolvimento da pecuária, o manejo correto das pastagens, a implantação de pastagens perenes de verão, a mineralização e o controle de parasitas.

São as pastagens perenes, segundo o João Teixeira, que dão tranquilidade ao criador, transformando-se em suportes durante os períodos de transição das pastagens anuais e possibilitando que o gado mantenha-se com peso. Elas também são responsáveis pelo manejo adequado das pastagens recém implantadas. "O criador que não possui uma boa estrutura de pastagens perenes, acaba utilizando as anuais muito no cedo. Agindo desta forma, além de atrapalhar

o desenvolvimento das pastagens, ele está ainda comprometendo o ganho de peso dos animais", diz o veterinário.

Mas além de produzirem grandes quantidades de alimentos, tornando-se responsáveis pelo aumento da rentabilidade do rebanho, as pastagens perenes exercem importantes funções na recuperação da fertilidade do solo e no controle de erosão nas áreas de declividade acentuada. "Esta consciência", lamenta João Teixeira, "ainda não foi despertada na grande maioria dos nossos produtores aqui da região".

## CRESCIMENTO

As pastagens de inverno, especialmente o aveim e a aveia preta, pelo fato de serem forrageiras de excelente qualidade, extremamente adaptadas e de reduzido custo de implantação, quando semeadas à lanço ou por ressemeadura, vêm apresentando um excelente crescimento na região. Além de serem responsáveis pela produção da carne e do leite nos piores meses do ano, elas também têm servido de cobertura vegetal do solo em áreas que ficariam descobertas durante o inverno. "Acreditamos que pelo potencial de produção destas forrageiras, pelo comportamento do mercado de bovinos e pelas características de nossos produtores, a tendência é aumentar o interesse pela terminação de bovinos durante o inverno", diz o veterinário.

Rebanho de gado de corte na área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira. 1985.

Unidade	Nº de produtores	Nº de cabeças
Ijuí	10	5.000
Jóia	538	45.000
T. Portela	— o —	3.000
Coronel Bicaco	5	3.000
Chiapetta	3	1.000
Santo Augusto	37	4.500
Augusto Pestana	10	4.000
Ajuricaba	12	500
TOTAL	615	66.000

# Suporte para a lavoura

Pecuarista dos mais tradicionais, seu Darcy Machado tem hoje uma coisa muito clara na sua cabeça: se não fosse a pecuária de corte, já teria parado de lidar com a lavoura há muito tempo. Seu Darcy e mais um primo, o dentista Hélio Paiva Prauchner, trabalham juntos, em sociedade, em Rincão dos Paiva, no município de Santo Augusto, onde numa área de quase 800 hectares, plantam e criam gado de corte. Os dois administram a propriedade juntos, mas quem dá uma olhada mais de perto nas lavouras e no gado é o seu Darcy, que também mora na cidade, mas que todo o dia, bem cedinho, se toca para a granja e só volta à noite. Mas é no cuidado com o gado que ele dispensa maior atenção, já que para o trabalho da lavoura, eles mantêm empregados. Diz ele:

— Se nós tivéssemos ficado só na pecuária de corte, hoje não teríamos tantas dívidas. Não é uma atividade que dê 100 por cento de lucro, porque o preço do boi vivo não tem ajudado muito, mas é justamente a pecuária que tem nos dado suporte para que possamos continuar plantando. Ela mantém a granja meio equilibrada. Se a lavoura não dá por causa de alguma frustração ou então do preço que não compensa, temos o gado para suportar as despesas e até ajudar a pagar as dívidas de lavoura.

A única vez que eles meio deixaram a pecuária de lado, foi quando resolveram plantar, isso há uns 20 anos atrás. Venderam o gado para poderem se estruturar melhor e comprar o maquinário da lavoura. Mas logo no ano seguinte, assim que deu uma folga, voltaram a trabalhar com gado. Hoje o rebanho atinge 500 cabeças de gado Charolês cruzado com Tabapuan. Afora isso, mantêm, mais para o gasto, um rebanho de ovelhas — 60 cabeças — e ainda criam suínos e galinhas.

As lavouras não se resumem apenas ao plantio da soja, trigo e milho. Eles plantam de tudo e um pouco e ainda fazem pastagens para gado. A pecuária também não fica restrita apenas a terminação dos animais como tradicionalmente acontece na região. Os animais são produzidos, criados e terminados na própria propriedade

## INVESTIR

Com o ingresso na atividade agrícola, os dois pecuaristas passaram também a investir mais na pecuária. Começaram melhorando a qualidade do gado introduzindo animais de raça pura. Outro passo foi fazer pastagens. Dividiram parte da área em piquetes de 30 a 40 hectares cada um, cercaram, e todos os anos, durante o inverno, fazem em torno de 200 hectares de aveia e azevém e no verão, uns 100 hectares de milho.

— Essa divisão da área em piquetes, não nos impede de fazer rotação de culturas, uma prática que começamos a adotar para melhorar a qualidade do solo. Como os piquetes são grandes, dá perfeitamente para conciliar

a lavoura com a pecuária”.

Mas o seu Darcy conta que tem ainda mais planos na cabeça. Considerando que a “agricultura vai de mal a pior”, já está pensando, juntamente com o seu Hélio, de investir ainda mais na pecuária, intensificando o trabalho.

— Estamos começando um trabalho de melhoramentos, principalmente nas pastagens perenes, com os capins bermuda,

elefante e pensacola. No inverno passado fizemos uma pequena área com trevos e ervilhaca, para avaliar melhor o desempenho destas forrageiras

Mais áreas com pastagens, possibilita certamente, um melhor manejo dos animais, principalmente nos meses de inverno. O gado mantém-se com o peso e eles aproveitam para reservar algumas áreas para a produção de sementes. Foi conduzindo ade-

quadamente o manejo do milho, que uns dois anos atrás, depois de dois pastejos, o seu Darcy colheu 40 toneladas de semente.

Seu Darcy admite que criar gado em cima de pastagens encarece a atividade, mas mesmo assim, vê vantagens e acha que a

Darcy Machado: pensando em aumentar a área com pastagem



saída, para baratear o custo, é produzir sementes. O tempo de criar gado em campo bruto, já vai longe.

## Este 12 de outubro marcou a vida do Toninho. Ele descobriu sua vocação para a terra.



Quando a professora daquela escola de cidade grande lembrou a seus alunos que dia 12 de outubro era uma data muito importante, porque era o DIA DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO, a classe toda ficou curiosa.

Afinal, ninguém sabia o que fazia um Agrônomo. Aí a professora explicou: “Agrônomo é uma pessoa que passa muitos anos estudando os segredos da terra, a vida das árvores frutíferas, e as plantas que dão cereais.”

E foi contando mais detalhes.

O Toninho, um aluno sentado logo na primeira carteira, ia arregalando os olhos interessados a cada

explicação que a professora dava. Mas o que marcou mesmo o interesse do Toninho pela profissão de Engenheiro Agrônomo foi quando a professora completou a explicação dizendo: “Meninos, sem o trabalho dos Engenheiros Agrônomos orientando os nossos agricultores, nossa mesa não teria nem o pão, nem os cereais nem as frutas saudáveis, na quantidade que temos”.

Depois desse 12 de outubro o Toninho já sabe o que quer ser quando adulto.

Será um dedicado Engenheiro Agrônomo. E o Toninho já começou bem. Olha só: já está mexendo na terra.



Nossa homenagem pelo DIA DO ENGENHEIRO AGRÔNOMO

CIBA-GEIGY

## PECUÁRIA DE CORTE

# Ovelhas: excelente opção

A pecuária de corte é uma atividade tradicional para os criadores do município de Jóiá, apresentando um rebanho — o maior da área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira —, de 45 mil cabeças. Também é uma atividade que envolve um grande número de produtores da região, 538. E em meio a criação de gado, aparece, um tanto modesta, a ovelha, com um rebanho de pouco mais de 18 mil cabeças, de raças que vão desde a Corriedale, a Romney Marsh e a Ideal. São raças de duplo propósito, já que a intenção dos criadores da região é o de produzir carne, principalmente, e a lã ao mesmo tempo.

Mas a ovinocultura, segundo o veterinário João Carlos Schifer da Unidade de Ijuí, mas que até alguns dias atrás era o responsável pela assistência técnica e orientação aos criadores da região de Jóiá, tem ficado relegada a um segundo plano dentro da propriedade. Isso acontece, porque os criadores encaram a ovinocultura como uma atividade voltada para o

consumo da propriedade. Apenas o excedente e a lã são comercializadas.

Alguns produtores, mas em número bastante reduzido, estão começando a dar um outro rumo para a atividade e até introduzindo alguns melhoramentos no rebanho. "A ovinocultura, se receber um pouquinho mais de atenção, tem todas as condições de deslanchar, diz o veterinário. O mercado para lã, que até alguns anos atrás era o grande problema, está aberto".

Já está comprovado, segundo o João Carlos, que a ovinocultura não deve ser encarada com a grande saída mas uma atividade intermediária e uma excelente opção para a diversificação na propriedade. É justamente neste sentido, que o Departamento Técnico da Unidade de Jóiá vem propondo um trabalho integrado, onde o produtor crie o gado e a ovelha, aproveitando, inclusive, a mesma pastagem. Ele também não recomenda a ovinocultura como uma atividade isolada, assim como não deve acon-



**João Carlos**  
tecer com o leite, a avicultura, a suinocultura.

Para mostrar a viabilidade da ovinocultura, na região, o João Carlos diz que junto com um bovino, é possível criar, na mesma área, quatro ovelhas. Afora essa questão, não é uma atividade que exige altos investimentos, mas que pode merecer um pouco mais de atenção do criador, principalmente no que diz respeito aos cuidados fitossanitários.



A ovinocultura é encarada como uma atividade intermediária

# O feito da vaca Barrosa

O seu Ermindo e a dona Vera Cleinert, de Rincão da Boa Vista, no município de Santo Augusto, jamais imaginaram que de um dia para o outro iriam ficar conhecidos em todo o Brasil. E não era para menos tanto alarde. Os dois são os proprietários da mais famosa vaca, a Barrosa, que num fato inédito, deu cria,



A vaca Barrosa e as quatro teineiras

de uma só vez, a quatro teineiras, a Estrela, a Estrelinha, a Mariquinha e a Maricota. Desde o dia em que a vaca deu cria, a dona Vera e o seu Ermindo, proprietários de 150 hectares de terra, não se cansam de atender o telefone, de receber visitas do pessoal que quer conhecer os animais ou dar entrevistas para rádios, jornais e até televisão, falando das façanhas da Barrosa, que até no Fantástico, um dos programas mais conhecidos da Rede Globo, já andou desfilando para todo o país.

Com oito anos de idade e quatro crias, a vaca Barrosa, de raça Charolês cruzada com Zebu, pode se orgulhar de ter em sua conta 12 teineiradas, embora nem todos tenham nascidos vivos. Nas duas primeiras crias, segundo a dona Vera, ela teve três teineiros de cada vez, mas como os dois partos foram prematuros, os animais nasceram mortos. Na terceira cria, ela produziu duas teineiras, mas apenas uma sobreviveu.

A vaca Barrosa não segura as crias, segundo a dona Vera, porque vinha produzindo ani-

mais de grande porte, já que era cruzada com touro de raça Zebu. Nesta última cria ela foi inseminada com um sêmem da raça Jersey, que produz animal de menor porte. E deu no que deu: quatro teineiras, pesando em média, ao nascerem, 13 quilos cada uma.

Satisfeita com o feito da vaca Barrosa, a dona Vera agora desafia alguém que já tenha visto um fato igual. "Em toda a minha vida é a primeira vez que vejo uma vaca ter quatro teineiros de uma só vez. Já ouvi falar de três, mas de quatro nunca", diz ela. Mas enquanto nada mais de novo acontece, a vaca continua produzindo em tomo de 10 litros de leite por dia. As teineiras, cada dia mais fortes, em consequência dos três ovos que recebem por dia da dona Vera, já andam querendo pastar.

### UM FATO INÉDITO

Para o João Teixeira, veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, em Santo Augusto, o caso da vaca Barrosa produzir, de uma só vez quatro teineiros, é um caso inédito na espécie bovina, "principalmente



**Dona Vera Cleinert**

se considerarmos a repetição dos partos "gemelares". Ele justifica a prematuridade dos partos anteriores, dizendo que eles eram oriundos de touros que produziam teineiros de maior porte. "Como os fetos eram bem desenvolvidos, a vaca não tinha estrutura para chegar até o fim da gestação. Justamente por esse motivo, optou-se pela inseminação com a raça Jersey, que produz animal de menor porte", explica o veterinário.

Mas o João não procura justificar o fato de uma vaca, tão seguidamente, produzir sempre mais de dois animais numa mesma gestação. "O que se sabe é que é um animal de bastante aptidão. Afora isso, não existe nem literatura que fale sobre um caso semelhante".

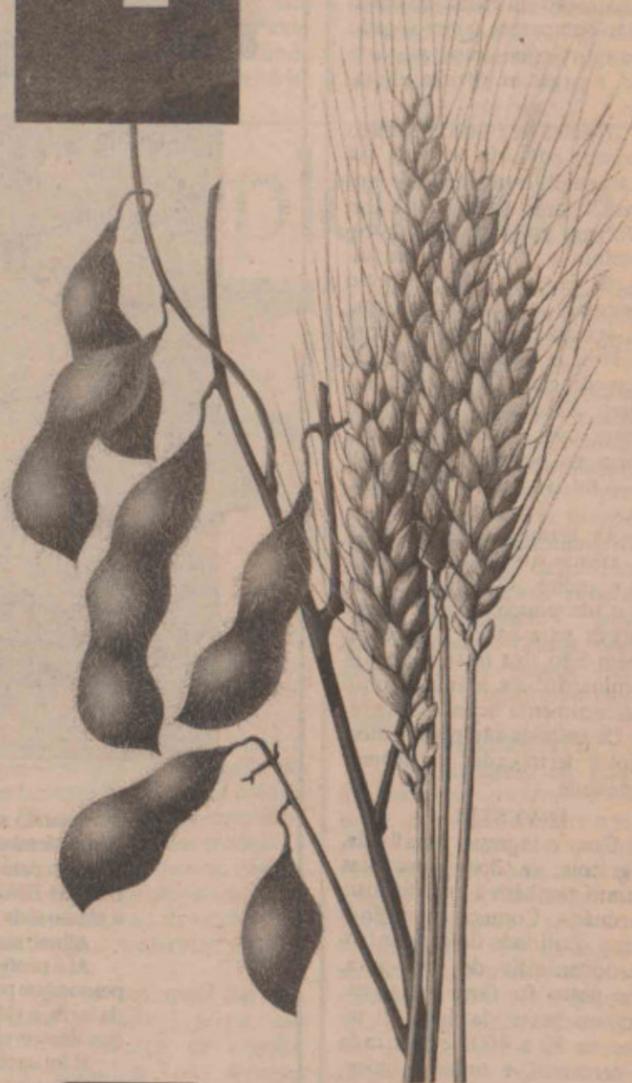
**O TRIGO E A SOJA NUNCA SE ENCONTRAM, EMBORA MOREM NO MESMO LUGAR.**

O trigo gosta do frio, do inverno. Já a soja prefere os dias ensolarados do verão. Os dois, entretanto, são filhos de um mesmo solo, nascem num mesmo lugar. Mas para que isto ocorra, para que se complete este ciclo que se renova constantemente, são precisos cuidados especiais. É aí que entra a tecnologia dos Adubos Ipiranga. Os seus pesquisadores e engenheiros trabalham cada terreno, cada espécie de semente, para garantir os nutrientes certos.

E a cada colheita, uma nova análise do solo diz o que a próxima lavoura vai precisar para seguir produzindo mais. A utilização do adubo se faz na dose certa, evitando-se faltas ou excessos.

O Brasil precisa desta consciência agrícola responsável. A produção crescente de grãos é fundamental para o futuro. Colher o dobro é o ideal.

Com o adubo exato, esta meta será alcançada mais facilmente.



**ADUBOS IPIRANGA**

Fórmula Brasil, garantindo produtividade.

# ALHO

## Plano para aumentar a produção

O Brasil, tradicional importador de alho, poderá alcançar, em 1990, a esperada auto-suficiência no abastecimento, se um programa do Ministério da Agricultura atingir suas metas. Este objetivo está no Plano Nacional de Produção e Abastecimento de Alho, lançado este ano por vários órgãos ligados ao Ministério e discutido num encontro nacional realizado nos dias 30 e 31 de outubro em Lages, Santa Catarina. Em dois dias de debates, o Plano foi analisado por cerca de 110 pessoas, representando a grande maioria das regiões produtoras do país.

A Cotrijuí esteve presente nesse debate, através do diretor de Operações e Comercialização, Clóvis Roratto de Jesus, e do gerente de Hortigranjeiros e da área cerealista, Nelci Baroni. Junto com representantes de outras cooperativas e técnicos de órgãos do governo, eles assumiram o compromisso de contribuir para que a meta do Ministério, de chegar a uma produção nacional de quase 70 mil toneladas de alho em 1990, seja alcançada.



Clóvis



Baroni

### MENOS CONSUMO

Nos últimos anos, muito se falou na necessidade do país aumentar sua produção de alho e, ao mesmo tempo, reduzir a dependência criada pelas importações. Hoje, os números mostram (veja a tabela acima), que as importações foram de fato reduzidas, na proporção da demanda interna, a partir de 1980. Mas também a produção nacional vem caindo. O que aconteceu — conforme os números — foi uma redução também no consumo de alho no país.

Em 1980, o país importou 30.707 toneladas de alho, que representaram 42,57 por cento da demanda total. Nos anos seguintes as importações foram caindo, em proporção à demanda e em números reais, registrando uma ligeira elevação em 84 e 85, em relação à demanda. Para este ano, a participação das importações está prevista em 30,08 por cento, conforme estimativas feitas pelos técnicos que elaboraram o Plano Nacional.

### AS METAS

A produção nacional, que registrou um pique em 1982, com 64.271 toneladas, caiu a

partir daí e deve ficar este ano em 41.523, também conforme as estimativas. Esta safra seria então pouco superior a de 1980, quando o país colheu 41.437 toneladas de alho. As metas estabelecidas prevêm um aumento gradual da produção, ano a ano (veja na mesma tabela), com um crescimento médio ao redor de 5 mil toneladas anuais, até chegar a 66.871 toneladas em 1990.

O Plano tem a coordenação da gerência de Olericultura da Secretaria Nacional de Produção Agropecuária e do Grupo de Hortigranjeiros da Secretaria Nacional de Abastecimento. Os técnicos prevêm uma série de medidas, desde a produção, passando pela armazenagem e escoamento, até chegar a comercialização, para que o programa dê certo.

### MAIS 7 MIL HA

Eles reivindicam, por exemplo, maior apoio à produção de sementes; respaldo da pesquisa; custeio compatível com os custos da lavoura; assessoramento da Cobal, que poderá realizar compras antecipadas; maior integração entre produtores e compradores; melhoria da tecnologia para cura artificial do produto; e incentivo ao associativismo, entre outras providências de ordem técnica e econômica.

No plano de recuperação e expansão das regiões produtoras, o Sul do país fica com a maior fatia, de acordo com o programa, contribuindo com 50 por cento da ampliação da área de plantio. A região Sul seria compreendida pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e o sul do Paraná. Os gaúchos aumentariam em 36,7 por cento a área de plantio; o Paraná, 18,5 por cento, e Santa Catarina, 44,1 por cento. Até 1990, a área total de plantio no país crescerá em mais 7.142 hectares, passando dos atuais 11.575 para 18.073 hectares. A produtividade média esperada é de 3.700 quilos por hectare, ficando pouco acima da registrada este ano, de 3.568 quilos por hectare.

Na Região Pioneira da Cotrijuí, onde o alho ocupou este ano 84 hectares, a tendência é, igualmente, de aumento na área de plantio, mas sempre com a ressalva de que ninguém será estimulado a formar grandes lavouras com esta cultura alternativa. A atual safra deve ficar ao redor de 120 toneladas, e as perspectivas de comercialização são muito boas. Na próxima edição, o Cotrijournal irá publicar um balanço da situação do alho na Pioneira, com comentários sobre as perspectivas a curto e médio prazos na Região.



### PRODUÇÃO E IMPORTAÇÕES DESDE 1980

(em toneladas)

### METAS

(em toneladas)

Ano	Consumo	Produção	Importação	% Imp.	Ano	Produção
1980	72.144	41.437	30.707	42,57	1985	41.523
1981	68.961	47.897	21.064	30,55	1986	45.675
1982	85.746	64.271	21.475	25,05	1987	50.242
1983	73.940	57.621	16.319	22,07	1988	55.266
1984	63.496	42.896	20.600	32,44	1989	60.792
1985	56.523	41.523	17.000	30,08	1990	66.871

\* O percentual das importações se refere à participação das compras no exterior, em tonelagem na demanda total do país.



Aqui está um modo de proteger suas sementes.



Aqui está o modo mais fácil.

TECTO ajuda a proteger as sementes, revestindo-as com uma camada fungicida, formando uma barreira protetora contra os mais importantes fungos patogênicos da semente e do solo. TECTO por ser sistêmico, é absorvido durante a germinação e passa a atuar com ação curativa dentro da plântula, durante os estágios críticos de crescimento. TECTO oferece a você um tratamento de sementes confiável e fácil de fazer, por ser um produto seguro e eficaz, com formulações estáveis, não corrosivas e sim compatíveis com todas as máquinas de tratamento de sementes e equipamentos de plantio. TECTO é um dos meios mais importantes com que se conta atualmente para que o seu investimento inicial em sementes e outros insumos, esteja assegurado.

a proteção necessária.

**MSD AGVET**  
DIVISÃO DE MERCK SHARP & DOHME  
Química e Farmacêutica Ltda

# Não há sinais de melhora

*Agora, as indústrias européias pedem taxaço sobre o farelo brasileiro*

O mercado agrícola internacional irá melhorar no próximo ano? Para ajudar na resposta a esta pergunta apresento aqui algumas informações sobre a produção agropecuária da Europa. Até o início da década de 80, pelo menos, a Europa, e mais precisamente a Comunidade Econômica, foi um mercado importante para diversos produtos primários do Brasil (carne e farelo de soja são típicos exemplos). A partir de então a situação vem piorando, isto é, o mercado europeu ano após ano vem se fechando.

Já cansamos de escrever que um dos motivos no momento é a crise de superprodução de alimentos que os europeus estão vivendo. Entretanto me parece interessante detalhar melhor esta realidade vivida aqui na Europa. Para tanto destaco três tipos de produto: cereais, oleoproteaginosas e a carne bovina.

## CEREAIS

As tabelas 1 e 2 nos oferecem uma idéia da produção dos principais cereais a nível da França, o principal país agrícola da Comunidade, e do trigo para o conjunto da Comunidade Econômica Européia-CEE.

Este aumento de produção que está evidente, em especial na tabela nº 2, para o conjunto dos países membros da CEE fez com que os estoques de cereais em 1º de setembro passado alcançassem 19,8 milhões de toneladas na França unicamente. Certo, mais baixos em 10 por cento se compararmos a 1984, ano recorde na produção cerealeira européia. Entretanto, significativos para um país que é 17 vezes menor que o Brasil em superfície.

Esta quantidade de cereais tem encontrado neste 1985 sérias dificuldades a ser consumida. De um lado porque o mercado interno alcançou um nível de consumo estável. Por outro lado porque a oferta mundial de cereais é imensa. Somente em trigo, segundo o último relatório do Conselho Internacional do Trigo, divulgado em setembro, o mundo irá colher este ano cerca de 515 milhões de toneladas.

Dentro deste contexto os Estados Unidos, como tivemos oportunidade de discutir no mês de julho passado, "atacam" o mercado com o programa BICEP (United States Bonus Incentive Commodity Export Program) instaurado no dia 16 de maio último. Com este programa, eles estão oferecendo trigo e cereais em geral a preços abaixo do mercado a países tradicionalmente compradores da CEE nestes produtos.

Três exemplos concretos de oferta de trigo norte-americano dentro deste novo esquema de mercado: Egito - 300 mil toneladas. Argélia - 1 milhão de toneladas. Yemen do Norte - 50 mil toneladas.

A CEE vendeu em 1983/84 para estes três países, respectivamente: 2,3 milhões, 1 milhão e 237 milhões de toneladas de trigo. Para não perder o mercado a CEE está baixando mais ainda o seu preço através de grossas subvenções. Com isso os preços no mercado internacional caem e infelizes dos outros países vendedores que não podem arcar com subvenções em suas exportações como é o exemplo da Argentina para o caso do trigo.

## OLEOPROTEAGINOSAS

Por este lado também a situação deve ser encarada com preocupação pelos países exportadores como é o caso do Brasil. A CEE, uma das grandes regiões consumidoras do farelo de soja, a cada ano que passa vem aumentando sua produção interna.

Na França, nesta área, o ano de 1985 se caracteriza pelos seguintes números:

Colza - Produção de 1.310.000 to-



A França tem hoje 8 mil produtores de soja, contra os 1.500 de 1981

neladas (-3 por cento sobre o recorde de 1984 mas 167 por cento acima da produção de 1975 que foi de 491.255 toneladas) numa área de 460 mil hectares.

**Girassol** - Produção estimada em 1.378.000, o que significa 41 por cento acima do produzido no ano passado e, o que é mais surpreendente, ainda, 18 vezes maior do que as 76.063 toneladas colhidas no ainda não muito distante 1978. A área em 1985 alcançou 616.000 hectares o que faz uma produtividade de 2.237 quilos por hectare.

**Ervilha Proteaginosas** - Produção prevista em torno de 950 mil toneladas este ano contra 600 mil em 1984 e menos de 50 mil em 1978.

**Féveroles** - Produção de 120 mil toneladas contra 190 mil em 1984, o que representa uma queda de 37 por cento, mas ainda bem superior as 20 mil toneladas alcançadas em 1978, época do estímulo inicial a esta proteaginosas.

**Soja** - É a oleaginosas que igualmente vem surpreendendo, em termos de produção. No conjunto, a CEE produziu neste ano cerca de 250 mil toneladas contra apenas 25 mil em 1981. Ou seja, em 4 anos houve um aumento por 10 na produção da soja.

Os dois principais países produtores são a França e a Itália.

## SOJA NA FRANÇA

Conforme a Tabela nº 3 podemos verificar que em 6 anos as superfícies plantadas com soja aumentaram 453 por cento e a produção em 477 por cento.

Hoje, 8 mil produtores cultivam a soja contra 1.500 em 1981. Para se ter uma idéia da força que fazem os franceses em busca de uma maior independência das importações desta oleaginosas, no recente Congresso da Soja realizado em Albi no dia 4 de setembro passado, nada mais nada menos que 63 variedades de soja estavam sendo anunciadas para demonstração.

## SOJA NA ITÁLIA

Em 4 anos a área plantada com soja na Itália saltou de 3.000 para 90.000 hectares conforme a Tabela nº 4.

Com uma média de produtividade de 3.310 quilos por hectare em cultura principal e 2.400 quilos como cultura secundária, 90 por cento da área plantada com soja está situada no Norte da Itália (regiões da Lombardia, Emilia-Romagna, Vêneto e Friuli), no vale do rio Pô.

A expectativa dos italianos é chegar entre 300 e 500 mil hectares a médio prazo. Se de um lado tradicionais compradores estão a produzir soja nestas quantidades, pelo outro lado a oferta mundial de

oleaginosas deve aumentar para o ano 1985/86. Segundo o relatório de setembro do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) a produção mundial de oleaginosas chegará a 194,86 milhões de toneladas contra 186,80 milhões no ano de 1984/85. Os óleos deverão alcançar 45,31 milhões contra 43,75 milhões de toneladas para o mesmo período. A soja vem na frente disparado com 97,11 milhões de toneladas contra 90,88 milhões em 1984/85, isto é, 6,8 por cento a mais.

Apesar de um leve aumento na produção do óleo de soja (13,36 milhões de toneladas contra 13,06 milhões no ano passado) será o óleo de palma que dará o grande salto, ocupando o segundo lugar. Sua produção deverá alcançar 8,52 milhões de toneladas contra 7,7 milhões em 1984/85. Em terceiro lugar virá o óleo de

girassol, do qual a França é uma grande consumidora, com 6,24 milhões de toneladas contra 6,06 milhões no ano passado.

Se lembrarmos que até pouco tempo foi graças as cotações do óleo que os preços da soja se mantiveram, vemos que a forte concorrência feita, em especial pelo óleo de palma, põe abaixo as cotações do óleo de soja, conforme a Tabela 5 demonstra. Como o farelo, apesar da recente reação conjuntural, tem poucas chances de ver aumentado seu consumo, pelo menos a curto prazo, temos aí uma forte (não a única) explicação para as quedas significativas dos preços da soja no mercado internacional (conforme a Tabela nº 6).

Para completar o quadro, aos olhos de países como o Brasil e a Argentina, as indústrias européias, levando em conta a produção local de oleaginosas e a existência de um relativo parque moageiro instalado, voltaram a fazer pressão sobre a Comissão Européia (que cuida dos interesses agropecuários da CEE). O objetivo é impor uma taxaço sobre as importações de farelo de soja. Como o Brasil e a Argentina mais fornecem este produto atualmente aos europeus, são os dois países mais visados.

A justificativa, tornada pública através da FEDIOL (Federação Européia das Indústrias de Óleos), é que a CEE comprou destes dois países sul-americanos 6,5 milhões de toneladas em 1984/85 contra 650 mil em 1974/75. Assim, este farelo passou a ocupar 45 por cento do mercado da CEE contra apenas 7 por cento há 10 anos. Nível considerado inaceitável por uma indústria européia que se acredita ainda pouco protegida.

Caso esta taxaço o Brasil, assim como a Argentina, terá maiores dificuldades ainda para colocar seu farelo na Europa para o próximo ano. →

Tabela nº 1 - Colheita de Cereais na França - 1982 a 1985 (em toneladas)

Cereais	1º/9/82	1º/9/83	1º/9/84	1º/9/85
Trigo macio	13.556.781	13.420.669	19.040.822	15.176.908
Trigo duro	202.211	221.281	323.621	395.390
Centeio	61.372	51.710	74.886	55.095
Cevada	4.912.909	4.526.872	6.217.272	6.356.546
Aveia	438.795	311.987	530.965	537.232
Milho	14.674	15.830	12.388	17.050
Sorgo	259	163	41	460
Triticale	-	-	-	53.843
Total	19.187.000	18.548.512	26.199.995	22.591.524

Fonte: Jornal LA DEPECHE COMMERCIALE ET AGRICOLE, 26.09.85 - P. 1  
OBS: Esta tabela mostra o que foi colhido até 1º de setembro de cada ano. Não significa o total colhido em um ano completo.

Tabela nº 2 - Produção de Trigo na CEE - 1982 a 1984 - (em milhões de toneladas)

Países	1982	1983	1984	% sobre 1983
Alemanha Federal	8.632	8.998	10.223	+13,6
Bélgica	1.038	1.043	1.294	+24,1
Dinamarca	1.207	1.548	2.446	+58,0
França	25.358	24.795	32.885	+32,6
Grã-Bretanha	10.317	10.802	14.990	+38,8
Grécia	2.983	2.043	2.646	+29,5
Irlanda	400	389	660	+69,7
Itália	8.968	8.717	10.005	+14,8
Luxemburgo	25	19	37	+94,7
Holanda	967	1.043	1.131	+8,4
TOTAL	59.895	59.397	76.317	+28,5

Fonte: Jornal LE MONDE, 20.08.85. P. 10

# Carne: crescem os estoques, caem as vendas

A CEE, que passou nos últimos anos à liderança das exportações mundiais de carne bovina com quase 800 mil toneladas em 1984, continua a aumentar seus estoques. Em 31.12.84 havia um total de 671.714 toneladas (em equivalente carcaça) em estoques. No final de setembro de 1985 as últimas informações davam conta de um número em torno de 800 mil, isto é, um aumento de 19 por cento em 9 meses. A França lidera com cerca de 230 mil toneladas em estoque público contra, 186.832 toneladas em dezembro/84. Na verdade, os abates de vacas leiteiras em função das quotas sobre a produção de leite prosseguem. Entre janeiro e agosto houve um aumento de 1,7 por cento nestes abates em relação ao mesmo período de 1984. Além disso, a médio prazo a oferta de carne poderá aumentar já que a produção de novilhos para corte (opção para enfrentar as quotas) aumentou em 6 por cento no mesmo período.

Para agravar a situação o consumo da carne bovina acusa uma baixa de 2 por cento sobre os 8 primeiros meses de 1985. O agravante final é que o mercado consumidor mundial baixou suas compras este ano, o que faz os europeus terem quase certeza de que não repetirão as exportações do ano passado. Resultado: aumento dos estoques de forma implacável. A CEE procura frigoríficos.

O ritmo de oferta é impressionante. Somente em estoques privados as ofertas pelo sistema de intervenção estatal, introduzidas em fins de julho e que durarão até 22 de novembro em princípio, chegam a 20.000 toneladas por semana.

É dentro deste "salve-se quem puder" que a CEE vendeu 175.000 toneladas a URSS em setembro passado pagando

do mais do que a própria URSS. Devido os fortes subsídios que a CEE se obriga a dar, já que o custo interno é mais elevado do que o preço internacional da carne, ela pagará por esta operação 280 milhões de dólares contra 157 milhões que pagará a União Soviética.

### SUBSÍDIOS

Explicando melhor: os preços do mercado internacional estão em torno de 1.000 dólares a tonelada para o caso da carne. Mas os preços dentro da CEE estão entre 2.500 e 3.000 dólares a mesma tonelada. Esta diferença (entre 1.500 a 2.000 dólares) para cada tonelada a CEE desembolsa para assegurar uma renda aos seus criadores. Os custos de produção são muito altos na Europa, dentro de um sistema estabulado onde a soja ocupa um lugar importante. Por outro lado, este mecanismo acaba quebrando o mercado dos outros países produtores, como é o caso do Brasil e Argentina, que não têm dinheiro para fazer este jogo.

Apesar de colocar a carne a 1.200 dólares a tonelada no mercado mundial, a Argentina por exemplo acaba perdendo o mercado para a CEE devido os subsídios dados por esta. O problema é saber até quando o orçamento da CEE aguentará este sistema que se agrava com o aumento da produção, e conseqüentemente dos estoques, de forma constante atualmente.

Como conclusão geral, após esta breve análise, olhando o conjunto do mercado mundial, a resposta para a nossa pergunta parece clara: a curto e mesmo médio prazo o mercado agrícola tende a continuar ruim, com preços baixos em geral e com difíceis saídas para os volumes agropecuários produzidos.

Tabela Nº 3 - Superfícies, Produção e Rendimentos da Soja - França 1980-1985

Área	1980	1981	1982	1983	1984	1985 +
Área (ha)	7.500	9.400	9.500	12.100	21.700	34.000
Produção (ton)	14.250	17.670	18.620	25.890	39.060	68.000
Rendimento (kg/ha)	1.900	1.880	1.960	2.140	1.800	2.000

+ Estimativa

Fonte: L'INOCULUM (ONIDOL), Julho-Agosto-Setembro 1985. p. 4

Hoje, 8 mil produtores cultivam a soja contra 1.500 em 1981. Para se ter uma idéia da força que fazem os franceses em busca de uma maior independência das importações desta oleaginosa, no recente Congresso da Soja realizado em Albi no dia 4 de setembro passado, nada mais nada menos que 63 variedades de soja estavam sendo anunciadas para demonstração.

Tabela Nº 4 - Área plantada com soja na Itália - 1982/1985 (em hectares)

Anos	Área
1982	3.000
1983	27.000
1984	36.000
1985	90.000

Fonte: L'INOCULUM (ONIDOL), Julho-Agosto-Setembro 1985. p. 26

Tabela Nº 5 - Cotações do Óleo de Soja no Mercado Futuro da Bolsa de Chicago - Para outubro de 1985 - (em centavos de dólar/libra)

Data	Cotação
28.08.84	27,52
16.10.84	29,45
26.06.85	27,35
27.08.85	22,50
15.10.85	19,50

Fontes: Jornais LA DEPECHE COMMERCIALE ET AGRICOLE e LES ECHOS  
OBS: Entre outubro de 1984 e outubro deste ano temos uma queda de 33,8 por cento nas cotações do óleo de soja em Chicago.

Tabela Nº 6 - Cotações do Grão e do Farelo de Soja no Mercado Futuro de Chicago - Para Setembro de 1985

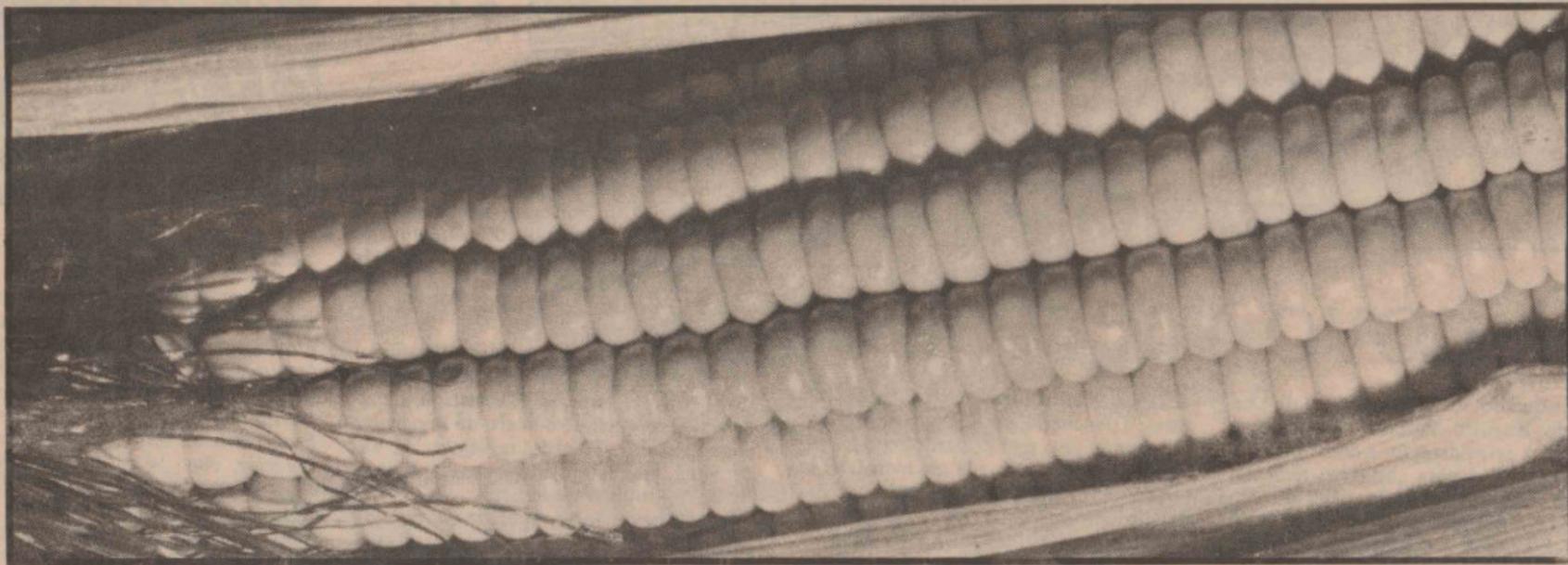
Data	Grão	Farelo
13.11.84	6,54	175,00
28.02.85	5,83	141,00
28.05.85	5,53	124,00
27.08.85	5,36	123,40
10.09.85	5,07	126,20

OBS: Grão em dólar por Bushel (27,21 kg)

Farelo em dólar por Tonelada Curta (907 kg)

Fontes: Jornais LA DEPECHE COMMERCIALE ET AGRICOLE e LES ECHOS

## TRABALHANDO POR UMA AGRICULTURA FORTE



A produção nacional de grãos desperta para uma nova arrancada. A Cotrijuí, que sempre esteve ao lado do agricultor, vai ajudar a plantar, colher e comercializar as safras do novo tempo. Associe-se à Cotrijuí e vamos criar uma agricultura do tamanho do Brasil. Juntos teremos mais segurança e melhores resultados.



COTRIJUI

Nada substitui a força da união

LÃ

# O preço agradeu

Integrando o "pool" de cooperativas que fazem parte do Lanifício da Valuruguai, em Uruguaiana, e com uma baixa despesa administrativa e operacional, além de estar apoiada numa estrutura de orientação técnica e de planejamento para o recebimento e classificação, a Regional da Cotrijuí de Dom Pedrito encerrou a safra de lãs com os números mais significativos do Estado.

No mês de julho já havia sido apre-

sentada uma pré-liquidação, sendo que em agosto foram creditados mais 20 por cento e, por último, os associados ainda tiveram mais Cr\$ 300 por quilo de velo (veja tabela). Apenas os associados que fizeram retiradas em dinheiro é que enfrentaram problemas com os encargos do financiamento. Mas aqueles que deixaram para receber no final da liquidação foram contemplados com bons resultados.



FINURA	QUALIDADE				VALOR EM Kg.	
	SUPRA	ESPECIAL	BOA	CORRENTE		
Merina	21.283	19.926	17.197	15.487	Crioula	6.164
Amerinada	20.323	19.536	17.932	16.168	Velo	16.618
Prima A	19.466	18.388	17.538	15.740	Geral	13.865
Prima B	19.098	18.094	16.862	14.841	Borrego	11.072
Cruza 1	17.331	16.610	15.833	14.061	Garra	6.450
Cruza 2	16.288	15.360	14.790	12.644	Pata	5.512
Cruza 3	—o—	14.083	13.111	12.644	Barriga	7.608
Cruza 4	—o—	13.729	13.214	13.799		



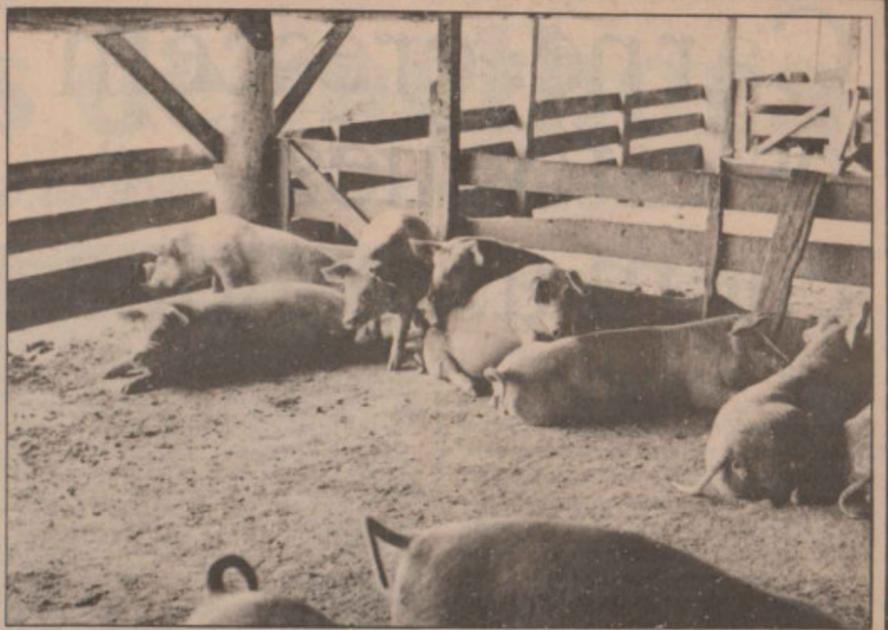
# O novo mercado

O quadro social e funcional da Unidade de Augusto Pestana viu atendida uma antiga reivindicação: a construção de um novo prédio para abrigar o mercado e o escritório. A inauguração aconteceu no dia 18 e contou com a participação do vice-presidente da Cotrijuí na Região Pioneira, Celso Sperotto, do prefeito Orlando Pellenz e do associado Oscar Hoerle no corte da fita inaugural. Outras autoridades do município, dirigentes da Cotrijuí e comunidade também prestigiaram a solenidade de inauguração.

O novo prédio, localizado bem no centro da cidade, ao lado das antigas dependências do mercado, e medindo

1.222 metros quadrados vai abrigar o mercado, a lancheria e o açougue no 1º piso. O segundo piso será utilizado para o escritório. A área destinada ao mercado, segundo o gerente da Unidade, Nelvir Zardin, vai proporcionar algumas vantagens, como maior comodidade aos clientes, maior número de itens à disposição dos consumidores, melhores preços e um número maior de promoções. A novidade maior fica por conta do açougue e da lancheria.

As antigas dependências do mercado — sofrendo total reformulação — serão ocupadas pela loja de ferragens, eletrodomésticos e magazine.



# Dom Pedrito vai receber suínos

A Cotrijuí sempre defendeu a idéia de que quanto mais diversificada estiver a propriedade rural menores serão os riscos com uma eventual frustração de safra. E a região de Dom Pedrito sempre foi diversificada, o que se comprova pela variedade de produtos que a cooperativa recebe, com destaque para carne, lã, soja, sorgo, milho, trigo, aveia, azevém, mel, hortaliças, frutas e legumes.

Agora, o suíno começa a aparecer na região, cabendo à Cooperativa se estruturar para receber este tipo de produção, com estrutura para recebimento e comercialização. A participação da Cotrijuí deverá incentivar o produtor, que na maioria das vezes mantém uma criação destinada apenas ao consumo doméstico, justamente por falta de opções de comercialização na região.

Os animais, mediante classificação (tipo carne, misto ou comum), serão ins-

critos para recebimento, havendo preferência aos produtores que entregarem os suínos na unidade da cooperativa. Poderá ser feito, entretanto, recolhimento na propriedade.

O pagamento poderá ser à vista ou em 30 dias, com o preço sendo de acordo com a classificação. Para orientação dos associados, a Cooperativa informa que será considerado normal o peso entre 70 e 130 quilos, salientando que haverá preço diferenciado para animais com peso acima ou abaixo deste padrão.

Sem maiores investimentos de parte da Cotrijuí, os associados da Regional de Dom Pedrito têm mais uma opção para diversificar ainda mais a produção do município. Os abates dos suínos serão efetuados pela Central de Carnes, no frigorífico de Júlio de Castilhos, e para isso a Cotrijuí está aproveitando o retorno dos caminhões que chegam com gado daquela região.

## Pecuária

### 52ª Exposição vendeu Cr\$ 11 bi

A 52ª. Exposição Agropecuária de Dom Pedrito obteve excelente resultado financeiro, com a venda de animais e máquinas chegando a Cr\$ 11 bilhões e 378 milhões. Compradores de diversos municípios gaúchos se fizeram presentes a exposição, principalmente no grande remate das cabanhas Guatambu e Alvorada, cuja média de venda de touros rústicos da raça Polled Hereford foi acima de Cr\$ 11 milhões por cabeça.

O estande da Cotrijuí, localizado no pavilhão Erni Ivo Zart, que foi inaugurado durante a exposição, registrou a presença de um grande número de associados e autoridades. Também o estande da Valuruguai, que apresentou tops e mechas de lãs, foi muito visitado.

O pavilhão inaugurado durante a 52ª. Exposição Agropecuária completa as obras no parque de exposições de Dom Pedrito, que agora conta com um dos mais modernos e bem equipados locais para feiras no Estado. Investir no parque foi uma das prioridades da diretoria do Sindicato Rural, que tem à frente Suleiman Guimarães Hias, como presidente, e Danúbio Mazzini Canarin, como vice-presidente.



### Arroz: 24 mil ha

Ao contrário de anos anteriores, quando as condições climáticas causaram atraso no plantio do arroz irrigado, as lavouras deste ano foram formadas dentro do prazo tido como ideal ao desenvolvimento da cultura em Dom Pedrito. A área plantada este ano repete a do ano anterior, com 24 mil hectares. A área de 24 mil hectares equivale a 13.800 quadras de arroz.

A quadra de arroz é a medida mais usada pelos orizicultores e corresponde a 1.7424 hectare, ou seja, mais de 17 mil metros quadrados. A formação da lavoura dentro do período ideal é detalhe importante para o nível de produção. Quando há atraso, a planta se desenvolve normalmente, só que a época de floração pode coincidir com o período de geadas, com o que a produtividade tende a diminuir.

# AMENDOIM-BRAVO, BELDROEGA, SERRALHA, PICÃO PRETO, TRAPOERABA, CORDA-DE-VIOLA, CARURU, JOÁ-BRAVO, NABICA, JOÁ-DE-CAPOTE, PICÃO BRANCO.



Palavra de Tackle 224BR.  
Aliás, a última palavra em  
herbicida para a soja.

Tackle 224BR é seletivo,  
controla o maior número de  
invasoras, tem ação rápida  
e evita inversões florísticas.

Tackle 224BR. O herbicida-  
base em todo programa de  
controle das folhas largas,  
agora em nova e avançada  
formulação.

Adeus invasoras das folhas  
largas. E passem muito mal.



**São Paulo - SP:**  
Av. Maria Coelho Aguiar, 215  
Bloco B - 5º andar - CEP 05804  
Telefones: (011) 545-4305 e 545-4310  
Telex (011) 24441

**Porto Alegre - RS:**  
Av. Cristiano Colombo, 2360  
Corg. 412 - CEP 90000  
Telefones: (0512) 22-8759 e 22-0215  
Telex (051) 1747

**Londrina - PR:**  
Av. Paraná, 343 - 8º andar - Sala 801  
Edifício Satélite - CEP 86100  
Telefone: (0432) 23-3443  
Telex (043) 2583



## VOCÊS VÃO SE ARREPENDER DE TER NASCIDO.

# A pequena propriedade e a comunidade rural

Walter Frantz

*Sem dúvida, uma das questões sociais mais relevantes no momento diz respeito ao uso e posse da terra, enquanto espaço de vida e espaço econômico. Produzir alimentos hoje não é mais apenas uma forma de se viver na terra, mas de viver da terra. A agricultura deixou de ser apenas uma forma de vida, para se tornar uma entidade econômica. Desapareceram cada vez mais as formas rurais de vida e impõem-se as formas urbano-industriais de vida. A atividade agrícola torna-se estritamente um negócio e do sucesso desse negócio vai depender a qualidade de vida das pessoas nelas envolvidas. E nesse contexto está inserida a pequena propriedade, tradicional espaço econômico de milhares de famílias de nosso Estado. Ela passou a ser questionada nas suas funções mais tradicionais, apesar de se constituir ainda como principal fonte de emprego de mão-de-obra no campo e como principal fornecedora de alimentos à população urbana. Hoje ela está no centro das atenções daqueles que se ocupam das questões sócio-econômicas do mundo rural, tanto por aqueles que a negam, como por aqueles que a afirmam social e economicamente.*

Não há como contestar a importância social e econômica da pequena propriedade. Entretanto, isso não resolve as contradições que nela se vive e as dificuldades que nela se enfrenta. A natureza dessas contradições e dificuldades é bastante complexa, não permitindo soluções fáceis e nem passes de mágica no encaminhamento dessas soluções. É preciso ter claro que as questões sociais e econômicas da pequena propriedade requerem um conhecimento profundo da realidade social mais ampla que a envolve.

No que diz respeito à formação social do Rio Grande do Sul, a pequena propriedade ocupou uma grande importância histórica tanto do ponto de vista econômico quanto social, político e cultural. A pequena propriedade não nasceu no Estado à margem dos interesses da economia nacional. Ela esteve ligada, desde a origem, ao contexto econômico nacional pelo mercado, fornecendo alimentos e recursos humanos.

Porém, com a penetração do capital na produção agrícola, isto é, pela modernização, via monocultura, parecia ter chegado ao fim o espaço da pequena propriedade na economia do Estado, pelo menos nas regiões onde a monocultura da soja e do trigo passaram a predominar. Passadas quase três décadas, isso não se confirmou. Em meio à monocultura, agora em crise e questionada, a pequena propriedade resiste, fazendo com que se esteja repensando os seus aspectos econômicos, sociais e políticos, atribuindo-lhes funções importantes na superação das dificuldades que se abatem sobre a população rural dessas regiões. O atual debate sobre a diversificação da produção agrícola, sobre a inviabilidade da monocultura como base econômica dessas regiões, abre o debate sobre a pequena propriedade, sobre a sua história, suas potencialidades, suas contradições e dificuldades.

## MARCO INICIAL

Nesse debate, muitas vezes, a pequena propriedade passa a ser vista com os olhos voltados ao passado, quando ela foi o marco inicial da instalação do processo colonizador das terras de mata em nosso Estado. Nessa visão saudosista sonha-se em poder ressuscitá-la, tal qual existiu, social e economicamente, esquecendo-se que a realidade social em seu processo histórico avançou e não comporta uma volta ao passado. Sonha-se com uma economia de subsistência, impossível como modelo e prática social mais ampla.

Outros procuram discutir a pequena propriedade pela ótica do capital, acoplando-a ao movimento do capital no campo através de sua integração às necessidades e objetivos da agroindústria. Pela subordinação da pequena propriedade à agroindústria buscam viabilizar a sua existência, impondo-lhe a produção

em escala na tentativa de extinguir os enclaves da pequena produção numa economia cada vez mais competitiva.

Há os que debatem a pequena propriedade como ponto de partida para projetar um espaço econômico viável, sem esquecer o avanço do processo civilizatório e sem incorrer na tentação de impor-lhe a racionalidade e as leis do capital. Estes estão preocupados com o processo de produção, enquanto processo equilibrado e com leis naturais próprias. No centro das atenções está o equilíbrio entre o espaço natural e social. A racionalidade econômica da produção subjaz a viabilização de um espaço de vida ao produtor.

Existem ainda aqueles que negam simplesmente como se fora herança de um passado, devendo extinguir-se e dar lugar à moderna empresa rural ou ser eliminada através de um processo revolucionário que gerasse radicalmente novas estruturas para a sociedade brasileira. O correto seria debater a questão da pequena propriedade não pela sua negação, mas pela sua afirmação.

Vivemos em um sistema cujas leis sociais, econômicas e jurídicas reconhecem a propriedade privada dos meios de produção. Desse fato decorre que, teoricamente, o mecanismo de coordenação da produção e da distribuição da produção é o mercado. Na base desse mecanismo de coordenação está a concorrência entre as unidades econômicas que se formam a partir da propriedade privada dos meios de produção. No contexto privada dos meios de produção. No contexto dessa competição as unidades econômicas buscam realizar o seu espaço enquanto tais, isto é, procuram pela produção de mercadorias, obter as condições necessárias à vida social e fisiológica. Porém, nesse processo de correlação de forças de mercado, parte dessas unidades econômicas sentem-se fracas para, individualmente, garantirem o seu espaço de vida. A essas economias, em se tratando de produtores rurais, geralmente, corresponde uma pequena propriedade. Portanto, o conceito de pequena propriedade, na economia de mercado, decorre mais da fraqueza econômica na competição, do que da extensão territorial da propriedade. Trata-se mais do volume da produção, que do tamanho da propriedade, envolvendo diretamente a capacidade de competição.

## PEQUENA PRODUÇÃO

No caso da maioria dos produtores rurais de nosso Estado, a uma pequena extensão de terras corresponde também uma pequena produção, uma fraqueza econômica, portanto, vista sob o ângulo do jogo de mercado. Isso se aplica, principalmente, àquelas propriedades que se dedicam às mesmas culturas ou atividades praticadas pelas economias mais for-

tes, cuja racionalidade econômica é a racionalidade do capital. Tornam-se marginais e sem condições de competição, embora, não necessariamente, dispensáveis do ponto de vista dos interesses do capital, quer seja porque fornecem mão-de-obra, porque cumprem importante função ideológica ou porque de fato colocam grande volume de produção no mercado.

Os projetos integrados à agroindústria trabalham muito com essa visão. Pela integração procuram aumentar o volume de produção, alcançando efeitos de escala, viabilizando a pequena propriedade privada no contexto de uma economia altamente competitiva, exigente cada vez mais de grandes volumes de capital.

Para avançar no debate da pequena propriedade como ponto de partida para projetar um espaço econômico viável e lugar de vida digna para as famílias que nela vivem, penso que deveríamos substituir, primeiramente, o termo pequena propriedade por unidade familiar de trabalho, por propriedade familiar. Esse conceito nos levaria a encarar mais a propriedade enquanto espaço de vida, independente do tamanho. Espaço esse viabilizado pela sua inserção no mercado, porém sob outra racionalidade que não a do capital. Colocaríamos no centro a questão do homem que nela vive e não o tamanho da propriedade ou o volume da produção que nela se faz. O tamanho da propriedade e o volume da produção, embora fundamentais, passariam a ser pensados na ótica dos trabalhadores da terra e não na ótica dos interesses do capital. Embora os ditames da produção se façam de fora para dentro, isto é, a unidade familiar de trabalho, enquanto produtora de mercadorias, sofre mais a ação do meio-ambiente econômico que a envolve, a nova ótica posicionaria o produtor rural com outra consciência no processo social de produção e distribuição da produção no qual se acha inserido.

A questão não é a viabilização do capital na propriedade familiar, mas a sua viabilização enquanto espaço de vida para o produtor, apesar de sua subordinação ao sistema dominante que a envolve. Permite pensar a propriedade a partir da economia familiar, do nível tecnológico, das culturas e condições de mercado.

Um fenômeno que se pode verificar hoje é o do paulatino desaparecimento na formação social brasileira da pequena produção isolada. As atividades produtivas passam a ter cada vez mais um sentido mercantil, colocando os pequenos produtores diante de inúmeros problemas e exigindo maior solidariedade no encaminhamento dessa produção. Razão pela qual se multiplicam as roças comunitárias, as formas cooperativas como instrumento de luta na defesa do espaço de vida que as pessoas ainda encontram na agricultura.

Não queremos tratar aqui especificamente de todas essas formas de organização do trabalho. As formas de organização comunitária ou cooperativa são praticadas a nível do uso da terra, do uso dos instrumentos de trabalho, a nível de comercialização, de consumo.

Todas essas formas materializam em nosso meio aquilo que podemos chamar de comunidade rural. No Rio Grande do Sul, a comunidade rural, no que diz respeito à pequena propriedade, se materializou pela organização cooperativa a nível de comercialização da produção. Identificados não só geograficamente ou até culturalmente, mas nas mesmas condições materiais de vida, os pequenos proprietários buscavam soluções para os seus problemas comuns. Essas soluções não se buscavam pelo isolamento do grupo, mas por sua inserção no mercado, pois eram problemas exatamente gerados pelas características da prática de uma economia mercantil. O confronto direto com os interesses do capital se davam na esfera comercial e financeira. Daí o sentido da cooperação de atuar a nível de comercialização e do crédito, fazendo nascer cooperativas em todos os lugares da colônia gaúcha, desde as de crédito até as cooperativas mistas de compra e venda. Mas a essas práticas comunitárias nunca se juntou um elemento essencial na definição dos seus rumos e controle dos mesmos: a conscientização, enquanto conhecimento mais profundo da realidade, que permitisse uma organização cooperativa mais politizada e participativa. Isso não só levou às polêmicas, mas aos erros de todos conhecidos.

Com a penetração do capital na produção agrícola, o confronto dos interesses do produtor com os interesses do capital desceu da esfera comercial e financeira à esfera produtiva, desafiando os produtores a encontrar novas formas comunitárias ou cooperativas a nível de produção. Entretanto, no que diz respeito à pequena propriedade rural, esse desafio coloca os produtores frente à ideologia da propriedade privada e da independência de atuação, dificultando a organização social em bases comuns. Poderíamos dizer que, pelo menos a nível de cultura, ainda não existe o necessário comum na consciência do produtor. Por isso, os problemas básicos da organização comunitária, a nível de pequena propriedade ou melhor, da propriedade familiar se situam na esfera da educação. Educação como processo social revelador da realidade que o trabalhador da terra vive e que conduz à união, ao espírito associativo e consciência de grupo.

● Walter Frantz é assessor de Comunicação e Educação e Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijur na Região Pioneira.

# LAVOURA DO MÊS

As hortaliças, de um modo geral, foram prejudicadas pela estiagem. Isso vem demonstrar a importância da localização da horta perto de locais com água disponível.



**HORTALIÇAS DIVERSAS**

As hortaliças em geral foram prejudicadas pela estiagem, demonstrando a importância de localizar a horta em local que permita a irrigação, quando houver água disponível.

Com o retorno das chuvas convém lembrar que a época é oportuna para efetuar a semeadura das hortaliças de verão, sendo de fundamental importância a irrigação neste período, para obter-se produtos de boa qualidade.

**CEBOLA**

A lavoura de cebola está em fase de colheita. Os bulbos colhidos têm apresentado tamanhos inferiores às safras anteriores, em virtude da falta d'água. Por outro lado, o produto colhido com clima seco tem maior resistência por ocasião do armazenamento, podendo



ser comercializado a partir de janeiro, quando o mercado está em alta.

A colheita deve ser feita quando a planta tomba a rama. Após arrancada, a cebola é curada ao sol, coberta pelas próprias ramas, por algumas horas. Para o armazenamento são amarradas em maços e penduradas em estaleiros, em galpões bem ventilados.



**BATATA**

A batatinha apresenta-se como uma cultura altamente exigente em água para obter-se produções sa-

tisfatórias. Neste sentido a lavoura apresenta-se prejudicada pela falta de chuvas nas últimas semanas.

É visível o melhor desenvolvimento e menor incidência de doenças das lavouras plantadas com sementes certificadas (básicas e filhas de básicas), comercializadas pela cooperativa. Em virtude da estiagem os tubérculos produzidos serão de pequeno tamanho, sendo recomendado que o produtor use estes tubérculos como semente para o plantio da safrinha.

Convém lembrar aos associados que os tubérculos-sementes devem ser armazenados em locais onde não tenham sido armazenados tubérculos com problemas de doenças em safras anteriores, pois as moléstias, principalmente a murchadeira, são facilmente transmissíveis.

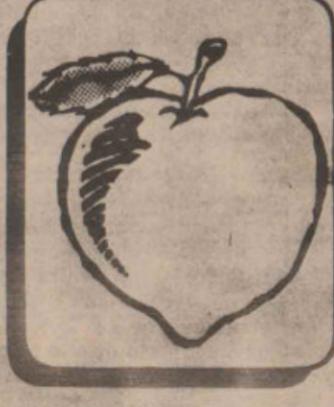


**LENTILHA**

A lentilha está em fase de colheita, pois teve seu

ciclo encurtado pela estiagem ocorrida em alguns municípios. As condições climáticas ocorridas no início de outubro, com alta luminosidade e baixa incidência de chuvas foram favoráveis à cultura, mas o prolongamento da estiagem provocou prejuízos na maioria das lavouras, reduzindo o desenvolvimento das plantas, causando aborto de flores e formação de grãos em tamanho inferior ao normal. As lavouras apresentam-se bastante heterogêneas, encontrando-se lavouras com produção praticamente nula e lavouras com produtividade razoável (cerca de 600 kg/ha).

Além da quebra na produtividade média, a qualidade do produto é inferior a obtida em safras anteriores.



**FRUTÍFERAS**

As figueiras apresentam bom desenvolvimento, sendo necessária a aplicação de uréia em cobertura, logo

após uma chuva, para estimular o crescimento dos ramos e aumentar a produção. A ferrugem da folha é controlada com aplicação preventiva de calda bordalesa. As brocas, que perfuram a ponta dos ramos, são controladas com emprego de armadilhas luminosas, iscas ou inseticida adequado.

Os pessegueiros e ameixeiras novas estão sendo atacados por pulgões e brocas dos ponteiros, devendo ser realizado seu controle, quando o ataque é intenso, para evitar-se prejuízos ao desenvolvimento inicial das mudas. Adubação de cobertura com uréia ou sulfato de amônia também é benéfico nestes casos.

Com relação aos citros, há necessidade de controle de ácaros e cochonilhas para obtenção de frutos de bom valor comercial. Em breve a cooperativa disporá de produtos para controle destas pragas. Nos pomares comerciais há necessidade de observar a deficiência de micro-nutrientes, havendo necessidade de corrigir estas deficiências via aplicações foliares. Maiores informações poderão ser obtidas junto aos Deptos. Técnicos das Unidades.

**VIDEIRA**

Esta cultura vem apresentando bom desenvolvimento. A baixa umidade do ar é favorável à cultura, pois dificulta o ataque de doenças, principalmente da peronospora (mofo). Durante o mês de outubro tivemos um ataque tardio de Antracnose (pinta preta), causada pela ocorrência de ventos e noites frias. Daqui para a frente não é mais necessário o seu controle, pois a elevação da temperatura impede naturalmente o seu desenvolvimento. Há necessidade de tratamentos preventivos contra a peronospora (mofo), sendo recomendada a aplicação de calda bordalesa, por ser eficiente e de baixa toxicidade.

**QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA**

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Bói e Matzukase				12 m2 Matzukase Chumbinho				12 m2 Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraneer e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraneer e Maravilha verão		12 m2 Kagraneer e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rúcula, Couve, Alface, Rabanete, Repolho, Pepino, Cebola

Compre sementes de acordo com a área e o número de plantas que desejar cultivar

Um acordo entre os médicos e a Previdência garante atendimento aos agricultores até o final de novembro. Mas depois deste prazo, se não houver acerto, o boicote à assistência pode voltar



Os agricultores estão preparados. Se voltar o boicote, voltam também as manifestações de protesto no Estado

# Trégua suspende boicote

"Paz armada". É este o apelido que os próprios médicos do Estado deram à trégua que decidiram estabelecer com a superintendência do INAMPS, desde o dia 11 de novembro. A partir daquela data, o atendimento médico-hospitalar aos segurados rurais foi retomado em muitos municípios gaúchos, onde profissionais credenciados pelo INAMPS se recusavam a prestar assistência pelo sistema AIH (Autorização para Internações Hospitalares). Mas a trégua vai durar somente até o final de novembro, e o boicote dos médicos pode voltar, se o governo não cumprir com a promessa de apresentar uma proposta à categoria.

O sistema AIH para os rurais deveria ter sido implantado em todo o Rio Grande do Sul no dia 1º de outubro, com benefícios para os agricultores, que contariam com atendimento hospitalar igual ao prestado aos segurados urbanos. Mas os médicos suspenderam os serviços em mais de 80 municípios, em muitos deles com o apoio dos hospitais. A situação era considerada normal em poucas cidades, entre

as quais Ijuí, onde a assistência nunca foi suspensa.

## COMISSÃO

A reclamação dos profissionais já é conhecida: eles querem aumento nos valores pagos pelo INAMPS, pois argumentam que a remuneração pelos serviços prestados está defasada. O boicote criou um impasse entre médicos, agricultores e INAMPS, e no final de outubro levou uma comitiva da Fetag (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul) a Brasília. Lá, a entidade pediu o descredenciamento dos profissionais que se negam a atender e exigiu medidas da Previdência, mas — apesar das ameaças — nenhuma decisão foi tomada.

Somente no dia 11 de novembro, por iniciativa do Sindicato dos Médicos no Estado, a categoria assinou um acordo com o INAMPS, denominado pela própria entidade como "paz armada". Esse acordo irá vigorar até o final do mês, com atendimento aos agricultores, enquanto uma comissão de alto nível, integrada por técnicos indicados pelos médicos e pelo

INAMPS, estuda um possível reajuste nos valores pagos aos credenciados.

De qualquer forma, a situação ainda é um pouco confusa, como reconhece Severino Grechi, assessor da diretoria da Fetag. Acontece que os profissionais anunciaram que somente atenderão agricultores em enfermarias (quartos com vários leitos). Isso abriria a possibilidade de cobrança da famosa diferença, sempre que o atendimento fosse em quarto privativo. A verdade, no entanto, é que são poucos os hospitais gaúchos com enfermaria. "Nesse caso — lembra Grechi — as internações pelo INAMPS acontecem em quartos com apenas um paciente ou, algumas vezes, com dois".

## COTAS

O certo é que, apesar da trégua, nada garante que o atendimento aos rurais será normalizado no final de novembro. Os médicos exigem que o INAMPS pague,

pelo menos, valores equivalentes a 50 por cento da tabela de honorários da Associação Médica Brasileira. A reivindicação é considerada justa, assim como qualquer outro movimento por melhoria salarial, mas a forma como vem sendo conduzida e as consequências que provoca não têm, é claro, a simpatia dos agricultores.

Além deste, os segurados rurais enfrentam um outro obstáculo, relacionado com as cotas para internações, que estabelece limites no número de baixas mensais para cada hospital. O Hospital Bom Pastor, da Cotrijuí, em Santo Augusto, enfrenta problemas com essas cotas (veja matéria abaixo), assim como muitas outras casas de saúde do Estado. Para Severino Grechi, esta é uma questão que se resolverá com o tempo. "Mas é preciso lembrar — diz ele — que nenhum hospital pode se negar a internar um paciente, em caso de urgência, com o argumento de que sua cota está vencida".

## Cota para internações vence no meio do mês

O sistema de cotas adotado pela Previdência Social teria como objetivo impedir o excesso de internações hospitalares. De acordo com este sistema, cada hospital tem um número máximo de baixas mensais. A medida pode até parecer justa, numa época em que tanto se fala em abusos e fraudes contra o INAMPS. Mas os critérios para que essa norma seja posta em prática são surpreendentes. Ou talvez nem mesmo existam de fato, como demonstra a situação do Hospital Bom Pastor, mantido pela Cotrijuí em Santo Augusto.

Enquanto os agricultores enfrentam o boicote dos médicos, os hospitais, com as cotas, se vêm atados numa verdadeira camisa de força. É claro que isto repercute no atendimento prestado aos segurados. Alberto Tomelero, o administrador do hospital, observa que o Bom Pastor teria, com base neste sistema, o direito a uma cota total de 80 internações mensais para beneficiários urbanos e rurais da Previdência. O limite é muito pouco para uma casa de saúde que precisaria, no mínimo, de 120 internações para atender aos segurados.

## GENTE DE FORA

"Uma cota de 120 internações seria suficiente, mas mesmo assim com um controle rígido das baixas", diz ele, lembrando que o INAMPS determina os limites baseado na população do município. Mas a situação do Bom Pastor em Santo Augusto, assim como a de muitas outras casas de saúde, não pode ser baseada apenas neste dado. Afinal, o hospital atende também a segurados de outros municípios, como Coronel Bicaco, Chiapetta, Redentora e Ajuricaba, que representam de 25 a 30 por cento do total das internações.

"Ficamos numa situação difícil ao ter que explicar para um paciente que ele, mesmo descontando para a Previdência, não pode ser internado pelo INAMPS depois de completada a cota", observa Tomelero. No dia 12 de novembro, o Bom Pastor já havia realizado 65 internações, ou seja, ainda faltavam 18 dias para o encerramento do mês e restavam apenas mais 15 baixas da cota estabelecida. A prioridade, a partir daí, seria dada aos partos e aos casos de urgência.



Bom Pastor precisa de cota de 120 internações, segundo Tomelero

## REMANEJAMENTO

A regional do INAMPS em Ijuí é que decide, quando o limite é alcançado antes do fim do mês, se pode acontecer uma suplementação na cota. Isso ocorre se houver sobras nas cotas de outros hospitais da regional, como aconteceu no mês de outubro, quando o Bom Pastor pôde contar com baixas extras em função de sobras em Ijuí. Esse remanejamento talvez se transforme em rotina na região, onde hospitais de menor porte que o Bom Pastor têm um limite de baixas bem maior.

O Bom Pastor tem 80 leitos, 6 médicos efetivos, uma equipe de 18 pessoas na área de enfermagem e um total de 50 funcionários. O hospital possui inclusive suítes (apartamentos de luxo), para segu-

rados que podem pagar por um atendimento diferenciado. São estes pacientes, aliás, que tornam possível um equilíbrio entre receita e despesa, pois os valores pagos pela Previdência não cobrem os custos de uma internação.

"Mesmo com a AIH para os agricultores — diz Tomelero — as despesas não são totalmente cobertas pelo INAMPS". Os preços do material utilizado e dos medicamentos crescem bem acima da inflação, pois muita coisa é importada. Este ano, o número de internações está bem dividido entre urbanos e rurais, de acordo com o movimento registrado até outubro. Se a cota fosse aumentada para 120 baixas, o Bom Pastor poderia atender uns 70 beneficiários urbanos e outros 50 rurais por mês.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

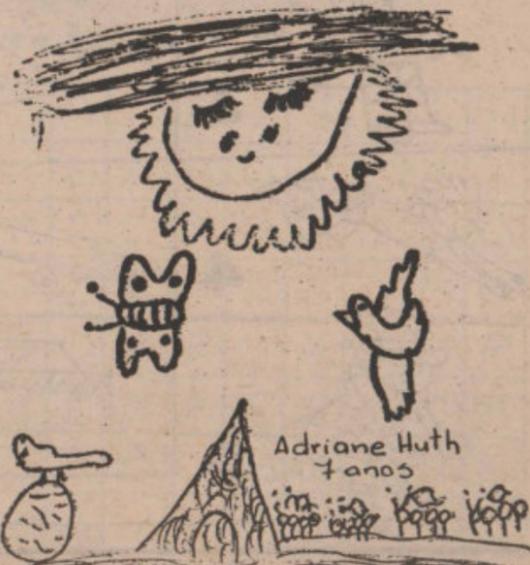
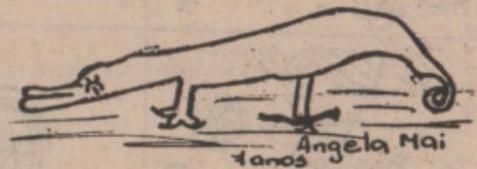
Coordenação: Maria Aparecida Pereira Mendes

# O lagarto medroso

Cecília Meireles

O lagarto parece uma folha verde e amarela.  
 E reside entre as folhas, o tanque e a escada de pedra.  
 De repente sai da folhagem, depressa, depressa, olha o sol, mira as nuvens e corre por cima da pedra.  
 Bebe o sol, bebe o dia parado, sua forma tão quieta, não se sabe se é bicho, se é folha caída na pedra.  
 Quando alguém se aproxima, — oh! que sombra é aquela? —

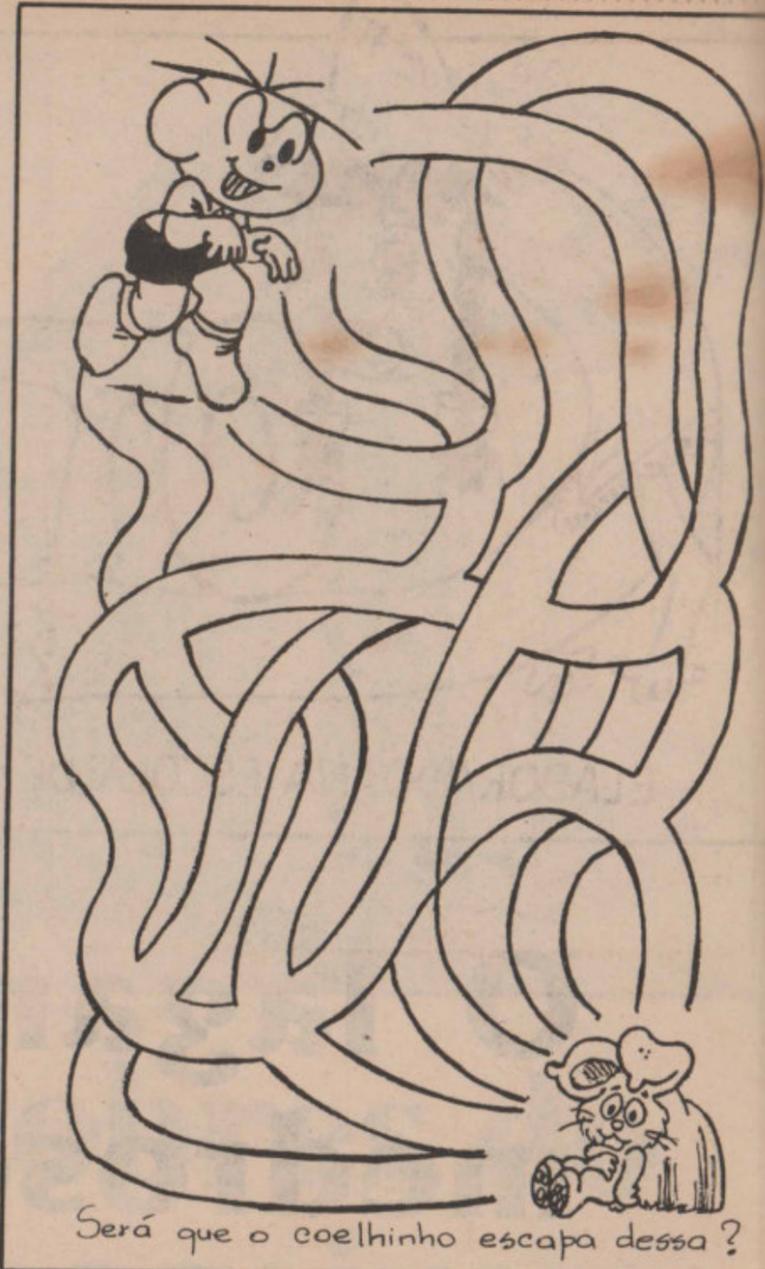
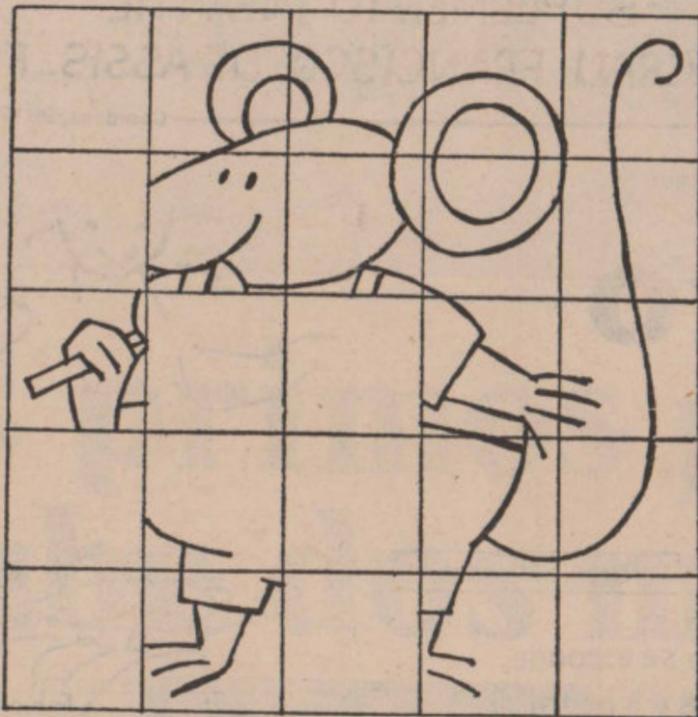
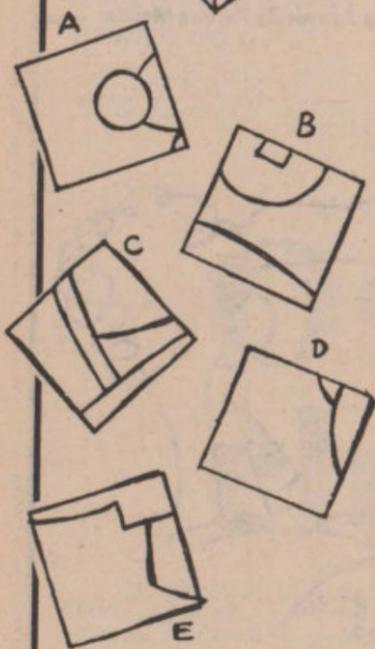
o lagarto logo se esconde entre as folhas e a pedra.  
 Mas, no abrigo, levanta a cabeça assustada e esperta: que gigantes são esses que passam pela escada de pedra?  
 Assim vive, cheio de medo, intimidado e alerta, o lagarto, (de que todos gostam) entre as folhas, o tanque e a pedra.  
 Cuidadoso e curioso, o lagarto observa.  
 E não vê que os gigantes sorriem para ele, da pedra.





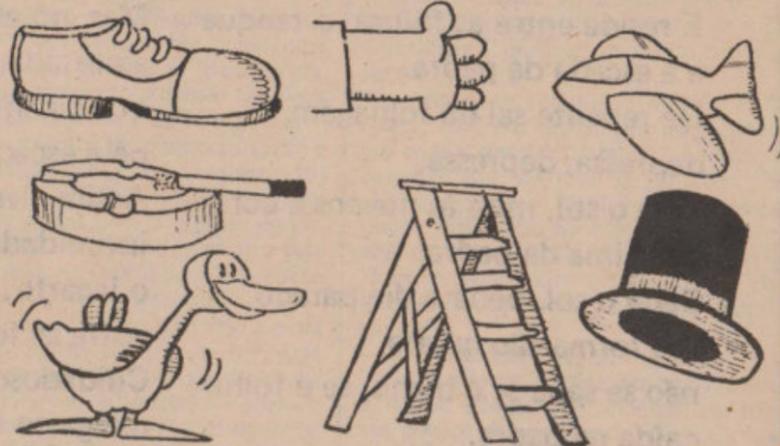
# Passatempo

Descobre, no desenho, onde estão estas partes.



Será que o coelhinho escapa dessa?

DESCOBRER, NO QUADRO DE LETRAS, NA HORIZONTAL → OU VERTICAL, O NOME DESTES DESENHOS.

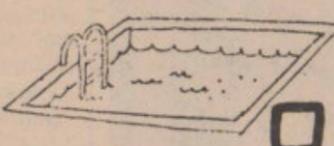
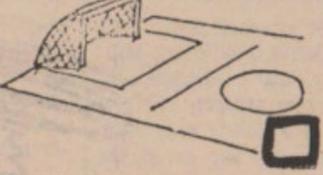
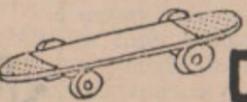
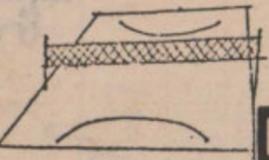


L E ã O H C A R T O L A C S N  
 P O N M C I H T C B C H T O T  
 E Q M R S S T H A S A D F T A  
 S P ã O N N M L J I V H G S B  
 C Q O R S E T H V X I A S T C  
 A H G F D S A I H G ã F D A E  
 D I S A P A T O J L O M N B F  
 A O N M L X V T S R Q P O C G  
 R Q P C I N Z E I R O H C D



EXISTE OUTRA PALAVRA ESCONDIDA, QUAL É?

Cada uma dessas crianças pratica um esporte. Observa suas roupas e coloca no quadrinho em branco o número correspondente.

 1	 <input type="checkbox"/>
 2	 <input type="checkbox"/>
 3	 <input type="checkbox"/>
 4	 <input type="checkbox"/>
 5	 <input type="checkbox"/>

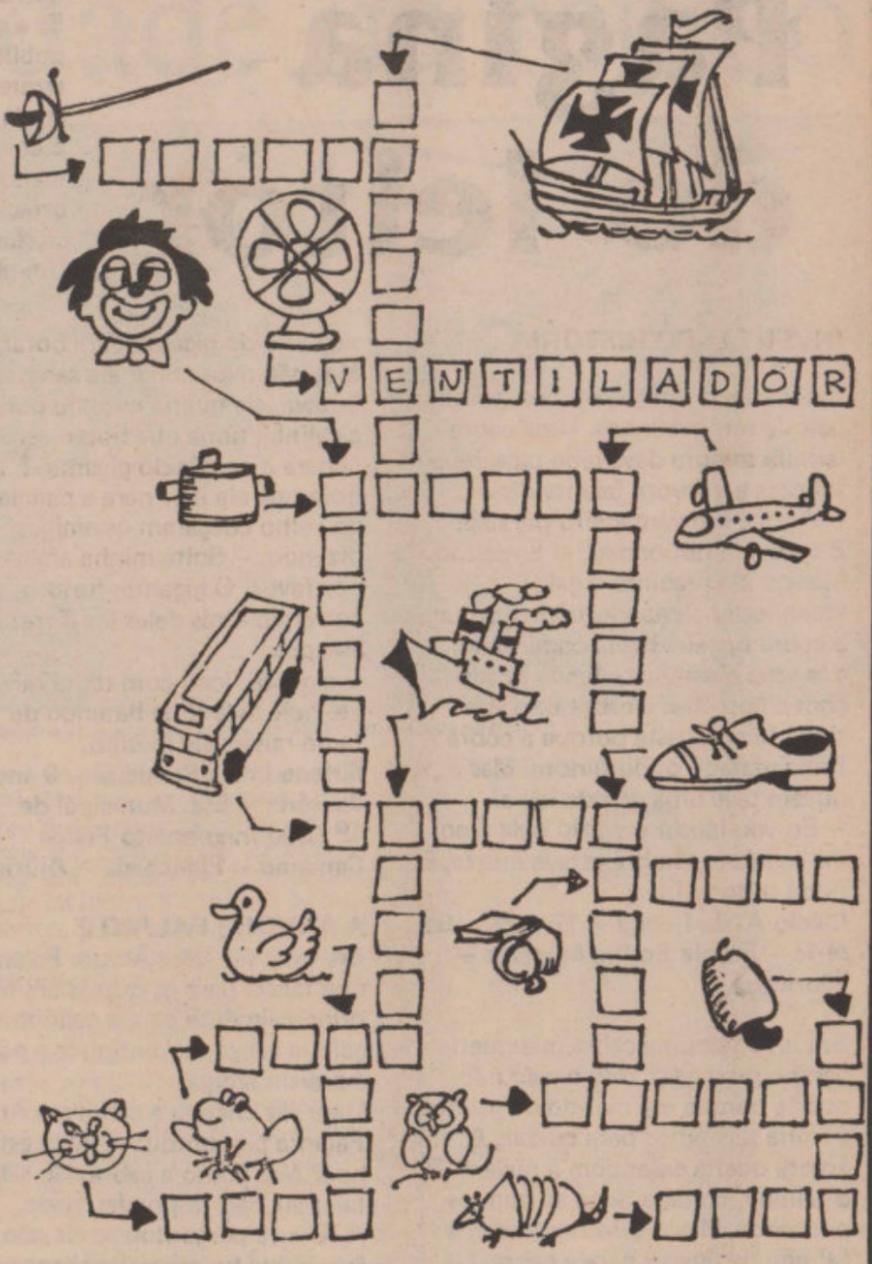


HIPOPÓTAMO  
ELEFANTE  
GIRAFA  
TUBARÃO  
JACARÉ  
LEÃO

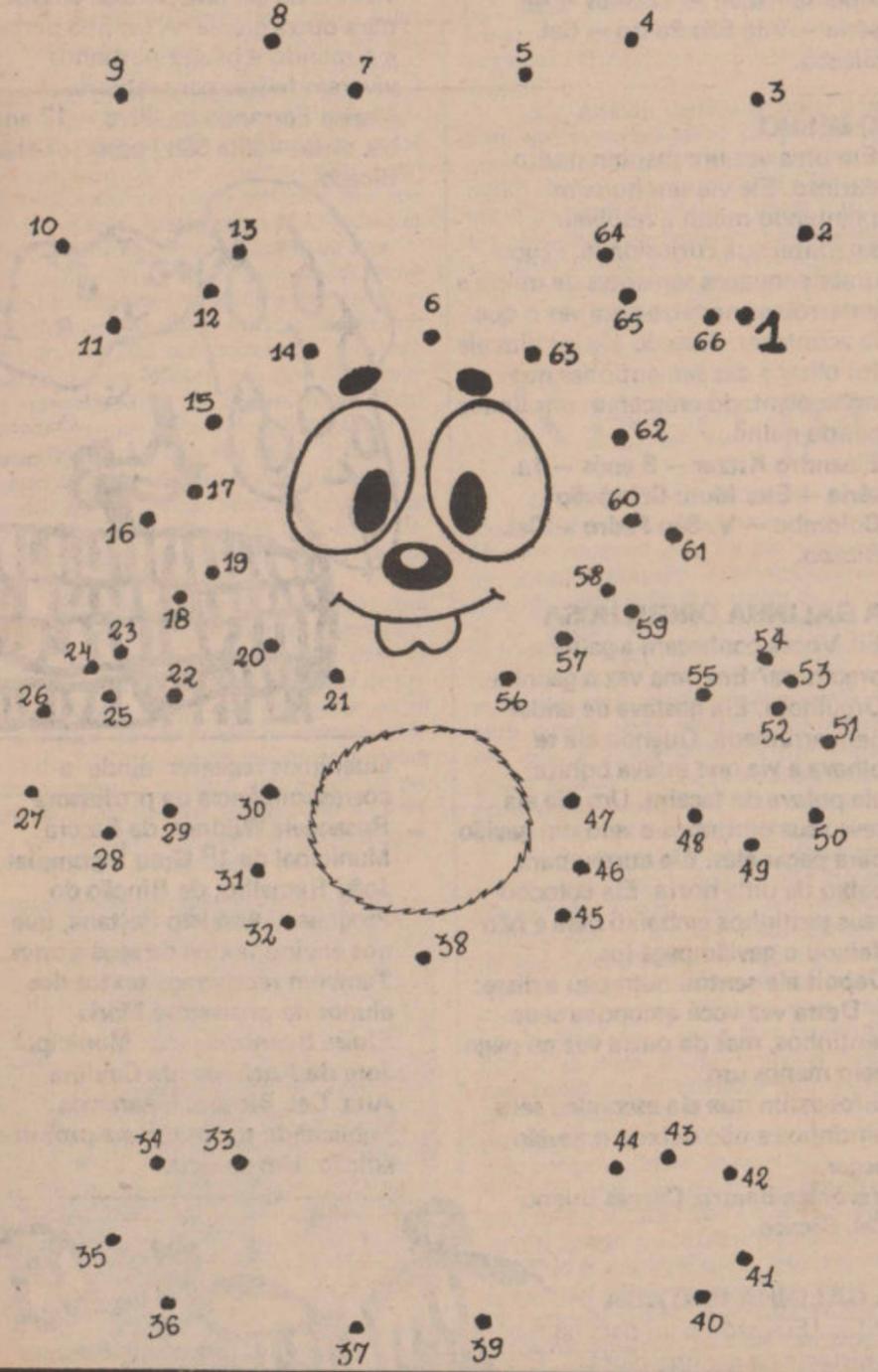
ZEBRA  
MACACO  
ONÇA  
PATO  
GALO  
ALCE  
PORCO  
GAVIÃO

Sublinhe os nomes dos animais que têm partes nesta estranha figura.

ESCREVE, NOS QUADRINHOS, O NOME DOS DESENHOS. CUIDA A DIREÇÃO DAS FLECHAS, SENÃO NÃO DA CERTO.



Ligue os pontos de 1 a 66 e veja o que vai formar.



o adivinha...

Um hipopótamo está sentado numa cadeira. Que horas são?



R: São horas de comprar uma cadeira nova.

Descobre, no sentido vertical e horizontal, as palavras: barraca - bola - pomba - canguru - violino.

S	B	X	C	G	F	R	T	J	L	S	N
C	O	I	A	U	A	B	U	X	Z	B	I
X	L	B	N	P	O	M	B	A	C	O	Q
H	A	H	G	Z	E	A	R	L	E	M	O
R	E	P	U	O	T	R	U	X	U	R	P
P	I	S	R	Z	B	A	R	R	A	C	A
N	R	T	U	R	K	U	E	Q	M	H	R
M	O	Z	E	A	V	I	O	L	I	N	O

# Página do leitor

Neste mês estamos publicando outras histórias de nossos leitores. Se a sua história ainda não foi publicada, não foi por esquecimento. Aguarde que ela ainda vai aparecer no Cotrisol. E continuem nos escrevendo. Nos mandem, também sugestões de brincadeiras, passatempos, palavras cruzadas. Estamos aguardando! Um abraço.



Fabiane Polita - 7 anos

## INVENTANDO HISTÓRIA

Era uma vez um galo e uma galinha, pais de seis pintinhos. Uma cabra leiteira sempre dava leite para seus filhotes e a árvore falante disse:

— Aqui é um verdadeiro paraíso! — E a nuvem respondeu: — É mesmo.

Mas no dia seguinte o galo amanheceu cantando triste porque a cobra rasteira havia comido um dos seus pintinhos e havia ficado com cinco. Mas a cabra também tinha ficado triste porque a cobra tinha matado o seu filhote. Mas a nuvem teve uma grande idéia!

— Eu vou lançar um raio nela e no dia seguinte a cobra estava morta. E ficou tudo feliz.

Clécio A. da Rocha — 12 anos — 6a. série — Escola Emílio Menezes — Ajuricaba.

Era uma vez uma cabra que queria casar com o galo, mas o galo não queria porque era marido da galinha e tinha seis filhos para cuidar. A árvore queria casar com a nuvem. E a galinha, coitada ficou só com os pintinhos. Mas o galo ficou com a galinha de novo e para a cabra apareceu um cabrito e tiveram muitos filhos. A árvore e a nuvem casaram e fizeram uma festa, convidaram todos os seus amigos e se divertiram para valer.

Cláudia E. da Rocha — 1a. série — 7 anos — Esc. de 1º Grau Incompleto 19 de Abril — Linha 18 — Ajuricaba.

## TEREZA E SEUS AMIGOS

Era uma vez uma galinha chamada Tereza que tinha muitos amigos que eram: uma árvore falante, um galo, uma nuvem, uma cabra e seis pintinhos. A galinha era muito gentil com os amigos que ela tinha. Mas um belo dia ela chegou no galinheiro, encontrou-se com seu dono, um velho gigante. Tereza ficou muito triste porque não ia poder ver mais seus amigos, pois ela ouviu o gigante falar que ela iria servir para uma boa sopa. Mas se ela está pensando isso, está muito enganada porque seus amigos já estão armando uma armadilha para o velho gigante. Certo dia Tereza estava sentada

na bacia do gigante para botar ovos. Mas não ovos como ela sempre botava, ele queria ovos de ouro e a galinha tinha que botar, senão ela ia para a panela do gigante. E na hora que ela ia ir para a panela do velho chegaram os amigos dizendo: — Solte minha amiga, por favor! O gigante, furioso, saiu correndo atrás deles e a Tereza escapou.

O gigante ficou com tanta raiva que até hoje está só se batendo de tanta raiva dele mesmo.

Sirlene Luzia Bandeira — 9 anos — 3a. série — Esc. Municipal de 1º Grau Incompleto Felipe Camarão — Planchada — Ajuricaba.

## A ÁRVORE FALANTE

Era uma vez uma Árvore Falante que falava para os outros animais, principalmente para a galinha, o galo, a cabra, os pintinhos e para a nuvem amiga.

Uma vez chegou a cabra e a Árvore Falante perguntou: — Você está boa? Mas como a cabra não sabia falar ela não respondeu nada.

A Árvore perguntou se ela não falava, ela balançou a cabeça para cá e para lá. Queria dizer que não falava e só sabia fazer assim: mé! mé! mé! E então a árvore não tinha com quem falar nem a galinha, o galo, os pintinhos e a nuvem. Mesmo assim não ficou triste, porque tinha um homem que vinha conversar com ela.

Um dia o homem veio prostrar e a árvore perguntou: — Como é o seu nome? Ele disse: — João Bandeira. E o João interrogou-a: — E a senhora, como se chama? Ela respondeu: — Árvore Falante. João estava muito contente por ter com quem conversar.

A partir deste encontro, quando queria distrair-se ele sabia onde encontrar uma amiga.

Marineuza da Costa — 11 anos — 4a. série — Esc. Mun. de 1º Grau Incompleto Felipe Camarão — Planchada — Ajuricaba.

## A GALINHA RUIVA

Ei! Vocês conhecem a galinha que se chama Ruiva? Bem, um dia ela tinha ovos para chocar, mas já havia

passado 7 dias do tempo previsto e os ovos não tinham descascado. A galinha Ruiva estava muito triste. Depois, uma velha galinha que era vizinha da galinha Ruiva, foi fazer-lhe uma visita. A Ruiva começou a dizer que estava preocupada com os ovos que estavam chocando. A galinha, vizinha da Ruiva, disse a ela que não precisava se preocupar, era só ela ter paciência que iam descascar os ovos e que iam nascer lindos pintinhos. Mas ela permanecia preocupada. Depois de ter passado 4 dias os ovos começavam a quebrar. Ela já estava mais calma.

No dia seguinte os ovos já tinham descascados. A galinha Ruiva foi na casa da vizinha e agradeceu-lhe por ela ter lhe aconselhado.

Contente, voltou para sua casa para cuidar dos filhotes.

Anelise Kitzer — 12 anos — 4a. série — Vila São Pedro — Cel. Bicaco.

## O MILHO

Era uma vez um menino muito curioso. Ele viu um homem plantando milho e resolveu satisfazer sua curiosidade. Pegou umas pequenas sementes de milho e enterrou-as na terra para ver o que ia acontecer. Passado alguns dias ele foi olhar e das sementinhas que tinha plantado cresceram uns lindos pés de milho.

Eleandro Kitzer — 8 anos — 1a. série — Esc. Mun. Cristóvão Colombo — V. São Pedro — Cel. Bicaco.

## A GALINHA ORGULHOSA

Ei! Vocês conhecem a galinha orgulhosa? Era uma vez a galinha Orgulhosa. Ela gostava de andar bem arrumada. Quando ela se olhava e via que estava bonita, ela pulava de faceira. Um dia ela teve seus pintinhos e veio um gavião para pegar eles. Ela correu para baixo de uma horta. Ela colocou seus pintinhos embaixo dela e não deixou o gavião pegá-los.

Depois ele sentou num pau e disse: — Dessa vez você escondeu seus pintinhos, mas da outra vez eu pego pelo menos um.

E foi assim que ela escondeu seus pintinhos e não deixou o gavião pegar.

Verônica Beatriz Carpes Bueno Cel. Bicaco.

## A GALINHA PINTADA

Oi!... Eu estou aqui para contar a história da galinha pintada. Ela era muito bonita e tinha lindas

cores. Era mãe de dez pintinhos iguais a ela e as galinhas que eram suas amigas e vizinhas eram feias. Umas ficavam furiosas por não terem uma beleza igual a dela. A galinha pintada tinha o seu marido que era bem amarelo, com manchas brancas e azuladas. Era muito bonito, como a galinha pintada. Um dia as suas vizinhas, que eram muito ciumentas, inventaram uma piada para a galinha pintada. E a vizinha falou tanta besteira para ela, que ela brigou com a vizinha. Nesse momento veio o marido da galinha pintada e disse: — Olha aqui, se vocês estão pensando que eu vou brigar com a minha mulher por causa de vocês, vocês estão muito enganadas. Vocês têm inveja dela ser bonita e vocês serem feias. Daí chegou um homem para levar a vizinha da galinha pintada e levou para outra granja. A galinha pintada e o marido e os dez pintinhos viveram felizes para sempre.

Marisa Ferrando da Silva — 12 anos 5a. série — Vila São Pedro — Cel. Bicaco.



Barbara Basso 4 anos

Queremos registrar ainda a correspondência da professora Rosângela Wildner, da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto João Ramalho, de Rincão do Progresso, Augusto Pestana, que nos enviou textos de seus alunos. Também recebemos textos dos alunos da professora Maria Eloisa Bueno, da Esc. Municipal José de Anchieta, de Coxilha Alta. Cel. Bicaco. Estaremos publicando todos eles na próxima edição. Um abraço.



Juliana Pasquali 7 anos



Tomás Callai - 7 anos